Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Segunda-feira, 5 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.513 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Público



Cinemas

Julho estancou a sangria, com o regresso de 1,6 milhões às salas

Cultura, 26/27



Jogos Olímpicos

Na final dos 100 metros, foi preciso *photo finish* para saber que Lyles ficou com o ouro

No ténis, Djokovic conquistou em Paris o ouro que faltava à sua carreira

Destaque, 2 a 7

Governo prevê formar mil imigrantes com apoio de 2,5 milhões ao turismo

A medida requer o recurso à rede de escolas do Turismo de Portugal e estágio nas empresas que adiram ao programa. Austrália, México e Coreia do Sul são as novas apostas do turismo nacional Economia, 22/23

Reino Unido Primeiro-ministro avisa participantes em motins racistas

REUTERS



O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, avisou ontem os participantes em motins racistas: "Vão-se arrepender." Depois de dias de violência racista e islamófoba, o chefe do Governo garantiu que será feito "tudo o que for preciso para levar os desordeiros à justiça". Tijolos atirados contra casas "porque somos britânicos", lojas pilhadas e ameaças a centros de refugiados marcam estes dias, com a polícia a deter pelo menos 147 pessoas desde sábado à noite Mundo, 18 e Editorial

Estudo ISCSP

Jovens querem mais informação e representação política

Política, 12/13

Entrevista

"Macron recusa reconhecer a realidade do voto"



Céline Hervieu, porta-voz do Partido Socialista francês

Mundo, 20/21

Câmara de Lisboa

Junta de Santa Maria Maior opõe-se a "hotel social"

Local, 17

ISSN-0872-1548

Noah Lyles, um ouro olímpico por cinco milésimos

Norte-americano venceu a final olímpica dos 100m em Paris por muito pouco. Kishane Thompson ficou com a prata, Fred Kerley ficou com o bronze

Marco Vaza em Paris

"O momento não é maior que eu." É nisto que acredita Noah Lyles e foi ele próprio que o disse num dos episódios de "Sprinter", documentário da Netflix dedicado à velocidade atlética. Tudo o que faz na pista está de acordo com essa crença. Mas ontem, ao final da noite em Paris, dez segundos depois da partida para a final dos 100m masculinos nos Jogos Olímpicos de Paris, houve um momento que foi maior do que ele. Lyles e os outros sete finalistas cortaram a meta e ninguém sabia quem tinha ganho. O título olímpico não estava nas suas mãos, mas na precisão das câmaras de "*photo finish*". Passaram uns segundos e veio a confirmação: por cinco milésimos, Noah Lyles foi campeão olímpico.

Foi assim que aconteceu. À hora marcada, todos os atletas foram chamados, um a um, para os blocos de partida, e eles surgiam na pista do Stade de France com grau variável de espectacularidade. Uns apenas foram a andar (como Jacobs), e Lyles foi o único que entrou a correr e a saltar, e foi até meio da pista só para deixar o público animado. Mais uns minutos e todos os finalistas se alinharam nos blocos. Tiro de partida e, menos de dez segundos depois, já estavam todos do outro lado, a olhar para o painel electrónico. O nome do vencedor ainda não estava lá. Em vez do tempo ao lado do nome de cada um, estava a palavra "*PHOTO*".

> **Este momento era aquele que eu queria, a batalha dura, os adversários fantásticos. Todos estavam bem, todos estavam preparados para a luta. E eu queria provar que sou 'o gajo' entre eles todos, que sou o lobo entre lobos**
>
> **Se consigo chegar às duas? 100%, os 200m são a minha melhor prova e, com um novo recorde pessoal nos 100m, sinto-me pronto**
>
> **Noah Lyles**

Logo depois, veio a grande revelação. Noah Lyles venceu com 9,794s, um novo recorde pessoal, e logo atrás veio o jamaicano Kishane Thompson, com 9,799s, e foi outro norte-americano, Fred Kerley (9,81s), a ficar com o bronze – foi o único a repetir o pódio em relação a Tóquio, onde tinha sido prata. Numa final em que todos ficaram abaixo dos dez segundos, o campeão olímpico Marcell Jacobs foi apenas quinto, com a sua melhor marca do ano (9,85s), e saiu da pista a coxear e com um dos joelhos enfaixado.

O norte-americano até teve o pior tempo de reacção a sair dos blocos e esteve sempre atrás da concorrência na primeira metade da corrida. Quando Thompson, que liderava, começou em desaceleração, Lyles, que estava em último até aos 50 metros, ainda estava a acelerar e foi mesmo em cima da meta que se decidiu, com a tal diferença mínima. E com outra diferença importante: dos blocos até à meta, Lyles deu 44 passadas, Thompson deu 45. Passaram mais 30 segundos até à explosão de alegria do norte-americano, que pegou imediatamente numa bandeira e foi a correr em direcção à mãe, que estava nas bancadas, enquanto o jamaicano derrotado ficava de cabeça baixa e soltava impropérios.

A final dos 100m já não se decidia ao milésimo desde os Jogos de Moscovo em 1980, quando o desempate



Noah Lyles com a bandeira dos EUA aos ombros depois de se tornar no hor

GONZALO FUENTES/REUTERS



nem mais rápido na final dos 100m

caiu para o lado do britânico Allan Wells em prejuízo do cubano Silvio Leonard. Desde então, a final mais renhida aconteceu em Atenas 2004, em que Justin Gaitlin bateu Francis Obikwelu por apenas um centésimo. Essa tinha sido, aliás a última final do hectómetro ganha pelos norte-americanos, que, depois, andaram sempre a correr atrás de Usain Bolt e, como toda a gente, ficaram de boca aberta com a surpresa de Marcell Jacobs em Tóquio há três anos.

"Sou incrível"

Se ainda não está propriamente perto do recorde mundial de Usain Bolt (9,58s), a verdade é que Noah Lyles tem feito valer a sua aposta nos 100m, ele que começou por ser um especialista dos 200m (distância em que foi bronze há três anos). Nos "*trials*" americanos para os Jogos de Tóquio, ele tinha sido apenas sétimo nos 100m, mas, em 2023, já era campeão mundial da distância, um título conquistado em Budapeste.

E apresentava-se em Paris como um candidato, não a um, não a dois, mas a três títulos – algo que Bolt fez em três edições consecutivas. Um já está, ficam a faltar os 200m e os 4x100m. Parece claro que é o jamaicano que Lyles quer imitar. É sempre o mais efusivo na pista, antes e depois de correr, é carismático, desbocado e gosta de provocar – e arranjou um "problema" com meia NBA ao dizer que os campeões do basquetebol norte-americano não tinham nada que se classificar como campeões do mundo, ao contrário dele, que já tinha vários títulos.

"Este momento era aquele que eu queria, a batalha dura, os adversários fantásticos. Todos estavam bem, todos estavam preparados para a luta. E eu queria provar que sou 'o gajo' entre eles todos, que sou o lobo entre lobos", foram as primeiras palavras de Lyles, depois de toda a festa na pista. E, com grande candura perante os microfones, admitiu que pensava não ter ganho a final. "Tenho de ser honesto, fui ter com o Kishane e disse-lhe, 'irmão, acho que esta foi tua. Estava preparado para ver o nome dele, mas quando vi o meu nome, o que pensei foi: sou incrível."

Incrível nos 100m, e esta nem sequer é a sua melhor prova. A seguir, quer mais – e nem sequer vamos falar de como vai ser daqui a quatro anos, quando os Jogos Olímpicos forem em Los Angeles. "Se consigo chegar às duas? 100 por cento, os 200m são a minha melhor prova e, com um novo recorde pessoal nos 100m, sinto-me pronto", disse, antes de perguntar à jornalista como é que classificam o vencedor dos 100m nos Jogos Olímpicos. A resposta foi simples, o homem mais rápido do planeta. Para este momento, Noah Lyles só teve uma palavra. "Amém."

Atletismo

Com Simwaka na pista ouve-se "*on your marks*", "*set*" e... pontapé na bola

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Saudação ao mundo. Sorriso para a televisão. Respirar fundo. Pés no bloco de saída. Silêncio. *On your marks*. *Set*. Tiro! Assim foi a manhã de Asimenye Simwaka, futebolista do Malawi. Confuso? Nós também. "Sim, sou a avançada da selecção nacional de futebol", disse ao PÚBLICO, depois de acabar os 100 metros femininos nos Jogos Olímpicos. Sempre era mesmo verdade.

Esta frase ficou abafada numa zona mista na qual os holofotes estavam em Jakob Ingebrigtsen e na afegã Kimia Yousofi – e também foi isso que permitiu uma conversa mais calma com esta atleta do Malawi, de 26 anos, porta-estandarte na cerimónia no Sena.

Assumiu estar genuinamente surpreendida e feliz por alguém querer falar com ela – nós, por outro lado, ficámos surpreendidos e felizes por ninguém querer falar com ela.

Ao PÚBLICO, atreveu-se a dizer que é a craque da selecção nacional do Malawi, mas a própria saberá que se "esticou": o Malawi é o país de Tabitha Chawinga, jogadora do Lyon e melhor marcadora do futebol mundial em 2023. Mas vamos dar o benefício da dúvida.

"A precisar de dinheiro"

"A minha carreira desportiva começou como futebolista. Mas, em 2019, ouvi na rádio que ia haver um cortamato em Mzuzu, perto de onde vivo, e fui lá só para me divertir. Inscrevi-me e acabei em primeiro. Era a primeira vez que corria!", dispara, tendo o carisma de piscar o olho, em jeito de "por esta não esperavas tu…". E tem razão.

"Lembro-me de tudo desse dia. E nunca me esquecerei. Nem queria acreditar que tinha conseguido o ouro contra atletas a sério. Eu nunca tinha treinado atletismo sequer."

A atleta conta que nessa altura não tinha dinheiro algum. "Estava mesmo a precisar de dinheiro. Recebi o prémio dessa prova e entreguei aos meus pais, para reporem a despensa", conta.

Actualmente, Simwaka define-se como futebolista e velocista. "Costumo jogar na ala direita ou a avançada. Na próxima convocatória da selecção vou lá estar", garante, com confiança, uma atleta que já marcou golos em provas continentais pela selecção africana – foi campeã da Cosafa 2023, prova entre países do Sul do continente.

Questionada sobre que modalidade escolhe se tiver duas competições em simultâneo, Simwaka nem pestanejou: "Sem dúvida, o atletismo." E explica: "Prefiro atletismo, porque é algo individual e posso focar-me em mim própria. No desporto de grupo é muito diferente. No atletismo vou a alguma competição e foco-me em mim e represento o país em nome próprio."

Faz sentido, até porque estamos a falar da recordista nacional dos 100, 200 e 400 metros, que já tinha estado em Tóquio, 17 meses depois de descobrir o talento para o atletismo.

Mas Simwaka assume que "nem sempre é fácil conciliar as duas coisas", algo que nem precisava de dizer: basta ler na imprensa do país que já houve disputas intensas entre as federações de atletismo e futebol, ambas a precisarem de Simwaka livre para estágios em simultâneo.

Treina na rua

Nesta fase da carreira, aos 26 anos, Simwaka não é uma futebolista de renome – joga no Malawi Defence Forces, equipa ligada ao Exército, onde a atleta é militar, depois de não ter conseguido cumprir o sonho de ser enfermeira.

> **Nem queria acreditar que tinha conseguido o ouro contra atletas a sério. Eu nunca tinha treinado atletismo sequer**

Mas também não é uma velocista de primeira, segunda ou mesmo terceira linha – passou a ronda preliminar, destinada às atletas menos fortes, mas caiu na segunda ronda, com um dos piores tempos.

Mas tem uma explicação para isso. A explicação mais específica é que se lesionou na primeira corrida e correu a segunda com dores e com a perna "entrapada" – e estava a dar-nos uma entrevista sem esconder esgares de dor sempre que mexia a perna.

– Essa perna não está nada bem…

– Não está, não. Mas podemos continuar a falar, estou a adorar!

E continuámos.

A explicação mais geral para o relativo insucesso olímpico – relativo porque nem a própria cria numa medalha – obriga-a a falar do seu país e de uma sina abordada por vários atletas de países em desenvolvimento: "Não temos uma boa pista para treinar. Vou para a rua e faço as minhas corridas no asfalto. Às vezes, nem isso há. É duro correr no Malawi."

"E não gostaria de sair do país?", perguntámos, embalados pela história de Filomenaleonisa Iakopo, com quem tínhamos falado minutos antes. "Quem me dera! Seria um sonho. Seria incrível poder ir para fora e melhorar o meu desempenho. Mas preciso dessa oportunidade. Não tive o convite", lamentou.

Se tiver esse convite, ainda irá a tempo de evoluir e, quem sabe, concretizar um sonho muito específico. "No atletismo, as minhas referências são a Sha'Carri Richardson e a Shelly-Ann Fraser. Um dia vou batê-las. É o meu objectivo. Vai ver."

ALINA SMUTKO/REUTERS



Asimenye Simwaka (à dir.) a competir durante a sua série dos 100m

Ténis

Novak Djokovic conquistou o ouro que faltava à sua carreira

VIOLETA SANTOS MOURA/REUTERS



O sérvio Novak Djokovic com a medalha de ouro olímpica ao peito, a primeira da sua carreira, depois de ter derrotado na final o espanhol Carlos Alcaraz

Pedro Keul

O tenista de 37 anos cumpriu o sonho de dar à Sérvia uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos

Como diria Tata, através de um pequeno cartaz que exibiu nas bancadas do court Philippe-Chatrier, o "meu pai é o melhor". Aos 37 anos, Novak Djokovic confirmou a declaração da filha ao tornar-se no quinto tenista a juntar a medalha de ouro olímpica aos títulos nos quatro *majors*, imitando Andre Agassi, Steffi Graf, Rafael Nadal e Serena Williams. A vitória sobre Carlos Alcaraz numa intensa final de quase três horas para apenas dois *sets* deu ao sérvio de 37 anos aquilo que ele procurava desde que, na primeira de cinco participações nos Jogos Olímpicos, há 16 anos em Pequim, conquistara a medalha de bronze.

"Querida Sérvia, Conseguimos, Amor, Nole", escreveu nas redes sociais acompanhado de um coração e uma medalha, logo após derrotar o espanhol 16 anos mais novo, por 7-6 (7/3), 7-6 (7/2). Djokovic é o primeiro tenista a conquistar o ouro olímpico sem ceder um *set*, tendo somente cedido três partidas no *tie-break*; o outro foi nos quartos-de-final, diante de Stefanos Tsitsipas.

Na final entre o mais velho e o mais novo finalistas do torneio olímpico desde a sua reintrodução em 1988, o equilíbrio ficou patente desde o início com muitos jogos decididos nas vantagens. No total do primeiro *set*, foram 13 *break-points* anulados por ambos, oito dos quais para Alcaraz, e o quinto do sérvio foi mesmo um *set-point* a 5-6.

No *tie-break*, uma resposta fulminante de Djokovic deu-lhe uma vantagem que estendeu até 6/3. E foi na rede que aproveitou a primeira oportunidade de fechar a partida de uma hora e 33 minutos.

O segundo *set* só registou um *break-point*, para Djokovic, que, em novo *tie-break*, acabou por ser o mais determinado e mais forte mentalmente, para chegar a 6/2, antes de concluir ao fim de duas horas e 50 minutos.

"Uma incrível batalha. Quando ganhei o último ponto, foi o único momento em que acreditei que podia ganhar. Ele também teve oportunidades e foi justo decidirmos os *sets* no *tie-break*... ainda estou em choque. Pus o coração, alma, corpo, família, tudo para conquistar o ouro e aos 37 anos consegui. É o prémio por competir pelo meu país, é algo especial. Não me senti tão nervoso antes desta final porque já tinha garantido uma medalha quando venci nas meias-finais", afirmou Djokovic ainda no court. Curiosamente, este foi também o primeiro título e a primeira vitória sobre um adversário do top 10 em 2024 para Djokovic.

As dúvidas quanto à concretização deste feito sempre estiveram presentes, mas a crença e a convicção foram maiores. "Os Jogos Olímpicos acontecem a cada quatro anos, logo a oportunidade de ganhar ouro para o nosso país é muito rara, e sabia do facto de que tenho 37 anos. Tive de tentar silenciar todo o barulho à minha volta e focar-me no que é preciso ser feito no court. E essa é a maior batalha a vencer", afirmou Djokovic já na conferência de imprensa.

A emoção sentida desde o momento do *match-point* deverá manter-se por vários dias, pois o próprio adiantou mal poder "esperar pelo que está por vir nas próximas 48 horas". "Estou superemocionado por ter conseguido fazer isso aqui da forma que fiz, contra um tipo que é o melhor do mundo neste momento. Estou nas nuvens. Tudo o que senti naquele momento em que realmente ganhei superou tudo o que eu pensava ou esperava que fosse. Pensava que levar a bandeira na cerimónia de abertura [nos Jogos de Londres] era a melhor sensação de todas até experimentar isto hoje. E estar naquele court com a bandeira da Sérvia hasteada, a cantar o hino da Sérvia, com o ouro ao pescoço, acho que nada supera isso em termos de desporto profissional. Definitivamente destaca-se como a maior conquista desportiva que tive", reconheceu.

Sendo o único homem a vencer todos os quatro Grand Slams (no total de 24 títulos), os Jogos Olímpicos, as ATP Finals e todos os nove diferentes torneios da categoria Masters 1000, estará o palmarés de Djokovic completo? "Sim, está completo, porque completei todas as conquistas com esta medalha de ouro, mas não, porque adoro este desporto. Não jogo apenas para ganhar torneios. Ainda quero jogar em Los Angeles", adiantou o sérvio, apontando aos próximos Jogos Olímpicos, onde poderá competir com 41 anos.

Também Alcaraz não conseguiu conter a emoção quando foi entrevistado ainda no court e precisou de alguns segundos para parar as lágrimas. Na cerimónia de entrega de medalhas, o jovem espanhol reapareceu com o seu habitual sorriso e "a cabeça levantada após uma tremenda batalha", como escreveu nas redes sociais, onde deu os parabéns a Djokovic.

A encerrar o torneio olímpico, Sara Errani, igualmente de 37 anos como Djokovic, imitou o sérvio conquistando o Career Golden Slam, na variante de pares femininos. A italiana é apenas a sétima na história a fazê-lo, depois de Pam Shriver (1988), Gigi Fernandez (1993), Serena Williams (2001), Venus Williams (2001), Barbora Krejcikova (2022) e Katerina Siniakova (2022), que também ganharam os quatro *majors* e o torneio olímpico. Errani fez equipa com a finalista de singulares de Roland Garros e Wimbledon, Jasmine Paolini, para derrotar na final as russas a competir sob a designação AIN (Atletas Individuais Neutros) Mirra Andreeva e Diana Shnaider, por 2-6, 6-1 e 10/7.

Mais importante que as provas

Os atletas da Palestina vieram aos Jogos pela diplomacia

Marco Vaza, em Paris

Layla Almasri é uma de oito atletas a representar a causa palestiniana nos Jogos Olímpicos

A Palestina não é um membro de pleno direito das Nações Unidas, mas é reconhecido como tal pelo Comité Olímpico Internacional (COI). Desde Atlanta 1996 até Paris 2024, a Palestina já teve 35 atletas a competir em oito edições dos Jogos.

O primeiro de todos, um fundista chamado Majed Abu Maraheel, foi o primeiro a levar a bandeira da Palestina numa cerimónia de abertura, antes de participar nas eliminatórias dos 10 mil metros e ficar em último, com o pior tempo. Ainda jogou futebol, fez parte da guarda pessoal de Yasser Arafat e tornou-se treinador de atletismo. Em Junho passado morreu, com insuficiência renal, num campo de refugiados na Faixa de Gaza, sem qualquer possibilidade de tratamento.

Há 28 anos, Maraheel foi o primeiro palestiniano nos Jogos. Em Paris, Layla Almasri foi a 33.ª, inscrita para competir nas eliminatórias dos 800m femininos. Naquela manhã, no Stade de France, a partir da pista um, com vista para o marcador que mostra o recorde mundial de Jarmila Kratochvilova (1m53,28m, o mais antigo do atletismo feminino), Almasri lança-se na sua corrida que será a dois durante volta e meia, a par de Amal Al Roumi, do Kuwait, mas que será solitária nos últimos 200m. Esta não é a sua especialidade e não corria a distância há dois anos, mas estabelece um novo recorde da Palestina, 2m12,21s.

Layla Almasri sabe o que vale e não tem ilusões quanto ao seu valor nesta prova – e irá ficar pela mesma posição na corrida de repescagem. Mas também sabe que a sua responsabilidade nestes Jogos vai para lá do que dar duas voltas à pista. É uma atleta, mas também tem de ser diplomata pela bandeira que tem no peito e tatuada num dos tornozelos.

"É um desafio. Somos diplomatas e atletas. Sendo atletas, esta é uma plataforma única para falarmos sobre o que se está a passar", diz Layla Almasri, uma norte-americana nascida no Colorado que corre pela terra dos pais.

Almasri é uma de oito atletas da Palestina nos Jogos de Paris. Dois deles nasceram na Cisjordânia, os restantes vêm da diáspora – Almasri e a nadadora Valerie Tarazi nasceram nos EUA, Omar Ismail, do taekwondo (que ainda não competiu), nasceu nos Emirados, o nadador Yazan Al Bawwab nasceu na Arábia Saudita, o judoca Fares Badawi nasceu na Síria e vive na Alemanha, o atirador Jorge Salhe é do Chile. O meio-fundista Mohamed Dwedar nasceu em Jericó, o pugilista Wasim Abusal é de Ramallah.

Não há atletas de Gaza nesta comitiva. Em Tóquio havia um, o halterofilista Mohammed Hamada, que foi o porta-estandarte na cerimónia de abertura – foi 13.º na sua categoria (96kg). Durante a guerra, foi obrigado a carregar 500 litros de água todos os dias, perdeu peso, lesionou-se num joelho e já não conseguiu chegar a Paris. E Layla Almasri fala de Tamer Qaoud, um jovem corredor "com muito talento" que continua em Gaza a tentar sobreviver, e a ver os Jogos Olímpicos pela televisão, numa tenda de um campo de refugiados. "Neste conflito, só em atletas, perdemos mais de 300. Perdemos treinadores que eu conhecia, perdemos o primeiro atleta olímpico da Palestina [Maraheel]", refere.

"Somos diplomatas e atletas. Sendo atletas, esta é uma plataforma única para falarmos sobre o que se está a passar"

Pela voz de Layla Almasri, norte-americana de 25 anos, percebemos o que motiva estes oito atletas nos Jogos Olímpicos. Ela só esteve uma vez nas Cisjordânia, a visitar a cidade onde os pais nasceram (Nablus), mas convive com esta herança todos os dias.

"Vou a manifestações pró-Palestina desde os três anos. Desde que nasci, aprendi muitos dos nossos valores, os meus pais ensinaram-nos a amar o nosso país e sempre nos disseram o que se passa por lá. Acho que as pessoas só agora é que estão a abrir os olhos", conta a atleta, que corre pela Palestina desde 2023.

Em Paris, os oito atletas palestinianos não podem fugir aos microfones da imprensa internacional. Mas não querem fugir, aproximam-se. Sentem que têm de passar uma mensagem sobre o que está a acontecer em Gaza. "Isto acontece há mais de 75 anos e o mundo está a despertar para isto agora. Eu estou envolvida nesta causa desde sempre. Como palestinianos, merecemos ter direitos, liberdade de movimento, e os outros países têm de parar de mandar armas para Israel, esta é a principal mensagem, o que queremos é paz."

Sem segurança

Layla Almasri, atleta a nível escolar e universitário, foi desafiada pelo seu treinador a representar a Palestina a nível internacional. Começou a pensar nisso em 2019 e tudo se compôs em Março de 2023, quando a World Athletics aprovou o seu pedido de mudança de nacionalidade desportiva. Já participou nos Jogos Asiáticos, nos Jogos Árabes, em corridas de pista e de corta-mato com a bandeira da Palestina. Agora, está nos Jogos Olímpicos.

"Na aldeia olímpica, todos nos receberam bem. Tem sido uma experiência incrível", diz a atleta. E interacções com a equipa de Israel? "Já os vimos por aqui, mas estamos focados em nós."

Layla Almasri sente-se afortunada por isto e pelo raio de sorte que lhe permitiu ter uma vida longe do conflito – foi a decisão do pai em mudar-se aos 18 anos para estudar nos EUA.

Mas o conflito persiste. E Layla Almasri, a atleta-diplomata que nasceu na América e que corre pela Palestina, sente o coração a partir-se todos os dias. "É difícil ver mulheres com a cara da minha mãe, crianças que são iguais a mim. Sinto que tive um raio de sorte em poder viver onde não tenho de enfrentar isto todos os dias. Mas ver a minha cara na cara de uma rapariga [em Gaza] é difícil. É como estar a ver-me ao espelho."

FRANCK ROBICHON/EPA



Layla Almasri, com a bandeira da Palestina, nos Jogos Olímpicos

OLIVIER HOSLET/EPA



Eduardo Marques em acção na sua embarcação nas águas junto a Marselha

Vela

Portugueses em boa posição para entrarem na luta pelas medalhas

David Andrade

Eduardo Marques em Dinghy, Diogo Costa e Carolina em 470 misto e Mafalda Pires de Lima no Kite estão em bom plano

Os quatro velejadores portugueses que estão a competir nos Jogos Olímpicos de 2024 continuam a ter bons desempenhos na baía de Marselha, mantendo todos boas hipóteses de conseguirem entrar nas regatas finais, onde serão atribuídas as medalhas.

Em Dinghy, Eduardo Marques compensou uma desclassificação na sétima regata com um terceiro lugar na seguinte e, hoje, parte na 11.ª posição para os dois percursos finais. Já em 470 misto, Diogo Costa e Carolina João subiram à sétima posição depois de terem sido segundos e quartos nas duas ligações do dia, enquanto a portuense Mafalda Pires de Lima concluiu na 13.ª posição da geral a primeira jornada do *Kite* feminino.

Nas três classes em que há portugueses a competir em Marselha, a que está mais próxima do seu final é a de Dinghy, e Eduardo Marques mantém boas possibilidades de conseguir entrar na "*medal race*". Depois de no sábado ter estado em evidência ao vencer a sexta regata, o velejador português, de 30 anos, entrou no quarto dia de prova na nona posição, mas foi desclassificado na sétima regata, por ter infringido a regra da bandeira preta na largada: nenhuma parte do casco da embarcação pode estar no triângulo formado pelas extremidades da linha de largada e a primeira marca de percurso no minuto antes da partida.

A penalização colocava Eduardo Marques numa posição complicada na luta pelo top 10, mas a resposta do velejador da antiga classe Laser foi muito positiva; na segunda corrida do dia, terminou o percurso na terceira posição, passando a somar 101 pontos, a apenas dois do 10.º classificado, ocupado pelo irlandês Finn Lynch, posição que dá acesso à "*medal race*".

2

Eduardo Marques estava, a duas regatas do fim, apenas a dois pontos de ir à "*medal race*"

7

A posição que Carolina João e Diogo Costa ocupam em 470 misto ao fim de seis regatas

Assim, Marques, que já foi 5.º, 3.º e 1.º em Marselha – o melhor que Lynch conseguiu foi um 7.º lugar –, partirá para as duas últimas regatas antes da "*medal race*", que será amanhã, com boas possibilidades de conseguir ultrapassar o irlandês.

Confirmando o estatuto de potenciais medalháveis com que chegaram aos Jogos, Carolina João e Diogo Costa estão, após estarem cumpridas seis das dez regatas antes da "*medal race*", em sétimo lugar. Em Marselha, a dupla portuguesa teve um excelente dia, conseguindo terminar as regatas disputadas na 2.ª e na 4.ª posição. Com os seis pontos somados, Carolina João e Diogo Costa subiram ao sétimo lugar, com 39 pontos – estão a quatro do quinto lugar.

Finalmente, na prova feminina do *Kite*, Mafalda Pires de Lima concluiu o primeiro dia da classe em 13.º. A portuense, de 26 anos, somou 35 pontos, depois de ter sido oitava na primeira regata, 14.ª na terceira e 13.ª na quarta, eliminando para já o 16.º posto do segundo percurso.

No *Kite* feminino, que terá um total de 16 regatas, passam à final as duas primeiras da qualificação geral, enquanto as classificadas entre o terceiro e o 10.º lugar serão apuradas para as meias-finais.

Agenda dos portugueses

PARIS 2024

As horas estão no horário de Lisboa

Hoje

Hora	Atleta	Prova	Fase
7h00	**Batista, Vilaça, Tomé, Santos**	Triatlo estafeta mista	Final
10h20	**João Coelho**	400m M	Repescagem
10h55	**Cátia Azevedo**	400m F	Qualificação
11h03	**Mafalda Pires de Lima**	*Kite* F	Regatas 5, 6, 7 e 8
11h50	**Lorene Bazolo**	Atletismo 200m F	Repescagem
13h00	**Duarte Seabra**	Equestre Saltos	Qualificação
13h45	**Eduardo Marques**	Vela Dinghy	Regatas 9 e 10
14h00	**Equipas**	Ténis de Mesa	Qualificação
14h55	**Carolina João/Diogo Costa**	Vela 470 misto	Regatas 7 e 8
19h30	**Irina Rodrigues**	Atletismo disco F	Final

Finais

Hoje

Modalidade	Prova	Hora
Triatlo	Estafeta Mista	7h00
Tiro	Pistola 25m M	8h30
Badminton	Singulares F	9h55
Ginástica artística	Paralelas M	10h45
Ginástica artística	Trave F	11h38
Ginástica artística	Barra M	12h33
Ginástica artística	Solo F	13h23
Badminton	Singulares M	13h30
Tiro	*Skeet* equipas mistas	14h00
Canoagem	Kayak cross F	15h43
Canoagem	Kayak cross M	15h48
Atletismo	Salto com vara M	18h00
Ciclismo	Sprint equipas F	18h46
Atletismo	Disco F	19h30
Atletismo	5000m F	20h15
Atletismo	800m F	20h47
Basquetebol	3x3 F	21h00
Basquetebol	3x3 M	21h30
Surf	Masculino	21h46
Surf	Feminino	22h27

Medalheiro

	●	●	●	**Total**
1. **EUA**	19	26	26	71
2. **China**	19	15	11	45
3. **França**	12	14	18	44
4. **Austrália**	12	11	8	31
5. **Grã-Bretanha**	10	12	15	37
6. **Coreia do Sul**	10	7	7	24
7. **Japão**	9	5	10	24
8. **Itália**	7	10	5	22
9. **Países Baixos**	6	5	4	15
10. **Alemanha**	5	5	2	12
61. **Portugal**	0	0	1	1

PIROSCHKA VAN DE WOUW/REUTERS



PETER CZIBORRA/REUTERS



David de Pina de joelhos depois de ter vencido o combate que lhe deu a medalha de bronze

Boxe

David "não era ninguém", andou nas obras e ganhou um bronze para Cabo Verde

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

O pugilista deu ao país a primeira medalha em Jogos. No final, disse que se não lhe derem melhores condições deixa o boxe

Cabo Verde participa nos Jogos Olímpicos desde 1996, pelo que foi preciso esperar 28 anos para a nação africana descobrir um metal precioso no desporto. Ele chegou ontem e veio da categoria de -51kg do boxe. O país conquistou uma medalha de bronze, mas descobriu a sua nova mina de ouro.

A mina chama-se David de Pina, um pugilista "que não era ninguém", palavras do próprio, que em Setembro trabalhava dez horas por dia nas obras e que conquistou, em Paris, a primeira medalha da história do país em Jogos Olímpicos. Não foi ouro, foi bronze, mas sabe-lhe à medalha mais alta do espectro olímpico.

Como um dia se disse sobre outras batalhas, esta conquista de David de Pina reveste-se de sangue, trabalho, lágrimas e suor. E ele faz questão de deixar isso claro para todos.

"Sou um simples cabo-verdiano, que não era ninguém", disse o atleta, antes da final. Depois da final, perguntámos-lhe se contava, depois disto, passar a ser alguém. "Acredito que agora sim. As pessoas sentem o que eu fiz. Sentem o meu boxe. Entrei nos quatro melhores do mundo – e melhor de África. Hoje, as pessoas reconhecem o meu talento. E, pelo que passei, mereço ser reconhecido", apontou, na Arena Paris Nord, onde na meia-final perdeu de forma clara com o uzbeque Hasanboy Dusmatov, garantindo, ainda assim, que vai à cerimónia a Roland Garros receber o bronze.

David deu a Cabo Verde a tarde de glória olímpica que o país nunca tinha tido. E a sua própria glória, que também não tinha tido. Fora do ringue, mas também dentro dele, o pugilista é sorridente, comunicativo e carismático – até na escolha do penteado de dois "carrapitos", que assumiu ser para lhe dar um ar diferente dos demais.

"Dez horas nas obras"

Desde que trocou Cabo Verde por Portugal tem treinado em Odivelas, mas com poucos apoios. A bolsa olímpica (688 euros) é curta para um pai de filhos – são dois. E teve de ir trabalhar para as obras a meio da preparação olímpica.

"Trabalhava dez horas, imagina só. Um atleta cheio de talento e potencial de medalha a trabalhar nas obras dez horas, com um sonho na mala. Foi muito doloroso. Quem ia dar de comer aos meus filhos e pagar a minha renda? Eu gosto de trabalhar, mas prefiro o boxe. Na obra, qualquer um pode trabalhar, mas conseguir medalha olímpica...", apontou, em Paris, referindo-se ao emprego que lhe deu de comer durante dois meses, com um salário de 1500 euros ganho pelo jeito para carpintaria desde pequeno.

Questionado sobre se espera que este resultado lhe mude a vida, o cabo-verdiano foi claro: "Acredito que sim. Só depois do resultado é que vem o benefício. E vou ser sincero: se não tiver melhores condições, eu paro de treinar e de fazer boxe. Tenho família para sustentar e o boxe ainda não me deu isso. Se este resultado não mudar a minha vida, tenho de deixar e ir trabalhar para o futuro da minha família."

> **Trabalhava dez horas, imagina só. Um atleta cheio de talento e potencial de medalha a trabalhar nas obras dez horas, com um sonho na mala**
>
> **David de Pina**
> Atleta

David de Pina não poupa nas palavras na hora de gritar bem alto, para que o oiçam. Quer apoios, quer viver do boxe e quer ir a Los Angeles daqui a quatro anos. E mostra a sagacidade de entender que é agora, depois da medalha, que mais pode exigir – a Cabo Verde e a Portugal.

"Não é só por Cabo Verde. Também faço história para Portugal. Portugal abriu-me as portas, deu-me residência. Portugal nunca tinha classificado ninguém para os Jogos no boxe. E Cabo Verde nunca tinha ganhado uma medalha."

Partilha louros

David não perde uma oportunidade de reforçar o sacrifício por que passou – e não tem de o fazer. "Tenho uma história de superação. Quem pára de lutar morre e é esquecido", aponta.

Reforça-o uma e outra vez, umas vezes a "bater no peito", outras a entregar, humildemente, os louros a quem trabalhou com ele – e por ele.

Fala do treinador, Bruno de Carvalho, com a profunda admiração de quem o segue de olhos fechados para onde quer que seja. Existe carinho na forma como se refere ao homem que o recebeu em Odivelas, o convenceu a sair das obras e lhe ensinou o que David ainda não sabia. "Portugal nunca teve um treinador como o Bruno de Carvalho", garante.

E fala-nos também desse homem como o que discutiu com ele já em Paris, quando o pugilista não mostrou o foco que deveria mostrar. Desafiado a detalhar de onde veio essa falta de foco, já em ambiente olímpico, o atleta falou de alimentação.

"Eu sou muito alto para participar nos 51kg. Tenho 58kg, por isso tenho de perder sete para combater. Mas tenho problemas para cumprir o peso. Estava a comer muito. A quatro dias do combate ainda estava com 54kg. Ele [treinador] estava triste. Zangou-se comigo. Isto não é só um mar de rosas."

Há dias, Gabriel Albuquerque, ginasta que ficou perto das medalhas, disse que, em Paris, aprendeu a desfrutar mais da modalidade. No caso de David, a história é outra. Trata-se de mais do que desfrutar. "Em Setembro deixei de treinar para trabalhar, porque tenho de sustentar a minha família. Estou longe da minha família há dois meses. Fiz isto pela minha família. Se fosse por mim, se calhar teria desistido."

A verdade silenciada

Editorial



David Pontes

> **Não é um acaso que, de Donald Trump ao deputado do Chega José Frazão, do clã Bolsonaro a Giorgia Meloni, a vitória da pugilista argelina Imane Khelif tenha sido assunto esta semana**

Mais um fim-de-semana de violência da extrema-direita no Reino Unido, mais uma semana em que a fogueira da mentira incendiou ruas e redes, espalhou a dissensão e a mensagem de crueldade e egoísmo que é o centro moral da prática das forças radicais de direita.

Não é um acaso que, de Donald Trump ao deputado do Chega José Frazão, do clã Bolsonaro a Giorgia Meloni, a vitória da pugilista argelina Imane Khelif tenha sido assunto esta semana. A mulher, o seu corpo, será sempre território de batalha para a extrema-direita e fazê-lo a cavalo da mentira é como respirar. Imane Khelif é mulher, identifica-se como mulher, é aceite pelo Comité Olímpico como mulher. Não há sequer qualquer prova de que tenha elevados índices de testosterona e, se os tivesse, em que é que isso seria diferente, como vantagem competitiva, da de Michael Phelps, cujo organismo só produz metade do ácido láctico do dos seus competidores?

Para impulsionar a sua ideologia de género, a direita radical não precisa da ciência ou da verdade para nada, quando são as mentiras, os *memes*, os seus vídeos no TikTok, as *fake news* que dominam a conversa pública. O mesmo vale para a perturbante situação no Reino Unido, que parece ter recuado 50 anos, para quando não havia vergonha de ser racista. Não foi por acaso que o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, veio reclamar que as redes sociais assumissem a sua responsabilidade e cumprissem a lei. "A desordem violenta provocada claramente *online* também é um crime", lembrou.

Pode ser que seja, mas é um crime que compensa e que tem tudo para crescer num cenário em que a crise dos *mass media* tradicionais os leva a terem cada vez menos capacidade de marcar a agenda, de despertar a conversa de café, de contrariar a mentira. No ano passado, pela primeira vez nos EUA, a audiência das televisões por cabo e em sinal aberto representou menos de metade de toda a audiência de televisão nos EUA. As pessoas preferem a Netflix e o YouTube. A Meta diz que as notícias representam menos de 3% dos conteúdos que as pessoas vêem no Facebook.

Estes números levaram o jornalista do *Financial Times* Simon Kuper a sustentar recentemente que a era dos *mass media* está a terminar, e é bem provável que assim seja. E enquanto as pessoas se vão desligando das notícias, da procura da verdade que está no âmago do jornalismo, vão deixando o terreno livre para os populistas alimentarem a violência nas ruas do Reino Unido e o ódio sobre a diferença, com as mentiras que defendem.

CARTAS AO DIRECTOR


Dos 25 milhões em multas exigidos no caso BES, só foram pagos 1,6 milhões

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

A direita radical a caminho de Coimbra

Em Coimbra, a soma de ambição pessoal com as divisões internas do PSD e o enorme desgaste do PS levou à constituição da coligação de oportunidade que governa a cidade e a conduziu ao caos que está a viver. Quando os partidos começam a reflectir sobre as próximas autárquicas, gostava de alertar para uma situação profundamente preocupante. É óbvio que os eleitores ainda não fizeram as pazes com o PS local. Em Coimbra, do PS, não se conhecem ideias nem protagonistas capazes de uma vitória eleitoral nas próximas autárquicas.

À esquerda, o PCP-CDU vive o drama da sobrevivência, e é bem possível que desta vez não resista. Por seu lado, o BE é apenas política pura, a nível autárquico não existe. À direita, a coligação Juntos Somos Coimbra, pela incapacidade, incompetência e arrogância que tem demonstrado, já provou que não é solução. Assim, a direita radical vai-se apresentar, na cidade do Mondego, como a força agregadora da contestação e a solução alternativa a todas as soluções políticas até hoje conhecidas, e pode ter sucesso. Parece impensável mas, face ao quadro existente, não é impossível.
João Silva, Coimbra

Os ricos são a crise

Quem o diz é António Rodrigues (A.R.), nas suas "4 esquinas". Certeiramente, A.R. constata que, se há quem sonegue impostos devidos aos Estados, são exactamente os ricos, e que é pornografia a postura de autoridades que tentam demonstrar ser desnecessário e indesejável que se consiga a "difícil" coordenação internacional para chegar a um entendimento no sentido de tributar, com um imposto global, as grandes fortunas mundiais. Saúdam-se tais constatações, sobretudo em tempos de glorificação das "verdades" neoliberais (menos Estado e mais iniciativa privada) que nos trouxeram a este estado.

Entretanto, como os únicos impostos "legítimos" são os que incidem sobre os rendimentos, em especial os do trabalho, os detentores das fortunas sonantes (a quem é difícil "chegar"), beneficiando de tributação tão complacente, vão "comendo" o planeta como se fosse só deles, com cada vez mais aviões privados e outros luxos poluidores.
José A. Rodrigues, Vila Nova de Gaia

> **A destruição parcial do chamado Padrão de D. João I, alvo há uns dias de um acto bárbaro de vandalização, põe mais uma vez a nu a questão dos direitos do património histórico-artístico nacional**
>
> **Vítor Serrão**
> Santarém

As paragens do *metrobus* no Porto

Quando se pede ao arquitecto Siza Vieira para fazer uma obra, não se espera que faça algo que seja padronizado, que não seja o seu estilo. Achar que vai ficar exactamente igual às paragens que quiseram mudar dos autocarros dos STCP teria de o Metro do Porto encomendar a outrem a obra. A opção, tendo sido essa, e os custos parece não terem acrescido pela escolha, implica que se quis paragens diferentes. E agora que estão erguidas/construídas, quer na Boavista quer em Marechal Gomes da Costa, até não ficam nada desengraçadas. São um contraste curioso, onde estão. Fica

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM MARSELHA

LISI NIESNER/REUTERS



Regata de kitesurf feminino dos Jogos Olímpicos de Paris 2024

muito mais vazia a Avenida dos Aliados com a remodelação, que foi pretendida entregar a Siza. Estas paragens do *metrobus* até são interessantes e fazem uma positiva diferença ao usual de paragens de transportes públicos, essencialmente quando, como no caso, estão implantadas à superfície.
Augusto K. de Magalhães, Porto

Mais um caso de iconoclastia

A destruição parcial do chamado Padrão de D. João I, um importante memorial quinhentista localizado em Guimarães, na freguesia de Creixomil, alvo há uns dias de um acto bárbaro de vandalização, põe mais uma vez a nu a questão dos direitos do património histórico-artístico nacional. No caso, trata-se de um monumento nacional classificado desde 1910, o que mais devia impor medidas de consciencialização e de protecção, além do reforço do sentido de pertença por parte da comunidade em que se integra. É imperativo o alerta no sentido de que, sejam quais forem as "motivações" deste acto criminoso, a defesa, a conservação, o estudo e a fruição dos bens culturais portugueses passem a ser reconhecidos como mais-valias, tanto como poderosos traços de identidade do nosso povo como riqueza nacional transcontemporânea. A democracia portuguesa precisa dessa clarificação.

O Padrão de D. João I, ou de S. Lázaro, é um importante monumento erguido no início do século XVI (acaso em 1517, data do foral manuelino), assinalando a entrada desse monarca em Guimarães em 1386, após a vitória de Aljubarrota. Não sei se, com as mutilações sofridas, será recuperável. O vandalismo contra um monumento ou uma obra de arte revela tão-só como ignorância, estupidez, populismo acéfalo e falta do mais elementar civismo podem andar de mãos dadas... e agir com impunidade! O reconhecimento de uma Carta dos Direitos do Património, há uns anos proposta, e o reforço das competências legislativas promulgadas na Lei-Quadro do Património Cultural deviam ser, pois, matéria de resolução urgente.
Vítor Serrão, Santarém

ESCRITO NA PEDRA

O homem olímpico não ignora o seu contrário, não foge à sua dor: utiliza-a como a um instrumento de perfeição
Agostinho da Silva (1906-1994), filósofo

O NÚMERO

7706

As queixas por violência doméstica apresentadas à PSP aumentaram 1,8% no primeiro semestre do ano face ao mesmo período de 2023. No total, a PSP recebeu 7706 denúncias

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

P

publico.pt

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Médio Oriente: duas ou três notas sobre o parecer consultivo do Tribunal Internacional de Justiça



David Dominguez Ramos

Vinte anos depois de se ter pronunciado sobre a construção de um muro no território palestiniano ocupado, o Tribunal Internacional de Justiça proferiu um parecer consultivo sobre as "consequências jurídicas resultantes das políticas e práticas de Israel no território palestiniano ocupado, incluindo Jerusalém Oriental". Ao longo de mais de 70 páginas, e erigida sobre alargado consenso entre juízes, a decisão (não vinculativa) adotada no Palácio da Paz, embora pouco surpreendente, não deixa de ter capital importância: a ocupação israelita daquele território palestiniano viola diversas normas de direito internacional, devendo cessar o mais rapidamente possível.

O parecer consultivo não se cingiu, todavia, a tal conclusão, dilucidando uma multiplicidade de questões relevantes – da política de colonatos israelita à anexação dos territórios palestinianos ocupados, (re)passando ainda, por exemplo, pelo direito à autodeterminação do povo palestiniano. Desse modo, e para lá de algumas reiterações e (inevitáveis) ambiguidades, o Tribunal da Haia deu um passo (jurídico) tremendo na qualificação de várias condutas israelitas, enunciando as consequências daí decorrentes para os restantes Estados. Permitam-me, nesta leitura preliminar da decisão, dois apontamentos breves.

Primeiro, relativamente à política de colonatos israelita no território palestiniano ocupado desde 1967 (na Cisjordânia, em Jerusalém Oriental e, até 2005, na Faixa de Gaza), o Tribunal Internacional de Justiça debruça-se, entre outros aspetos, sobre a exploração dos recursos naturais desse território. A esse propósito, começa por relembrar que cabe a Israel, à luz do direito internacional, e entre outros deveres, garantir que as populações locais são adequadamente abastecidas com alimentos e água. Depois, fundando-se em diversos relatórios das Nações Unidas, assevera que Israel explora os recursos naturais existentes naquele território (incluindo água e recursos minerais) em benefício da sua própria população e em detrimento ou exclusão da população palestiniana local – apresentando como indícios mais expressivos, na Cisjordânia, a quantidade/qualidade de água a que os palestinianos têm acesso (muito abaixo dos níveis recomendados pela Organização Mundial da Saúde) e o facto de a última concessão para exploração de minério atribuída a uma empresa palestiniana remontar a 1994. Conclui o Tribunal, nessa sequência, que, "ao desviar uma grande parte

RAMADAN ABED/REUTERS



dos recursos naturais para a sua própria população, incluindo os colonos", e ao "restringir severamente o acesso da população palestiniana à água disponível no território palestiniano ocupado", a política israelita de "exploração dos recursos naturais no território palestiniano ocupado viola a obrigação de respeitar o direito do povo palestiniano à soberania permanente sobre os recursos naturais".

Aqui se encontra, pois, um notável desenvolvimento no diagnóstico da ilegalidade da política de colonatos israelita: para além dos sintomas que (já) haviam sido identificados no parecer consultivo de 2004 – a transferência de colonos para território ocupado, o confisco e expropriação de propriedades detidas por palestinianos, a extensão da jurisdição de Israel ao território ocupado, a deslocação forçada e a violência contra a população palestiniana –, acrescenta-se agora, pela primeira vez, a exploração de recursos naturais. A subsistência (e expansão) dos colonatos israelitas depende, inelutavelmente, da

> **O Tribunal da Haia deu um passo (jurídico) tremendo na qualificação de várias condutas israelitas, enunciando as consequências daí decorrentes para os restantes Estados**

colonização ilegal dos recursos existentes em território ocupado. Não sendo novidade, o Tribunal da Haia nunca o tinha declarado – e isso é digno de registo.

Segundo, convocado a determinar se as condutas israelitas constituem (ou não) anexação do território palestiniano ocupado, o tribunal considera que as políticas e práticas levadas a cabo por Israel, designadamente "a manutenção e a expansão dos colonatos, a construção das infraestruturas associadas, incluindo o muro, a exploração de recursos naturais, a proclamação de Jerusalém como capital de Israel, a aplicação generalizada do direito interno israelita em Jerusalém Oriental e a extensão da sua jurisdição à Cisjordânia", equivalem à anexação de grandes parcelas do território palestiniano ocupado. Logo após, conclui que "procurar adquirir soberania sobre um território ocupado, como o demonstram as políticas e práticas adotadas por Israel em Jerusalém Oriental e na Cisjordânia, viola o princípio da proibição do uso da força nas relações internacionais e o seu corolário da não aquisição de território pela força".

A esta conclusão corresponde, na parte final do parecer, uma consequência jurídica elementar para os restantes Estados: a recusa de qualquer efeito válido decorrente da aquisição territorial através da força. Quer isto dizer, em termos mais precisos, que compete aos restantes Estados, entre outros deveres, "não reconhecer quaisquer alterações no caráter físico ou na composição demográfica, estrutura institucional ou estatuto do território ocupado por Israel em 5 de junho de 1967, incluindo Jerusalém Oriental".

Tal recusa (ou, melhor dizendo, não-reconhecimento), que deriva da proibição de aquisição de território pela força, tem sido caucionada pelos principais órgãos das Nações Unidas em inúmeras circunstâncias – veja-se, a título exemplificativo, a resolução 497 do Conselho de Segurança, de 1981, a propósito da aprovação de legislação israelita sobre os Montes Golã sírios ocupados, na qual se estabeleceu que "a decisão israelita de impor as suas leis, jurisdição e administração nos Montes Golã sírios ocupados é nula e de nenhum efeito e sem qualquer efeito jurídico-internacional".

Também aqui o percurso trilhado pelo tribunal deve ser relevado: primeiro, afirma peremptoriamente que Israel viola a proibição de anexação (ou, em abono do rigor jurídico, da aquisição territorial pela força) – o que não sucedera no parecer de 2004; depois, dali extraindo todas as consequências, insta os restantes Estados a não reconhecer (nem contribuir para) a anexação dos territórios palestinianos ocupados. Não sendo surpreendente, a confirmação desta sólida regra de direito internacional surge num momento particularmente delicado.

Por um lado, basta olhar para a avidez das pretensões territoriais da Federação Russa desde o início da invasão da Ucrânia, que se vem traduzindo em (várias) anexações de regiões/territórios ucranianos – os quais, de resto, nunca foram reconhecidos pela larga maioria dos Estados (salvo raríssimas e negativas exceções, como a Síria).

Por outro, não será despiciendo rememorar que, durante a administração Trump, os Estados Unidos inverteram diametralmente a sua posição – consolidada ao longo de várias décadas – relativa às pretensões israelitas sobre os territórios palestinianos ocupados: não só reconheceram Jerusalém como capital de Israel (determinando a transferência da sua embaixada de Telavive para aquela cidade) e os montes Golã sírios como parte integrante do território israelita, como, além disso, declararam que a política de colonatos israelita não violava o direito internacional. É certo que Biden – que entretanto já desistiu da corrida à reeleição – procurou suavizar, posteriormente, tal posição (sobretudo no tocante à legalidade dos colonatos israelitas), porém, com Donald Trump novamente à porta da Casa Branca, não será difícil adivinhar que apreciação fará desta decisão.

Seja como for, e muito havendo ainda a dizer sobre o parecer, o Tribunal Internacional de Justiça desempenhou meritoriamente o seu papel consultivo. Obviando indagações histórico-políticas, examinou minuciosamente, à luz do direito internacional, os comportamentos (antigos e mais recentes) levados a cabo por Israel no território palestiniano ocupado, daí retirando todas as consequências jurídicas – isto tudo, claro está, enquanto densificou o conteúdo de várias regras internacionais.

A materialização da pronúncia do tribunal cabe agora, como sempre, à comunidade internacional. Quanto a nós, caro leitor, *alea jacta est*...

Advogado, mestre em Direito Internacional e Europeu

Portugal inova no espaço



Arlindo Oliveira

Em 4 de outubro de 1957, o mundo foi surpreendido pelo lançamento do primeiro satélite artificial, o Sputnik 1. Essa foi a data em que a nossa espécie deixou de estar confinada ao poço de gravidade do planeta onde evoluiu durante centenas de milhões de anos, e a primeira vez em que um artefacto construído por seres humanos deixou a superfície terrestre e se manteve, durante algum tempo, em órbita à volta da Terra. O satélite não tinha qualquer funcionalidade relevante, uma vez que emitia simplesmente um sinal rádio de aviso, regular e periódico, que foi rapidamente captado em todo o mundo porque a sua órbita o fazia passar relativamente perto da maior parte dos pontos na superfície terrestre. Apesar disso, e também por ter sido lançado no auge da Guerra Fria, o Sputnik deu início à corrida ao espaço, que viria a culminar com a aterragem na Lua, em 20 de julho de 1969, dos astronautas Neil Armstrong e Buzz Aldrin, a bordo do módulo lunar Eagle, depois de uma viagem de três dias entre a Terra e o nosso satélite natural.

Quem visita museus dedicados ao tema do espaço, como o Museu Nacional do Ar e do Espaço, em Washington D.C., ou o John F. Kennedy Space Center, em Cabo Canaveral, Florida, não pode deixar de sentir uma profunda emoção com a aventura que conduziu ao desenvolvimento dos primeiros satélites artificiais, do programa *Apollo*, do *Space Shuttle*, da estação espacial e das modernas tecnologias de satélites. Em pouco mais de meio século, conseguimos desenvolver as tecnologias que nos permitem, agora, sonhar com a conquista e colonização de outros corpos celestes, como a Lua ou Marte, e também perceber melhor a estrutura da nossa galáxia e do Universo. A corrida ao espaço é mais uma das conquistas da humanidade tornadas possíveis pelo rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia nos últimos séculos. Esta corrida está cheia de eventos marcantes, muitos dos quais perduram na nossa memória coletiva, alguns surpreendentes como a deteção do *Sputnik* em órbita, outros emocionantes como a chegada do homem à Lua e ainda outros dramáticos, como a aventura da *Apollo 13* ou os acidentes fatais dos *shuttles Columbia* e *Challenger*.

No passado dia 9 de julho, assistiu-se, no Campus do Taguspark do Instituto Superior Técnico, a um evento que ficará, seguramente, na memória de todos os que assistiram: a colocação em órbita do satélite ISTSat-1. O novo foguetão europeu, o *Ariane 6*, cujo primeiro lançamento era há muito esperado, descolou levando a bordo um pequeno satélite integralmente desenvolvido por alunos e professores do Instituto Superior Técnico. O primeiro satélite universitário português, e até agora o único que integra tecnologia desenvolvida integralmente em Portugal, tinha sido selecionado para o voo inaugural do *Ariane 6*, e as centenas de pessoas que se juntaram no Taguspark para assistir ao lançamento não escondiam a emoção de presenciarem o evento. Assistir ao lançamento de um foguetão é, ainda e sempre, uma experiência marcante, mas quando esse foguetão leva a bordo o produto de anos de esforço, a emoção torna-se mais forte e intensa.

O satélite desenvolvido no Instituto Superior Técnico é um *cubesat* e pertence a uma categoria especial de satélites, conhecidos como nanossatélites. Os *cubesats* foram concebidos em 1999 como um veículo que potenciasse o desenvolvimento de tecnologia espacial inovadora por pequenas empresas, universidades e institutos. São satélites modulares, em que cada módulo tem uma dimensão padronizada de 10cm´10cm´10cm. Cada satélite pode ser constituído por um ou mais módulos, existindo muitos produtos comerciais que usam diversas combinações, como, por exemplo, os satélites de três módulos da Planet Labs, chamados *doves* (pombas), ou os LEMUR, da Spire. Neste momento, estão em órbita mais de 2000 *cubesats*, desempenhando funções tão diversas como a cobertura fotográfica da superfície em alta resolução, a monitorização do clima e o apoio a sistemas de telecomunicações. Existem empresas que desenvolvem e fabricam este tipo de satélites, que podem ser adquiridos, configurados e utilizados em missões específicas. A aquisição e o lançamento de satélites deste tipo representam, assim, uma forma simples e acessível de entrar na corrida ao espaço, para empresas que tenham ideias inovadoras e alguma capacidade de investimento.

No caso do ISTSat-1, porém, toda a tecnologia a bordo do satélite, incluindo *hardware* e *software*, foi desenvolvida por alunos e colaboradores do IST, tendo o projecto sido coordenado por dois professores da área da eletrónica, Rui Rocha e Moisés Piedade. O satélite tem como missão monitorizar a presença de aviões em zonas remotas do planeta, de difícil deteção a partir da superfície. Esta função poderá contribuir para evitar desastres como o do voo Malaysia Airlines 370, que desapareceu em 8 de março de 2014, sem deixar vestígios. Ainda mais importante do que a missão que o satélite irá desempenhar é o desenvolvimento de competências associado a um projeto tão complexo como este. As sucessivas gerações de alunos que contribuíram para o desenvolvimento do satélite adquiriram conhecimentos únicos nas áreas da eletrónica, do projeto de sistemas, da astrofísica e das tecnologias espaciais, criando uma base de conhecimento única no país, e abrindo a porta para a conceção de novos sistemas e aplicações para este tipo de satélites.

É bom saber que Portugal tem as condições para desenvolver tecnologia de ponta também na exigente área do espaço, e que poderá desempenhar o seu papel no panorama internacional

O satélite do IST foi posicionado numa órbita a 580 quilómetros de altitude, onde irá circular o planeta cerca de 15 vezes por dia. A operação correta do satélite já foi confirmada, estando a rotação do mesmo controlada, as antenas operacionais, os painéis solares em funcionamento e os demais sistemas a operar nos valores nominais. Sempre que o satélite passa sobre a região de Lisboa, a estação de rastreio de satélites que funciona no Taguspark comunica com o mesmo, permitindo confirmar a correta operação dos sistemas e/ou fazer ajustes na configuração dos mesmos. O único problema detetado até agora foi uma potência de emissão do sinal mais reduzida do que a prevista, um desafio para o qual estão a ser testadas diversas soluções.

Embora o lançamento do satélite seja apenas um pequeno marco na grande história da conquista do espaço, ele marca um evento importante para o país. A conceção, o lançamento e a operação deste satélite por alunos de uma universidade portuguesa são uma demonstração da qualidade do nosso sistema educativo e do mérito da nossa engenharia. Numa época em que os desenvolvimentos tecnológicos e a inovação a eles associada são os fatores mais importantes na competitividade das nações, é bom saber que Portugal tem as condições para desenvolver tecnologia de ponta também na exigente área do espaço, e que poderá desempenhar o seu papel no panorama internacional, contribuindo de forma eficaz não só para a missão de Agência Espacial Europeia como também para a criação de tecnologias e empresas inovadoras que usem o espaço para melhorar as condições de vida no nosso planeta e, um dia, talvez também em outros corpos celestes.

Professor do IST e presidente do Inesc

DANIEL ROCHA



Jovens querem mais informação e representação política

Jovens querem ver-se mais representados nas listas dos partidos. À entrada na idade de voto, pede-se mais sensibilização para a importância de votar

Susete Francisco

A redução da idade mínima do voto dos 18 para os 16 anos tem vindo a ser defendida como uma forma de promover a participação dos jovens na vida política, mas os próprios não a consideram particularmente relevante. E se a antecipação da idade de votação não merece grande acolhimento, o voto obrigatório também tem poucos adeptos. As prioridades dos jovens para aumentar a sua participação eleitoral vão noutro sentido: à entrada da idade de voto, aos 18 anos, pedem-se campanhas de sensibilização para a importância da ida às urnas. Já os jovens adultos, entre os 24 e os 35 anos, querem ver-se mais representados nas listas que os partidos apresentam às eleições.

De acordo com os dados do inquérito nacional realizado no âmbito do estudo *50 Anos de Democracia em Portugal: aspirações e práticas democráticas – mudanças e continuidades intergeracionais* (ISCSP/CAPP), coordenado por Conceição Pequito Teixeira, Manuel Meirinho e Pedro Fonseca, quer a antecipação quer a obrigatoriedade do voto recolhem o apoio de menos de 50% dos jovens. Entre os inquiridos com idade entre os 25 e os 34 anos, só 31% consideram que a antecipação da idade de voto seria uma forma efectiva de promover a participação eleitoral – é a menos votada das dez medidas colocadas em cima da mesa.

A introdução do voto obrigatório também não convence a maioria dos jovens portugueses: apenas 48% consideram que a obrigatoriedade de votar seria uma forma eficaz de aumentar a participação eleitoral.

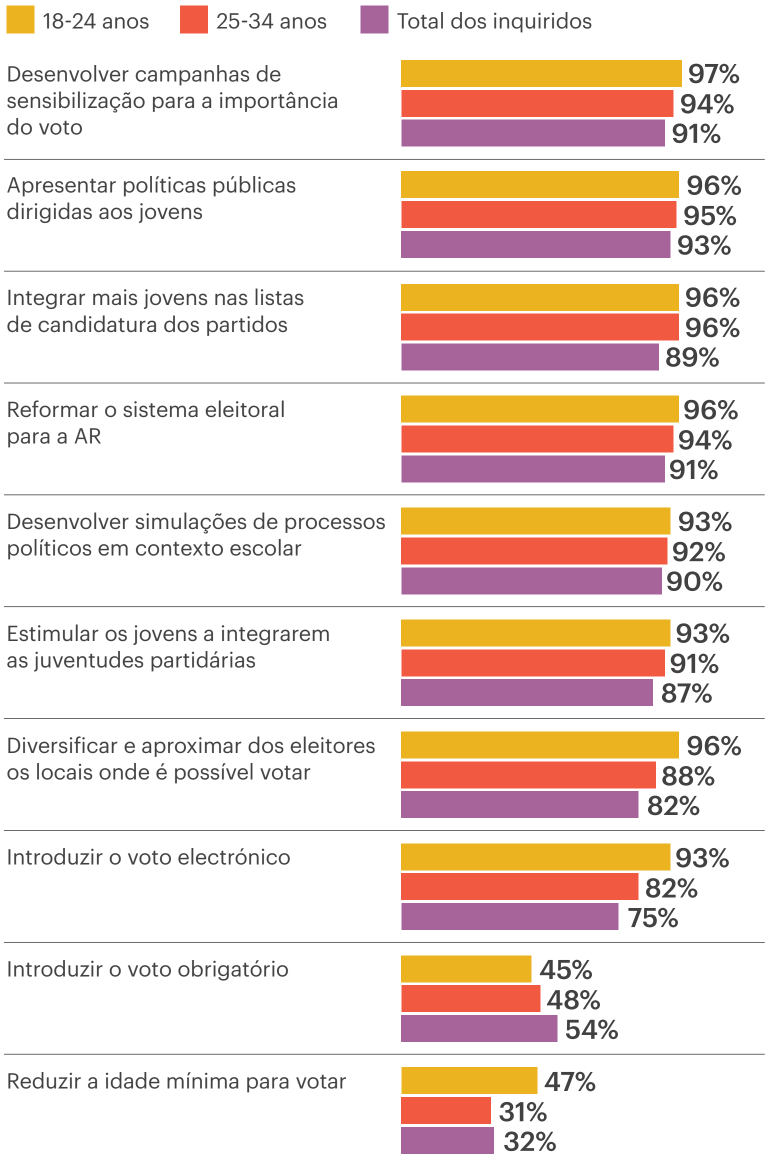
Também os inquiridos entre os 18 e os 24 anos colocam a antecipação da idade mínima de sufrágio e o voto obrigatório no fim da lista (respectivamente, com 47% e 45%). No pólo oposto, no topo das preferências, os jovens à entrada da idade de voto consideram que desenvolver campanhas de sensibilização para a importância de votar é a medida mais premente para aumentar os seus níveis de participação eleitoral.

Naquela que é a faixa etária que menos se desloca às urnas, uma muito expressiva maioria de 97% dos inquiridos dizem concordar com a necessidade de uma maior sensibilização para a importância do voto. Logo atrás, apenas um ponto percentual abaixo, os mais novos destacam uma questão prática, defendendo que é preciso diversificar e aproximar os locais de voto dos eleitores. E a par, com os mesmos 96%, defendem também que é preciso reformar o sistema eleitoral para a Assembleia da República, integrar mais jovens nas listas de candidatos apresentados pelos partidos e apresentar políticas especificamente direccionadas à juventude.

A introdução do voto electrónico, a aposta em simulações do processo eleitoral em contexto escolar e um maior estímulo para que os jovens integrem juventudes partidárias são propostas que merecem também elevado grau de concordância.

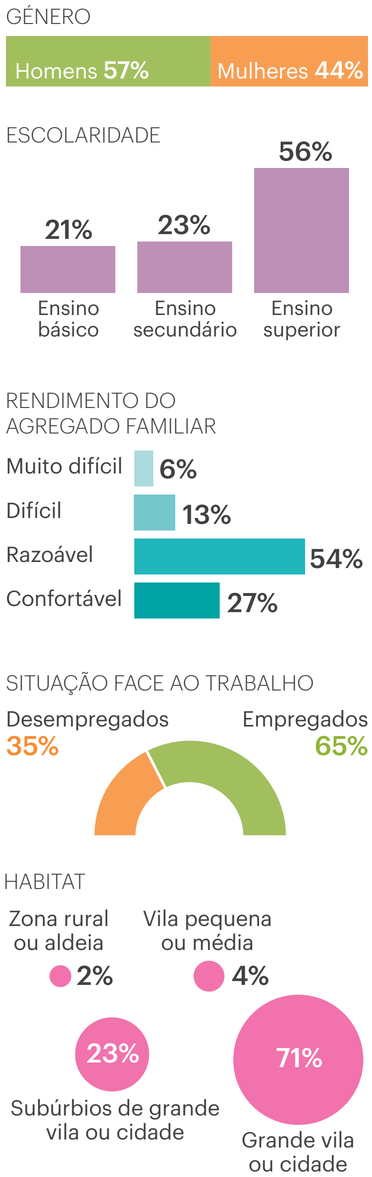
Conceição Pequito Teixeira sublinha que as medidas que os jovens mais destacam são aquelas que têm

Concordância com as medidas para aumentar os níveis de participação eleitoral dos jovens

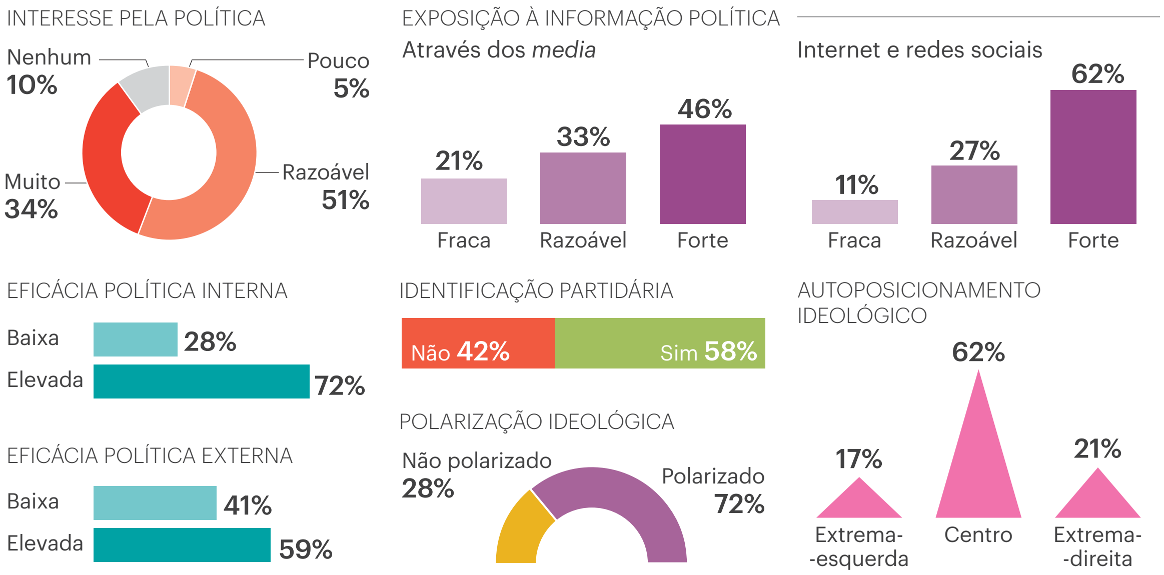


Nota: os dados resultam da soma das opções de resposta "concordo totalmente" + "concordo".

Participação eleitoral dos jovens portugueses e variáveis sociodemográficas



Participação eleitoral dos jovens portugueses e atitudes políticas



O projecto de investigação *50 Anos de Democracia em Portugal. Aspirações e práticas democráticas - mudanças e continuidades intergeracionais* (2024- 2028) é coordenado por Manuel Meirinho Martins, Conceição Pequito Teixeira e Pedro Fonseca, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa. O estudo tem por base um inquérito por questionário à população portuguesa sobre o estado actual da democracia em Portugal. O inquérito foi realizado pela Intercampus, entre Abril e Maio de 2023. Foram considerados os indivíduos de ambos os géneros com 16 e mais anos de idade, residentes em Portugal (continente e ilhas), e realizadas 1327 entrevistas presenciais: 1020 entrevistas numa amostra-base e 307 entrevistas numa amostra extra ao grupo etário dos 16 aos 34 anos, atribuindo-se, assim, uma especial ênfase aos jovens e jovens adultos. Na selecção dos entrevistados foram aplicadas quotas de género e idade por região, tanto na amostra-base como na amostra extra. A margem de erro da amostra total é de +/- 2,69 p.p. para um intervalo de confiança de 95%.

Fonte: Inquérito Nacional realizado no âmbito do projecto de investigação desenvolvido pelo ISCSP-CAPP – *50 Anos de Democracia em Portugal. Aspirações e práticas democráticas – mudanças e continuidades intergeracionais* (2024-2028). PÚBLICO

que ver com a "promoção da literacia político-cívica", de formação e informação : "Os jovens não querem só uma aprendizagem teórica, como existe na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento Pessoal, que acaba por ser mais uma disciplina, em que eles são avaliados, como nas outras. Querem fazer, querem aprender a fazer, querem que as escolas promovam uma aprendizagem política activa."

A investigadora evoca as experiências que têm sido levadas a cabo, sobretudo nos países nórdicos, com as chamadas "*mock elections*", em que os jovens são chamados a participar em simulações do processo eleitoral e das eleições, destacando que a análise destes processos mostra que "essa aprendizagem faz com que os estudantes que participam nesses processos tendam a abster-se menos".

Mais representação política

A opinião dos jovens entre os 18 e os 24 anos contrasta com a da faixa etária imediatamente a seguir. Entre os jovens adultos, com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos, pede-se mais representação política: a escolha que reúne maior consenso como potenciadora dos níveis de participação eleitoral é a integração de mais jovens nas listas de candidaturas dos partidos (96%), seguida pela apresentação de políticas públicas dirigidas à juventude (95%). Só depois os inquiridos destacam a relevância de campanhas de sensibilização para o voto – 94% manifestam concordância com esta ideia. Com a mesma percentagem, os jovens destacam também a necessidade de uma reforma do sistema eleitoral para a Assembleia da República.

"Aqui chegados, ultrapassada a fase de primeiros votantes, os jovens têm a noção de que têm de ter uma presença na esfera institucional para que as suas vozes sejam ouvidas, para que sejam construídas políticas dirigidas às suas necessidades", diz Conceição Pequito Teixeira, sublinhando que os jovens são "um grupo muitíssimo sub-representado" no Parlamento.

Já quanto ao facto de os mais novos não mostrarem particular simpatia pelo voto antecipado, a investigadora sublinha que os dados deste inquérito "vão ao encontro dos estudos que têm sido feitos a nível europeu" e que têm demonstrado que muitos jovens não se sentem informados e preparados para votar aos 16 anos – o que sublinha também a necessidade de mais informação e sensibilização para o voto.

Já na opinião da generalidade dos inquiridos consultados neste inquérito (sem distinção por idades), a melhor forma de levar os mais novos às urnas passa por apresentar políticas direccionadas especificamente a estas faixas etárias, desenvolver campanhas de sensibilização para a importância do voto e reformar o sistema eleitoral para a Assembleia da República. O voto obrigatório e a antecipação da idade mínima para votar também não fazem sucesso quando consideradas todas as faixas etárias – a redução da idade de voto só merece a concordância de 32% dos inquiridos.

NUNO FERREIRA SANTOS



Os jovens adultos ouvidos pelo estudo desejam ver-se mais representados nas listas eleitorais

Se a antecipação da idade de votação não merece grande acolhimento, o voto obrigatório também tem poucos adeptos

A introdução do voto electrónico, a aposta em simulações do processo eleitoral em contexto escolar e um maior estímulo para que os jovens integrem juventudes partidárias são propostas que merecem também elevado grau de concordância

Mais recursos, mais votos

Nesta fase do estudo, os autores fizeram um *zoom* ao comportamento eleitoral dos jovens portugueses, usando, para isso, uma sobreamostragem das faixas etárias entre os 18 e os 24 anos e os 25 e os 34 anos. Uma análise que vem reforçar as tendências já identificadas na análise geral do comportamento eleitoral dos portugueses: a participação dos mais jovens e jovens adultos é maior entre aqueles que se mostram mais alinhados com o centro (62%) ou o pólo mais à direita (21%) do espectro político, traduzindo assim um elevado grau de polarização ideológica entre os mais novos. Dados que se compaginam com a crescente polarização da sociedade em geral, como vêm demonstrando os resultados deste inquérito, mas que, no caso dos mais jovens, acentuam essa tendência.

Outro aspecto que o estudo vem destacando é a ligação entre condições socioeconómicas mais favoráveis e uma maior participação eleitoral. Os jovens que mais votam são os que têm um grau mais alto de escolaridade (56% dos jovens que dizem ter votado nas legislativas de 2022 frequentaram o ensino universitário), qualificam como "razoável" (54%) ou "confortável" (27%) o rendimento do seu agregado familiar, estão empregados (65%) e vivem em grandes vilas ou cidades (71%). São também os que têm mais interesse pela política e mais exposição à informação, seja através dos *media* tradicionais, seja através das redes sociais. São ainda os que manifestam um nível mais elevado de eficácia política, ou seja, que acham que compreendem as questões políticas essenciais e sentem que podem influenciá-las.

"Quem mais vota, quer na população em geral, quer entre os mais jovens, são aqueles que têm mais recursos: sociais, económicos, cognitivos. Há uma profunda desigualdade que perpassa toda a participação eleitoral", diz Conceição Pequito Teixeira, sublinhando que os partidos dirigem depois a atenção – e as políticas – ao eleitorado que se desloca às urnas. "Os partidos fazem campanha para quem? Para quem vota. Acaba por ser um círculo vicioso que deixa de fora aqueles que têm menos recursos."

Nota: o PÚBLICO é parceiro do ISCSP-ULisboa no projecto *50 Anos de Democracia em Portugal: aspirações e práticas democráticas — mudanças e continuidades intergeracionais* (ISCSP/CAPP, coordenação de Manuel Meirinho, Conceição Pequito e Pedro Fonseca) e publicará ao longo de 2024 vários artigos sobre os resultados do inquérito nacional realizado no seu âmbito.

Dois hospitais interromperam serviço a grávidas. Situação melhorou ontem

Hospital do Barreiro realizou 17 partos só no sábado e fez 80 atendimentos. Vila Franca fez, desde sexta-feira até ontem ao meio-dia, 22 partos e 88 atendimentos. A MAC, no sábado, fez 12 partos

Sónia Trigueirão

A situação nas urgências de ginecologia e obstetrícia na região de Lisboa e Vale do Tejo registou picos de afluência complicados no sábado, tendo colocado os hospitais do Barreiro, de Vila Franca de Xira e a Maternidade Alfredo da Costa (MAC) sob forte pressão. Ontem, a situação esteve normalizada nos dois primeiros hospitais (até às 17 horas o Barreiro tinha feito 12 partos e Vila Franca de Xira até às 16 horas nove partos), enquanto a MAC registava a maior afluência, com muitas grávidas em trabalho de parto a chegarem, e pelo menos três tiveram de sair, já depois de terem os bebés, para outras unidades que tinham camas disponíveis.

Os hospitais do Barreiro e de Vila Franca de Xira, no sábado, é que tiveram mesmo de parar de receber, ainda que temporariamente, mulheres em trabalho de parto, apurou o PÚBLICO junto de fontes das duas unidades hospitalares. No caso de Vila Franca e Xira, essa pausa durou cerca de uma hora. Já no caso do Barreiro, não foi possível apurar o período em que esteve encerrado o recebimento de grávidas.

O Hospital do Barreiro fez 17 partos e 70 atendimentos só no sábado. Já o Hospital de Vila Franca de Xira registou, desde as zero horas de sexta-feira até ao meio-dia de ontem, 22 partos e 88 atendimentos, e tinha 27 mulheres internadas. No sábado ainda recebeu uma grávida vinda de Abrantes. Além disso, segundo fonte do hospital, esta unidade chegou a ter quatro grávidas ao mesmo tempo no bloco, com outras à espera para entrar.

Já a MAC realizou, pelo menos, 12 partos, em que dois foram cesarianas emergentes. Foi necessário ainda transferir três mulheres que tiveram partos normais e cujos bebés estavam saudáveis para dar lugar a grávidas que chegaram em trabalho de parto.

Segundo a Direcção Executiva do Serviço Nacional de Saúde (DE-SNS), houve casos em que foi activado o protocolo com unidades de saúde privadas. Ao que o PÚBLICO apurou, aconteceu com duas grávidas que foram desviadas para hospitais privados, mas também houve situações de grávidas que foram enviadas de privados para unidades do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

No final do dia de ontem, a DE-SNS esclareceu que "as urgências de ginecologia e obstetrícia em Lisboa e Vale do Tejo (LVT) já se encontravam normalizadas e a funcionar em rede de acordo com o planeamento previsto para um fim-de-semana marcado com as habituais contingências deste período de Verão, em que muitas equipas médicas se encontram de férias".

Segundo a DE, "nestes dois dias, nenhuma utente ficou sem assistência médica e, mesmo nos períodos de grande afluência, foi sempre possível encontrar uma resposta em segurança".

A direcção executiva confirmou que a MAC e a ULS do Arco Ribeirinho "atingiram neste fim-de-semana alguns picos de afluência, mas conseguiram, graças ao empenho dos seus profissionais, dar sempre resposta a todas as utentes e, quando necessário, reencaminhar em segurança para outras maternidades alguns casos menos urgentes, sempre em articulação com outras unidades que se mostraram disponíveis para os acolher".



ADRIANO MIRANDA



NUNO FERREIRA SANTOS

A MAC teve de transferir grávidas que já tinham tido os bebés para outras unidades com camas disponíveis

Houve casos em que foi activado o protocolo com unidades de saúde privadas, admitiu a DE-SNS

PS pressiona Governo

O PS anunciou ontem que vai pedir reuniões nesta semana com os hospitais que estão com urgências encerradas e apelou ao primeiro-ministro, Luís Montenegro, para que apresente medidas que respondam às dificuldades do SNS.

O anúncio foi feito pelo coordenador do grupo parlamentar do PS para a área da saúde, João Paulo Correia, à agência Lusa. Para João Paulo Correia, a situação que se vive no SNS mostra que "o plano de emergência apresentado pelo Governo para a área da saúde está a falhar", o que considerou ser "manifestamente preocupante, porque tem atingido milhares de pessoas que procuram o SNS diariamente". "O encerramento das urgências pediátricas, de obstetrícia e ginecologia em alguns hospitais do país, longe daquilo que era o esperado, mostram que as medidas do plano de emergência para a saúde não estão a responder àquilo que foi o prometido, e isto também se deve à falta de planeamento e de programação por parte da nova direcção executiva", criticou.

Neste fim-de-semana, e segundo o mapa interactivo do portal do SNS, a região de Lisboa e Vale do Tejo foi a mais afectada, com oito serviços de urgência de ginecologia e obstetrícia abertos e seis fechados. Nesta região, estiveram encerradas as seguintes urgências de obstetrícia: Hospital Garcia de Orta (em Almada), Beatriz Ângelo (Loures), São Francisco Xavier (Lisboa), Santa Maria (cujo serviço está encerrado há um ano mas reabre parcialmente hoje), Hospital de São Bernardo (Setúbal) e Fernando da Fonseca (Amadora-Sintra).

Os hospitais Beatriz Ângelo e de São Bernardo também tiveram as respectivas urgências pediátricas encerradas.

Vítor Varela, presidente da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras (APEO), reiterou o que já tinha sito dito em Janeiro: "Tem de haver uma alteração urgente na abordagem à prestação de cuidados na gravidez, parto e pós-parto, considerando que, aproveitando as capacidades dos enfermeiros especialistas nesta área, algumas maternidades não precisariam de fechar."

"O problema é que temos um sistema corporativista, em que os médicos é que mandam e a sua vontade prevalece sobre os direitos das mulheres, das suas opções, e dos indicadores", afirmou, acrescentando que nas reuniões decisórias estão quatro enfermeiros obstetras e 18 médicos.

Para o mesmo responsável, "não é justificável que, estando disponíveis, mesmo em contexto de falta de médicos, os enfermeiros obstetras sejam impedidos de prestar esses serviços por encerramento das instituições e/ou desvio de grávidas de baixo risco para outras unidades de saúde".

Professor atrasou-se a acabar doutoramento e isso custou-lhe 83 mil euros

Ana Henriques

Caso remonta a quase duas décadas atrás, mas só teve o seu desfecho no mês passado, com o docente já reformado

DIOGO BAPTISTA



Fundos europeus para dar uma formação mais avançada aos professores no superior

Um professor do ensino politécnico foi obrigado pela justiça a devolver mais de 83 mil euros à Escola Superior de Educação de Setúbal por não ter concluído o doutoramento no prazo de quatro anos.

O caso, que envolve o musicólogo Joaquim Carmelo Rosa, remonta a quase duas décadas atrás, mas só teve o seu desfecho no mês passado, quando o Supremo Tribunal Administrativo deu definitivamente razão à instituição de ensino superior, já o professor se encontrava reformado. Não sendo inédita, a situação é muito pouco comum, diz o Sindicato Nacional do Ensino Superior (Snesup), que, através do seu advogado avençado, patrocinou a defesa deste seu sócio entre 2007 e 2024.

No início do século, foram várias as instituições de ensino superior que aproveitaram os dinheiros europeus dos Programas de Desenvolvimento Educativo para Portugal (Prodep) para proporcionarem formação avançada aos seus docentes. Dispensados do serviço lectivo, os candidatos a mestres ou doutores assinavam um contrato-programa com a escola a que pertenciam em que eram equiparados a bolseiros e se comprometiam a completar os estudos no prazo estipulado ou a devolver as mensalidades recebidas a título de bolsa.

Que as coisas nem sempre correram de feição, mostra-o uma resolução do Instituto Politécnico do Porto de 2000, na qual se recorda que o apoio do Prodep se limita a 75% do valor efectivamente gasto pelas instituições de ensino superior e que estas estão obrigadas a devolver as verbas recebidas nos casos em que a formação tenha ficado por concluir. "Nem sempre é claro o real empenho do docente na obtenção do grau no tempo fixado na bolsa, nem sempre sendo igualmente claro que tal se deva a motivo que não lhe seja imputável", pode ler-se na resolução, que foi publicada em Diário da República, acompanhada de um regulamento destinado a dissuadir de abusos.

Quando, no final de 2001, foi dispensado do serviço para fazer o seu doutoramento na Universidade de Londres, que versou o ensino de música em Lisboa em finais do século XIX e inícios do século XX, Carmelo Rosa também assinou a cláusula do contrato-programa relativa à devolução do dinheiro. Mais de quatro anos passados, em Março de 2006, escreve uma missiva ao presidente do Politécnico de Setúbal: "Sendo neste momento claro que esse prazo não será cumprido, vem o abaixo-assinado solicitar que a indemnização prevista seja substituída pela prestação de serviço lectivo a acrescer à carga horária." O musicólogo prontificava-se assim a pagar com trabalho extraordinário os cerca de 81 mil euros que na altura estavam em dívida, 62.500 dos quais relativos à bolsa recebida e o restante montante relacionado com viagens e propinas.

A proposta não foi aceite: a instituição reclamava o dinheiro, mesmo que pago de forma faseada. O sindicato trava a devolução do dinheiro com uma providência cautelar contra o politécnico. Os processos do musicólogo contra a escola e desta contra o musicólogo arrastam-se em tribunal. Quando este terminou por fim o doutoramento, em 2009, já o politécnico rescindira o contrato de trabalho que tinha com ele, mas a disputa judicial estava longe de acabar, ou não fossem os tribunais administrativos conhecidos pela sua lentidão.

Carmelo Rosa prossegue a sua carreira académica: passa a dar aulas na Escola Superior de Música de Lisboa e integra o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, uma unidade de investigação sediada na Universidade Nova, enquanto a sua defesa esgrime em tribunal um derradeiro argumento: a dívida, que entretanto já vai nos 83.600 euros, prescreveu em 2010 ou, na pior das hipóteses, em 2015. Por esta altura, já corre contra ele nas Finanças uma execução fiscal.

Reformado há poucos meses, o professor de 69 anos viu o Supremo Tribunal Administrativo condená-lo agora de uma vez por todas, ao decretar que a dívida não se encontrava extinta, uma vez que o prazo de prescrição de cinco anos foi interrompido com a exigência de devolução da bolsa por parte do politécnico, em 2007. Nessa época, explica o presidente do Snesup, José Moreira, "era usual os sindicatos interporem acção em representação dos seus associados, prática entretanto desaparecida por modificação do quadro legal aplicável, tendo as acções passado a ser, na generalidade dos casos, intentadas pelos próprios". E acrescenta que o apoio jurídico em temas decorrentes da actividade profissional "é um direito estatutário" dos seus associados. Disputas judiciais relativas à violação das normas dos contratos-programa para a formação avançada "são situações muitíssimo raras", acrescenta.

Num desses casos, uma docente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Leiria autorizada a estudar no estrangeiro com equiparação a bolseira resolveu rescindir o seu contrato-programa com o Politécnico de Leiria menos de um ano depois da sua assinatura, alegando desajuste entre os seus interesses profissionais e de investigação e os interesses do departamento a que pertencia na instituição. E pedia uma redução da indemnização que teria de pagar por se querer desvincular do contrato e também da escola. Também aqui a justiça deu razão à instituição de ensino superior, obrigando a bolseira a devolver-lhe mais de 13 mil euros.

Igual destino teve um litígio entre a mesma escola e outro doutorando de Engenharia Civil, que acabou por decidir rumar à Universidade Técnica de Lisboa, onde conseguiu uma vaga de professor auxiliar, cinco meses depois de ter completado a graduação, durante a qual beneficiou de uma bolsa dada por Leiria que totalizou perto de 118 mil euros. Tendo a bolsa terminado em 2005, a lei obrigava-o a ficar no Politécnico de Leiria por um período idêntico ao da sua dispensa de serviço (mais 35 meses). "Só assim se evita que o estabelecimento de ensino não invista na formação do docente em vão", assinalou o tribunal, que obrigou o engenheiro a devolver o dinheiro.

Nem Carmelo Rosa nem o seu advogado, nem o Politécnico de Setúbal quiseram pronunciar-se.

BE: projecto de lei quer dar solução a enfermeiras discriminadas

Ana Maia

Enfermeiras não foram colocadas por estarem de licença de parentalidade ou gravidez de risco na altura da transição



MANUEL ROBERTO

Dezoito enfermeiras da ARSLVT foram discriminadas na sua carreira, insiste o Bloco

"Dezoito enfermeiras da ARSLVT [Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo] foram, e continuam a ser, discriminadas por terem sido mães. É uma situação injusta e ilegal que se arrasta há anos e que continua sem resolução", contextualiza, à cabeça, a proposta de projecto de lei que o Bloco de Esquerda (BE) entrega hoje na Assembleia da República. O objectivo é pôr um ponto final, que até hoje não foi possível, na resolução da situação destas enfermeiras que se arrasta desde 2018.

Em causa está a integração de um grupo de enfermeiras que não foram colocadas na categoria de enfermeiras especialistas porque, quando ocorreu a mobilidade do concurso para a categoria de enfermeira especialista na ARSLVT, estavam em licença de parentalidade ou de gravidez de risco. Sem receberem o correspondente suplemento associado à função de enfermeiras especialistas, no valor de 150 euros, que era condição para a ascensão àquela posição, e com as vagas no mapa para esta categoria entretanto esgotadas, estas profissionais não puderam progredir.

A 10 de Julho, na Comissão Parlamentar de Saúde, a ministra da Saúde foi questionada, pelo BE, sobre se estava a trabalhar para corrigir a situação. "O que eu posso garantir, e estou em condições de o fazer, é que neste momento esta situação está em resolução", afirmou então Ana Paula Martins, ressalvando que a resposta não dependia de um despacho da ministra ou das secretárias de Estado para resolver "a situação de um dia para o outro".

O BE fez seguir no imediato uma pergunta para o ministério. A resposta chegou no final do mês passado e não lançou nenhuma resolução efectiva sobre o assunto.

Reconhecendo "a discriminação de que foram alvo estas enfermeiras, bem como direito ao seu posicionamento na carreira de enfermeiro especialista", o gabinete da ministra Ana Paula Martins respondeu que o processo foi enviado para a ARSLVT e que aguarda "o envio de proposta de alteração" do número de postos de trabalho de enfermeiros especialistas e respectiva cabimentação orçamental para permitir, através de um despacho conjunto dos ministérios da Saúde e das Finanças, "a resolução definitiva da situação".

"É incompreensível que ainda não se tenha resolvido a situação destas 18 enfermeiras. É um caso completamente identificado, com contornos claros. Há uma discriminação porque estavam de licença de parentalidade ou por gravidez de risco e perderam direitos que não deveriam ter perdido. Estamos a falar de 18 enfermeiras que se candidataram, que viram a sua experiência reconhecida, que não passaram à frente de ninguém. E que a integração como enfermeiras especialistas só não aconteceu porque estavam licença", diz ao PÚBLICO a deputada bloquista Marisa Matias.

No projecto de lei, a que o PÚBLICO teve acesso, o BE enquadra as regras que permitirão a transição para a categoria de enfermeiro especialista nos termos do decreto-lei de Maio de 2019 (que enquadrou essa passagem): os/as enfermeiros/as tinham de ter a 1 de Janeiro de 2018 o título de especialista e ocuparem um posto de trabalho que exigisse a posse desse título ou tivessem auferido anteriormente o suplemento de especialista.

A resposta do ministério chegou no final do mês passado e não lançou nenhuma resolução efectiva sobre o assunto

Caso venha a ser aprovado, o projecto de lei determina que "o número dos postos de trabalho conferentes ao suplemento remuneratório de enfermeiro especialista é ainda alterado por despacho a emitir no prazo de cinco dias", e que o Governo garante a cabimentação orçamental "através do aumento de transferência de verbas para as entidades empregadoras".

À espera de solução

Desde 2019 que a situação destas enfermeiras tem sido denunciada pelos sindicatos e pelas próprias, com pedidos de intervenção a várias instituições – Administração Central do Sistema de Saúde, ARSLVT, Ministério da Saúde, Presidência da República, Procuradoria-Geral da República, Inspecção-Geral das Actividades em Saúde (IGAS), Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), Provedoria da Justiça –, como notou o actual Ministério da Saúde na resposta a um requerimento recente do PAN.

"Várias instituições acabaram por dar razão à pretensão" destas profissionais, lê-se na resposta, que dá alguns exemplos, entre outros. A CITE "considerou que se tratava de uma discriminação em função do sexo", a Provedoria da Justiça em 2019 "reconheceu o direito à regularização da situação jurídico-funcional", a IGAS considerou que se devia "proceder à regularização da situação".

Hoje, o BE dá também entrada com uma nova pergunta ao Ministério da Saúde sobre o assunto, lamentando a contínua ausência de resposta da ARSLVT e de uma tomada de decisão do Governo. O partido refere que, numa resposta dada a uma das enfermeiras, a Secretaria-Geral do Ministério da Saúde deu conta de que desde Maio pede respostas à ARSLVT.

"A insistência, ao fazer esta segunda pergunta, tem que ver com o facto de o Ministério da Saúde não ter acrescentado nada às respostas que tinha dado às enfermeiras em Maio. Passaram três meses", reforça Marisa Matias, esperando que o processo de extinção das ARS não seja argumento para o adiamento da solução.

A inacção "não pode continuar a adiar a solução para este caso", defende o partido, que na pergunta insta o ministério a clarificar quando será publicado o despacho que porá um ponto final na situação. "Estas enfermeiras não podem ficar reféns da falta de resposta da ARS", aponta a deputada, considerando "estranho" que a ARS não se sinta obrigada a responder à tutela e que essa ausência de resposta seja "objecto desta passividade" por parte do ministério.

Morreu o jornalista João Paulo Guerra

Obituário

Antigo colaborador do PÚBLICO, também radialista e escritor, morreu aos 82 anos

O jornalista João Paulo Guerra morreu ontem aos 82 anos, em Lisboa, vítima de doença, disse à agência Lusa fonte próxima do também radialista e escritor, que se encontrava internado no Hospital Curry Cabral.

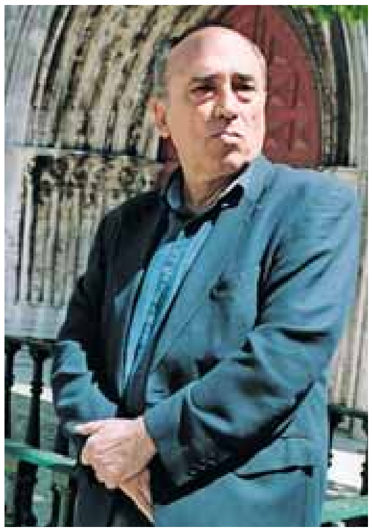
João Paulo Guerra começou a carreira na rádio em 1962, tendo passado pelo antigo Rádio Clube Português e pela TSF. Foi também correspondente da Rádio Nacional de Angola e editor na Antena 1. Em 2017, foi nomeado provedor do ouvinte do serviço público de rádio.

Na imprensa, foi colaborador do PÚBLICO, redactor de *O Diário* e editor e redactor principal do *Diário Económico*, tendo também colaborado com o *Diário de Lisboa* e *O Jornal*.

Como escritor, foi autor de uma dezena de livros, entre os quais *Memórias das Guerras Coloniais*, *Savimbi – Vida e Morte* e *Descolonização Portuguesa – O Regresso das Caravelas*, *Operação África*, *Corações Irritáveis* ou *Diz que é uma Espécie de Democracia*.

Irmão da actriz e encenadora Maria do Céu Guerra, o jornalista recebeu vários prémios ao longo da sua carreira, como o Prémio Gazeta de Mérito ou a distinção da Casa da Imprensa.

PÚBLICO/Lusa



João Paulo Guerra

Lisboa quer "hotel social" na Mouraria. Junta de Santa Maria Maior opõe-se

Autarca socialista acusa presidente da câmara de estar a "empurrar os problemas difíceis e complexos para duas ou três freguesias". Mas equipamento para sem-abrigo recebeu apoio de vereadores do PS

Samuel Alemão

Depois de uma muito mediática sessão a alertar para o alegado aumento da criminalidade e da sensação de insegurança na freguesia de Santa Maria Maior, em especial no Bairro da Mouraria, chega um abaixo-assinado a insistir na questão. Mas com um particular enfoque na contestação a uma decisão aprovada, no mês passado, por unanimidade, pela vereação da Câmara de Lisboa. A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, liderada pelo socialista Miguel Coelho, lançou, nos últimos dias, um abaixo-assinado contestando a anunciada construção naquela zona da cidade do novo "Hotel Social de Lisboa", um alojamento de emergência para pessoas em situação de especial vulnerabilidade e sem habitação, em particular os sem-abrigo.

A oposição da junta à construção do equipamento é justificada com o receio de que o mesmo possa funcionar como mais um contributo "para a acentuação dos problemas de segurança, para a estigmatização do bairro". A junta diz que irá provocar "ainda mais dificuldades aos moradores e comerciantes que resistem no coração da cidade". Garantindo ser portadora de um espírito solidário, a junta lamenta, porém, não ter sido consultada pela Câmara de Lisboa sobre a criação do novo equipamento social no seu território, a instalar em dois edifícios contíguos e devolutos, situados na Rua das Olarias.

"Percebemos a necessidade de se avançar para a construção de um equipamento deste género, direccionado aos cidadãos que estão na rua. Não podemos é estar a fazê-lo, sem pensar nas consequências", diz ao PÚBLICO Miguel Coelho, justificando o lançamento do abaixo-assinado. "A instalação naquela zona vai, por certo, agravar os problemas de insegurança no espaço público já sentidos pela população da Mouraria", diz o presidente da junta, assumindo uma posição em clara colisão com a dos vereadores do PS, que, alinhando com os eleitos dos restantes partidos, votaram a favor do projecto do Hotel Social de Lisboa, na reunião de vereação de 10 de Julho passado.

"Há um grande descontentamento por parte da população", garante Miguel Coelho. O autarca reconhece a necessidade de se encontrarem respostas eficazes para a população de sem-abrigo da capital, mas, sublinha, não nestes moldes, "em que a câmara está a empurrar os problemas difíceis e complexos para duas ou três freguesias". "Há que ter uma resposta global", pede o presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior.



NUNO FERREIRA SANTOS

O autarca de Santa Maria Maior acha que trazer pessoas em situação de sem abrigo para a Mouraria não é boa ideia

Presidente da junta acusa câmara de estar a "empurrar problemas difíceis" apenas para "duas ou três freguesias". Miguel Coelho reconhece necessidade de se encontrarem respostas eficazes. Mas pede uma "resposta global"

A crítica ecoa as já feitas, nos últimos meses, pelos seus homólogos, e colegas de partido, das freguesias do Beato e da Ajuda. No primeiro caso, relacionadas com a transferência, no final de Março, do Centro de Acolhimento de Emergência Municipal (CAEM) para pessoas em situação de sem abrigo que estava a funcionar em Arroios, e, no segundo caso, com o anúncio, no início de Junho, de que o antigo Hospital Militar de Belém passaria a ser, de forma temporária, um centro de acolhimento para imigrantes. Uma solução a pensar, sobretudo, nos que têm dormido em tendas na zona dos Anjos.

"Este problema, que é sério, tem de ter uma resposta global da cidade. Não se pode é pegar nos sem-abrigo de Arroios e atirá-los para a freguesia ao lado. Este é um problema de todos, tem de ser partilhado por todos", afirma o presidente da junta, criticando o que considera ser uma estratégia do presidente da Câmara de Lisboa. "Não aceitamos que Carlos Moedas queira transformar Lisboa numa cidade a duas velocidades. De um lado, estabelece-se uma espécie de condomínio privado, onde estão os que se encontram bem. Do outro, cria-se uma cidade para a qual se transferem e empurram todos os problemas que existem", critica o presidente de uma junta que administra um território onde se concentram alguns dos bairros mais emblemáticos da capital, como Alfama, Castelo, Baixa e Chiado, para além da Mouraria.

"Zona crítica"

Intitulado "Por mais segurança na freguesia de Santa Maria Maior, contra a implementação de um Hotel Social na Mouraria", o abaixo-assinado lamenta que a junta não tenha sido consultada sobre a instalação do equipamento. E, apesar de reconhecer a necessidade de se encontrarem soluções de assistência daquele género para as pessoas em situação de sem abrigo, afirma ser da "sensibilidade geral que a Mouraria é uma zona crítica de insegurança, foco de comportamentos marginais e criminosos, cada vez mais acentuados". Algo que, realça, motivou a sessão pública de denúncia "Estado de Alerta – (In)Segurança em Santa Maria Maior", organizada pela junta, a 18 de Julho, na qual a população deu conta do seu temor e na qual até marcou presença o chefe de gabinete de Carlos Moedas.

"O apoio aos sem-abrigo tem de ser um desígnio solidário de todas as freguesias da cidade, num esforço de resposta partilhado e não concentrado em zonas já por si complexas", lê-se no texto da petição. "A decisão da Câmara Municipal de Lisboa, de implementar um Hotel Social na Mouraria, é reveladora do profundo desprezo que os seus responsáveis têm pelos cidadãos dos bairros populares do centro histórico da cidade", denuncia o abaixo-assinado, que a junta de Santa Maria Maior quer pôr a circular, para depois enviar ao gabinete de Moedas.

Para além das objecções relacionadas com a alegada percepção de insegurança, Miguel Coelho salienta ainda o facto de os dois imóveis da Rua das Olarias onde se planeia construir o "Hotel Social de Lisboa" poderem, afinal, ser mais bem utilizados para outro fim. "Esta é uma freguesia com grandes carências de habitação e que tem visto grande parte da sua população sair. Estes dois imóveis poderiam bem servir para esse fim, como estava prometido pelo programa Regresso ao Bairro", afirma Coelho. Alude a uma iniciativa camarária que pretende recuperar casas devolutas para a criação de arrendamento acessível e assim facilitar o retorno dos antigos residentes ao centro histórico da cidade.

Questionado pelo PÚBLICO se não teme que esta iniciativa, associada à sessão de denúncia da insegurança, o posso pôr aos olhos de muitos como alguém carecendo de empatia social, o presidente da junta nega. "Temos uma grande sensibilidade social, temos respostas alimentares, de medicação e apoio às crianças e aos seniores", diz.

Starmer avisa participantes em motins racistas: "Vão-se arrepender"

Tijolos atirados contra casas – "porque somos ingleses" –, lojas pilhadas, ameaças a centros de refugiados: a polícia deteve pelo menos 147 pessoas desde sábado à noite, mas a violência não parou

Maria João Guimarães

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, disse ontem que pode "garantir" a quem participe nos motins que "se vai arrepender", e que será feito "tudo o que for preciso para levar estes desordeiros à justiça", depois de dias de violência racista e islamófoba no Reino Unido.

Starmer assegurou que tem passado os últimos dias a trabalhar com a polícia e o sistema judicial, desde que a violência começou por causa de três mortes em Southport, para que agora seja possível conseguir "detenções, acusações, prisões preventivas e condenações muito rapidamente".

O primeiro-ministro repetiu as acusações contra a extrema-direita de estar por trás dos motins. Segundo a emissora britânica BBC, foram detidas 147 pessoas desde sábado à noite, e este número deverá aumentar.

Os motins começaram na terça-feira depois da morte de três crianças por um jovem de 17 anos em Southport, a norte de Liverpool. Outras oito pessoas ficaram em estado crítico na sequência do ataque.

Logo nessa noite, pessoas ligadas ao grupo de extrema-direita e anti-islão English Defense League (EDL) foram até à localidade no final de uma vigília em memória das vítimas, atacando uma mesquita, queimando carros e atirando objectos contra a polícia.

Ontem, havia relatos de vandalismo e ameaças em zonas residenciais de Middlesbrough, descreve o diário britânico *The Guardian*. Grupos andavam de bairro em bairro a partir janelas de casas e vidros de automóveis, gritando insultos racistas.

Confrontado por um residente sobre a razão de estarem a quebrar as janelas de casas, um dos elementos do grupo respondeu: "Porque somos ingleses."

Outro alvo foi um hotel que recebe requerentes de asilo perto de Rotherham, com pessoas a atirarem tijolos contra a polícia e contra o edifício, partindo várias janelas, antes de pegarem fogo a caixotes do lixo e tentarem incendiar o hotel.

Dezenas de pessoas juntaram-se noutro hotel que também recebe requerentes de asilo em Aldershot, no Sul de Inglaterra.

A agência Reuters descreve violência também nas cidades de Liverpool, Bristol e Manchester. Os alvos foram variados: em Liverpool, o interior de uma biblioteca de um centro comunitário foi reduzido a cinzas.



HOLLIE ADAMS/REUTERS

Um manifestante de extrema-direita detido durante os protestos em Rotherham, onde um hotel de requerentes de asilo foi atacado

"Não representa o país"

O chefe de Governo teve ainda uma palavra para aqueles que são alvos da violência: "Aos que se sentem atingidos por causa da cor de pele ou da religião: sei quão assustador pode ser. Quero que saibam que este grupo violento não representa o nosso país – e vamos levá-los à justiça."

> **"É certamente plausível que o aumento do uso de retórica de direita extrema e radical por políticos tenha contribuído" para os motins, diz o investigador Vicente Valentim**

A ministra do Interior, Yvette Cooper, anunciou uma verba extra para aumentar a protecção às mesquitas, além dos recursos actuais, o que poderá permitir uma resposta mais rápida para mesquitas em risco de serem alvo de violência.

Quem também falou do sucedido foi o anterior primeiro-ministro, Rishi Sunak, para dizer que os motins "não têm nada que ver com a tragédia em Southport". "Este comportamento violento e criminoso não tem lugar na nossa sociedade", garantindo que "a polícia terá o nosso apoio total para lidar com estes criminosos com rapidez".

O jornalista Paul Mason (autor de *Como Travar o Fascismo*, ed. Objectiva) escrevia no X que a estratégia da polícia em dispersar os amotinados não funcionava quando estes ameaçavam a segurança de pessoas. E por isso dizia que o que as forças de segurança fizerem nos próximos dias será determinante, já que "se as comunidades pensarem que não podem contar com a polícia, vão começar a defender-se sozinhas – e isso irá alimentar a narrativa fascista".

O investigador da Universidade de Oxford Vicente Valentim, que tem estudado a normalização de discursos de direita radical e extrema (autor de *O Fim da Vergonha*, ed. Gradiva), escreveu na rede social X que, na sua opinião, haverá uma ligação entre o que está a acontecer e a retórica política tanto de partidos de direita radical como do Partido Conservador.

Primeiro, lembra que eleições em que partidos neste lado do espectro político têm sucesso (como aconteceu nas últimas eleições britânicas) podem normalizar expressões públicas de pontos de vista de extrema-direita e direita radical, e que mais pessoas se sentem confortáveis em agir de acordo com esses pontos de vista após a eleição.

Também sublinha que o facto de "os partidos de direita *mainstream* adoptarem retórica dos partidos mais radicais ou extremistas, como também aconteceu nesta campanha, ainda contribui mais para o processo de normalização". E, finalmente, lembra que a normalização aumenta o grau de xenofobia dos protestos.

Ou seja: "se é difícil identificar com rigor o que causou estes acontecimentos específicos", também "é certamente plausível que o aumento do uso de retórica de direita extrema e radical por políticos tenha contribuído."

Médio Oriente prepara-se para ataques perante "última tentativa" de diplomacia

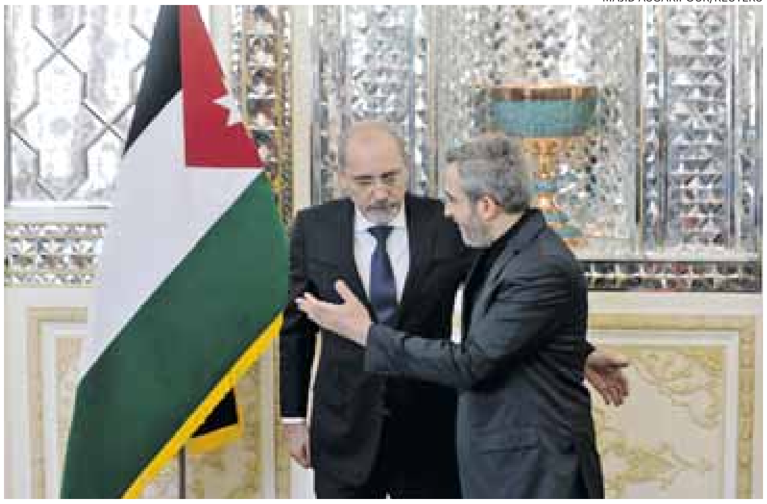
Maria João Guimarães

Israel prevê ataques vindos do Irão e do Líbano. Rara visita de ministro jordano a Teerão trouxe um pequeno sinal de esperança

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Jordânia, Ayman Safadi, fez ontem uma rara visita a Teerão no que foi visto como "a última tentativa antes da tempestade", sendo a tempestade uma resposta iraniana ao assassínio, por Israel, do líder do Hamas na sua capital na semana passada e ainda do Hezbollah à morte de um seu comandante um dia antes, e que era esperada a qualquer momento: fontes americanas e israelitas citadas pelo diário *Times of Israel* diziam que poderia ocorrer já hoje.

Apesar de ser tida como inevitável, havia ainda esperança de que a resposta iraniana pudesse mostrar força sem levar a uma resposta de Israel. E havia quem tivesse alguma esperança na via diplomática para evitar o pior, para evitar uma sucessão de acções que ultrapassem limites e acções de escalada, e permitir uma saída, provavelmente após uma acção iraniana e de movimentos apoiados pelo Irão.

MAJID ASGARIPOUR/REUTERS



O ministro Ayman Safad como seu homólogo Ali Bagheri Kani

Oficialmente, a mensagem levada na visita, a primeira de um responsável jordano ao Irão em duas décadas, era do rei Abdullah.

Mas o analista iraniano Arash Azizi escreveu na rede social X: "O ministro dos Negócios Estrangeiros da Jordânia vai a Teerão com mensagens dos EUA e Israel. O Irão deverá mandar uma mensagem de volta, destinada aos EUA e Israel. Por outras palavras, o Irão está a negociar indirectamente com Israel."

O jornalista da BBC Nafiseh Kohnavard escrevia que a visita decorreu "depois de o Irão se recusar a responder a várias chamadas e pedidos de países ocidentais e regionais para não retaliar contra Israel". A resposta, relatou, "foi que não há espaço para negociações ou tolerância desta vez".

Cita ainda um diplomata na região que afirmou não ser claro o que a visita do ministro jordano poderia conseguir, mas que, de qualquer modo, era "a última tentativa antes da tempestade".

O termo de comparação anterior foi a resposta iraniana em Abril a um ataque israelita que matou elementos dos Guardas da Revolução do Irão em Damasco, na Síria, e que foi visto como "coreografado e telegrafado" – coreografado já que foi feito para impressionar dado o grande número de projécteis (e também para obter mais informação sobre a capacidade defensiva de Israel) e telegrafado já que foi feito com demora e aviso prévio, que permitiu uma preparação que ajudou a que não houvesse grandes consequências, o que permitiu também a que Israel (também sob pressão dos Estados Unidos) não respondesse.

Apreensão no Líbano

O local onde a situação estava a ser vista com maior apreensão era no Líbano, com vários governos a apelarem aos seus cidadãos para deixarem o país – depois de Alemanha, Reino Unido e Suécia, neste domingo França e Itália fizeram o mesmo apelo.

A analista Kim Ghattas, que vive no país, descreveu escolhas terríveis de pessoas que vivem no estrangeiro e estão de férias a visitar familiares, de pessoas que não viajaram até ao país nas férias e consideram ir ver a família (por vezes, explicou, quem está fora está ainda mais angustiado do que quem está no país), famílias com filhos que vão começar a estudar fora em Setembro e pensam se devem antecipar a ida ou mantê-la, pessoas que temem perder oportunidade para estar com pais ou familiares idosos.

A pressão era aumentada pela falta de hipóteses de transporte, com várias companhias aéreas a cancelar já na semana passada voos de e para Beirute.

O envolvimento do Hezbollah libanês (sobre o qual o executivo do país não tem qualquer controlo) era visto como quase certo dada a morte do seu comandante numa acção reivindicada por Israel (que não confirmou oficialmente a autoria do ataque que matou Haniyeh). O ataque contra esse comandante, Fuad Shukr, foi uma resposta do Estado hebraico a um ataque que atingiu, muito provavelmente por erro, uma localidade drusa dos montes Golã, território conquistado à Síria por Israel na guerra de 1967 e anexado em 1981.

De Israel, também se registaram alguns cancelamentos de companhias aéreas.

No país, os *media* diziam que o ataque era esperado "em várias frentes", com uma acção directa do Irão, do libanês Hezbollah e ainda, provavelmente, de vários outros grupos da região que recebem apoio iraniano.

Trump arranjou um debate na Fox News e recusa-se a ir ao que já está marcado na ABC

António Rodrigues

Afinal, o debate entre Donald Trump e Kamala Harris no dia 4 de Setembro na Fox News era apenas uma proposta do ex-Presidente e candidato republicano à presidência dos Estados Unidos e não um facto consumado, como o próprio dava a entender. E a resposta da campanha da vice-presidente dos EUA não tardou a surgir: o debate está marcado para dia 10 de Setembro na ABC, e já estava ainda Joe Biden era o candidato. A posição dos dois lados dá a entender que não haverá debate.

"É interessante como o 'a qualquer hora, em qualquer lugar' se transforma em 'uma hora específica, num espaço seguro específico'", escreveu na rede social X Kamala Harris, que assegurou formalmente na sexta-feira os votos suficientes dos delegados para ser a candidata presidencial do Partido Democrata em vez de Joe Biden, depois da desistência do Presidente. "Estarei lá no dia 10 de Setembro, como concordou. Espero vê-lo lá", acrescentou.

Para o porta-voz de Kamala Harris, citado pela Reuters, Trump "ficou com medo" e, por isso, inventou este debate. Michael Tyler acrescentou, no entanto, que a candidata democrata está aberta ao agendamento de mais debates até às eleições presidenciais de 5 de Novembro, mas depois do debate de 10 de Setembro, com o qual "as duas campanhas já tinham concordado".

No sábado, Trump voltou a escrever na Truth Social sobre o debate na Fox News, que ele queria que fosse com audiência e apresentado por Bret Baier e Martha MacCallum, garantindo que Kamala Harris estava "com medo", dizendo que a verá a 4 de Setembro ou não a verá "de todo".

A saída de Biden da corrida presidencial e a entrada em cena de Kamala Harris, a primeira mulher de ascendência indiana e a primeira de ascendência negra na corrida à Casa Branca por algum dos dois principais partidos do país, dinamizaram o eleitorado progressista, aparecendo neste domingo à frente na média de sondagens do *site* fivethirtyeight, com 45,1% das intenções de votos contra 43,6%, ao mesmo tempo que fez desaparecer a vantagem que Trump tinha nos sete *swing states*, que podem decidir a eleição, de acordo com a Bloomberg.



Kamala Harris deverá anunciar hoje o nome do seu candidato a "vice" nas eleições de 5 de Novembro

Na sexta-feira, num comício em Atlanta em que elogiou o Presidente russo, Vladimir Putin, pelo maior acordo de prisioneiros feito com os Estados Unidos desde o tempo da Guerra Fria, Trump atacou o "carácter" de Kamala Harris e "as políticas que promoveu como vice-presidente", voltando a exprimir as suas dúvidas sobre a questão racial.

O ex-Presidente vem acusando a candidata democrata por só agora assumir o facto de ser negra, quando antes só sublinhava a sua ascendência indiana. Algo que não corresponde à verdade. A vice-presidente é filha de mãe indiana e de pai jamaicano, sempre se identificou como negra e indiana, formou-se numa universidade tradicionalmente negra e fez parte de uma importante irmandade negra.

A reiteração discursiva de Trump em relação à questão racial contrasta com a posição de alguns líderes republicanos que o aconselharam a evitar os ataques a Kamala Harris com base na sua identidade por temerem que isso pudesse virar-se contra eles.

Kamala Harris deverá anunciar durante o dia de hoje o nome do seu candidato a vice-presidente. Ontem recebeu na sua casa em Washington, o governador do Minnesota, Tim Walz, o senador do Arizona, Mark Kelly, e o governador da Pensilvânia, Josh Shapiro. Na sexta-feira, já tinha falado com o secretário dos Transportes, Pete Buttigieg.

Pelo meio, reuniu-se no sábado com a equipa encarregada de vetar os candidatos a vice, não se sabendo se chegou a reunir com os governadores Andy Beshear (Kentucky) e J.B. Pritzker (Illinois), que também figuravam entre os possíveis nomeados.

"Emmanuel Macron recusa-se a reconhecer a realidade do voto do povo francês"



Céline Hervieu A porta-voz do Partido Socialista diz que Macron deve nomear o candidato da Nova Frente Popular e caberá aos macronistas dizer se apoiam ou não o governo das esquerdas

Entrevista

Amílcar Correia

Céline Hervieu, porta-voz do Partido Socialista francês, defende que o Presidente da República Emmanuel Macron deve nomear como primeira-ministra Lucie Castets, o nome escolhido pela Nova Frente Popular (NFP), após semanas de intensas negociações. Os vários partidos tiveram algumas dificuldades em chegar a consenso e vingou a tese de que a melhor solução seria alguém oriundo da sociedade civil, como foi o caso.

A socialista eleita nas últimas legislativas, a 7 de Julho, explica que o objectivo da campanha e da criação da NFP era "impedir a vitória da extrema-direita" e responsabiliza Macron pelo actual impasse.

Hervieu defende que Macron deve nomear o candidato apresentado pela frente popular e que "caberá aos deputados macronistas dizer se apoiam o governo da NFP". "Hoje", observa, "o Presidente da República está desacreditado. Duas vezes desacreditado nas urnas. Desacreditado até no seu próprio campo". A deputada considera que há uma lição a tirar deste processo desta coligação partidária: "A esquerda sabe como fazer história".

Os partidos de esquerda foram rápidos a fazerem uma coligação e a Nova Frente Popular foi o bloco mais votado. Mas demorou algum tempo até que chegassem a acordo sobre a apresentação consensual de um candidato a primeiro-ministro. Porquê?

Após um processo de duas semanas, a Nova Frente Popular conseguiu chegar a um consenso em torno do nome de Lucie Castets, uma funcionária pública sénior, de 37 anos. Em comparação, em Janeiro de 2024, o governo demissionário de Gabriel Attal demorou mais de um mês a instalar-se. Assim, quinze dias não é demasiado tempo. É certo que a questão da escolha pode suscitar dúvidas. Era preciso dedicar algum tempo a discuti-la. Para recordar, foram necessários apenas quatro dias para unir a NFP em torno de um programa. A NFP é coerente. Hoje, se ainda existe um impasse, a culpa não é da NFP O impasse é culpa do Presidente da República Emmanuel , que continua surdo aos resultados das urnas.

O desacordo deveu-se ao facto de a NFP nunca ter pensado que ia ganhar e, portanto, não existia um plano para governar? Nunca foram discutidas soluções para um futuro governo em caso de vitória?

O objectivo da campanha legislativa era impedir a vitória da extrema-direita. É este o significado do nome da coligação: a Nova Frente Popular, em referência à Frente Popular, de 1936, que foi formada contra a ameaça da extrema-direita em França. Esta era, de facto, a ameaça representada pela decisão irresponsável e inconsistente do Presidente da República de dissolver a Assembleia Nacional. Contra os que apostavam na divisão da esquerda, incluindo o Presidente da República, a esquerda apresentou-se unida. Unida em torno de um programa, porque o que conta, antes da questão de "quem" a fazer o quê, é a questão de "o que" fazer? Este método foi o mais correcto. Dissemos aos franceses, claramente, o que queremos fazer e eles confiaram em nós, fazendo de nós a principal força da nova Assembleia Nacional.

O PS sempre esteve mais interessado num candidato da sociedade civil, como Laurent Berger ou Laurence Tubiana. Um dos problemas foi o facto de o candidato ou a candidata a primeiro-ministro não pertencer a nenhum dos partidos?

Lucie Castets vem da sociedade civil. É a prova de que a proposta do PS de um candidato oriundo da sociedade civil reuniu

> **Lucie Castets vem da sociedade civil. É a prova de que a proposta do PS de um candidato oriundo da sociedade civil reuniu consenso no seio da Nova Frente Popular**

consenso no seio da NFP. O seu conhecimento do funcionamento da máquina administrativa (foi aluna da Escola Nacional de Administração) e o seu compromisso inabalável com o serviço público (é co-presidente do colectivo os Nossos Serviços Públicos) reúnem as competências técnicas e a ambição política que permitiram aos diferentes membros da NFP chegar a um consenso.

O impasse da esquerda em chegar a um acordo para indicar um candidato a primeiro-ministro reforçou a possibilidade do Presidente Emmanuel de nomear um governo de iniciativa presidencial?

A resposta do Presidente da República, uma hora após a proposta feita pela NFP, indica, claramente, que o problema não está na NFP, mas em Emmanuel Macron, que, após duas derrotas

DR



consecutivas, primeiro nas eleições europeias, e depois nas eleições legislativas, se recusa a reconhecer a realidade do voto do povo francês. A negação da democracia de que ele é culpado, ao recusar-se a nomear um primeiro-ministro da NFP, que ficou em primeiro lugar nas eleições legislativas, é muito grave.

A NFP chegou a acordo sobre um candidato comum à presidência da Assembleia Nacional, André Chassaigne, um deputado conhecido pela sua integridade e que, além disso, reuniu mais votos do que os da NFP, e também chegou a acordo sobre um nome para Matignon. Hoje, o Presidente da República está desacreditado. Duas vezes desacreditado nas urnas. Desacreditado até no seu próprio campo. Há uma lição a tirar deste acordo. A esquerda sabe como fazer história. Nunca duvidei disso e a sequência prova que tenho razão.

O PS estará disponível para participar num governo ao lado dos partidos que apoiam Macron, se o Presidente recusar o nome proposto pela NFP?

A questão é a oposta. Estarão os macronistas dispostos a apoiar um governo de acordo com os resultados das eleições legislativas? Com os seus parceiros da NFP, o PS é a principal força política da Assembleia Nacional. A partir de agora, o Presidente deve nomear um primeiro-ministro de entre os membros da NFP para governar. Caberá aos deputados macronistas dizer se apoiam o governo da NFP quando se trata de reverter a injusta reforma das pensões ou de pôr em ordem o nosso sistema fiscal, para dar aos serviços públicos os meios para funcionarem.

"PS é resolutamente de esquerda"

França: "Quando a esquerda ganha, é porque ela faz nascer a esperança"

Deputada eleita nas últimas legislativas e porta-voz do Partido Socialista (PS) francês, Céline Hervieu mostra-se satisfeita com os resultados obtidos pelo seu partido nessas eleições e sublinha o crescimento de 110% comparativamente à legislatura anterior. Foi esse aumento, e os 66 deputados na Assembleia Nacional, que justificaram a insistência na sugestão de Olivier Faure, o seu secretário-geral, como possível candidato comum da Nova Frente Popular (NFP) a primeiro-ministro.

Todavia, Faure não gerou consenso entre os partidos que formaram a coligação de esquerda e que foi o bloco mais votado nas eleições de 7 de Julho passado. Lucie Castets, que não pertence a nenhum dos partidos da NFP, foi o nome apresentado ao Presidente da República. Nesta entrevista, Céline Hervieu classifica o PS como um partido "resolutamente de esquerda" e "determinado a transformar as relações sociais, para alcançar uma maior igualdade e um maior bem-estar para todos".

O Partido Socialista (PS) não aceitou o nome de Huguette Bello, presidente do Conselho Regional da ilha de Reunião, que os comunistas propuseram, por acharem ser um perfil próximo do partido França Insubmissa?

Huguette Bello tinha muitos argumentos a seu favor. É uma presidente respeitada da região da Reunião. No entanto, não conseguiu reunir consenso nem entre os socialistas nem entre os ecologistas.

O PS insistiu em Olivier Faure, o seu secretário-geral, como candidato ao lugar. Porquê?

O PS defendeu a ideia de que o partido líder da NFP poderia propor um nome para ser submetido à votação dos deputados da NFP. Após as eleições legislativas, o Partido Socialista não só dispunha de 66 deputados, como tinha crescido 110% em relação à legislatura anterior. Os socialistas tinham, portanto, todo o direito de nomear um socialista e Olivier Faure era um candidato que unia o partido.

Os resultados eleitorais do PS têm melhorado. Foi o que aconteceu nas eleições europeias e nas legislativas. A que é que acha que se deve essa recuperação, depois de décadas de governo e anos de afastamento?

A cultura política do Partido Socialista é o reformismo. Reformar é governar. Governar significa correr riscos. Corremos esse risco com François Mitterrand, corremos esse risco com Lionel Jospin e também o corremos com François Hollande. Quando a esquerda ganha, é porque ela fez nascer a esperança. Essa esperança traz consigo uma enorme responsabilidade política e, nas crises financeiras, e depois securitária, que atingiram os cinco anos de François Hollande, os socialistas não conseguiram satisfazer essa esperança. Desde 2017, o Partido Socialista está na oposição. A oposição é necessária porque, quando Emmanuel Macron suprime o ISF [um imposto solidário sobre a riqueza a nível global, destinado à luta contra as alterações climáticas, que foi parcialmente eliminado em França], quando reduz a APL [ajuda personalizada à habitação], quando impõe a reforma aos 64 anos ou quando aprova uma lei de imigração com os Republicanos, está a seguir uma política de direita.

Para se opor a isso, o Partido Socialista está a trabalhar e a mostrar a sua coerência e seriedade. Desde 2017, o Partido Socialista também demonstrou a sua vocação unitária, quando decidiu trabalhar com toda a esquerda, o PCF (Partido Comunista Francês), o EELV (o partido ecologista) e o LFI (A França Insubmissa) nas eleições legislativas, bem como a sua singularidade, no seio da esquerda, quando defendeu uma Europa poderosa e social nas eleições europeias. Esta identidade redescoberta, baseada na sua luta pela unidade da esquerda e dos seus valores, fez com que um maior número dos nossos concidadãos, que se tinham afastado de nós, se identifique com as nossas propostas.

Como classificaria hoje o PS do ponto de vista ideológico?

O PS é resolutamente de esquerda. O PS está determinado a transformar as relações sociais para alcançar uma maior igualdade e um maior bem-estar para todos. Demonstra-o nas suas propostas nacionais, bem como nas autarquias locais que dirige. Isto significa defender o trabalho, aumentar os salários e defender melhores condições de trabalho. Significa, também, defender os nossos serviços públicos e uma fiscalidade mais justa. E significa mobilizar todos os nossos esforços para enfrentar a maior ameaça do nosso tempo, as alterações climáticas, que estão a atingir mais duramente os mais vulneráveis.

> **O PS está determinado a transformar as relações sociais para alcançar uma maior igualdade e maior bem-estar**

MOHAMMED BADRA/EPA



Olivier Faure queria ter sido o candidato a líder do governo da NFP

Governo prevê que apoio de 2,5 milhões servirá para formar mil imigrantes no turismo

Medida requer recurso à rede de escolas do Turismo de Portugal e estágio nas empresas que queiram aderir ao programa. Sectores como a restauração e a hotelaria têm-se debatido com a falta de mão-de-obra

Luís Villalobos

O plano de formação de refugiados e migrantes no sector do turismo prevê abranger mil pessoas na sua primeira fase, de acordo com as informações prestadas ao PÚBLICO por fonte oficial do Ministério da Economia.

Sem adiantar datas, a mesma fonte refere que a "formação de mil imigrantes" prevê o "recurso à rede de escolas de hotelaria e turismo do Turismo de Portugal, assim como a subsequente realização de estágio numa das empresas de turismo que venham a aderir ao programa".

"A disponibilidade e frequência da formação por parte dos imigrantes será paga pelo Turismo de Portugal", diz o Ministério da Economia, acrescentando que o estágio "será pago pelas empresas".

No dia 4 de Julho, no âmbito da apresentação do plano Acelerar a Economia, o Governo anunciou que ia dedicar 2,5 milhões de euros do orçamento do Turismo de Portugal à criação de um "programa de integração de migrantes e refugiados".

O programa, segundo se explicou no documento então apresentado, destina-se a "acolher profissionais, ou não profissionais, para um projecto de formação-integração, visando contribuir para a melhoria das condições de integração dos refugiados e dos migrantes em Portugal", e a prepará-los para entrarem no sector do turismo.

Outro objectivo anunciado no âmbito do novo plano e orientado para o turismo é o de desenvolver "parcerias estratégicas para qualificação e integração de jovens" nos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Neste caso, a estratégia passa por "apoiar localmente países da CPLP na qualificação dos seus jovens através de parcerias estratégicas com *standards* de qualidade pelo Turismo de Portugal" e "assegurar um alcance internacional da marca da rede de escolas de hotelaria e turismo do Turismo de Portugal no contexto da CPLP", isto por via "de modelos de gestão de escolas partilhados".

Sectores como a restauração e a hotelaria têm-se debatido com a falta de mão-de-obra. No início de Julho, a secretária-geral da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP), Ana Jacinto, afirmou ao PÚBLICO que a principal ameaça para o sector "tem que ver com a falta de pessoas disponíveis para trabalhar e com a dificuldade de manter os postos de trabalho que se vão conseguindo".

"Quer na restauração, quer no alojamento, a escassez de trabalhadores está a condicionar em larga escala o bom funcionamento das nossas empresas, comprometendo os negócios existentes e futuros", acrescentou então Ana Jacinto.

> **A disponibilidade e frequência da formação por parte dos imigrantes será paga pelo Turismo de Portugal**
>
> **Fonte oficial do Ministério da Economia**

30%

Dados do Banco de Portugal indicam que esta é a percentagem de trabalhadores estrangeiros no sector do alojamento e restauração, só ultrapassado pela agricultura

Sector emprega 360 mil

No final de Março deste ano, segundo o INE, havia 359,1 mil pessoas empregadas na área do alojamento, restauração e similares, mais 7,4% face a idêntico período de 2023 (equivalente a 7,8% do emprego total). O total de remuneração média bruta, mensal, fixou-se nos 1004 euros.

De acordo com o Banco de Portugal, o sector do alojamento e restauração é o segundo com maior peso de trabalhadores estrangeiros, com cerca de 30% do total (depois da agricultura e pesca, com pouco mais de 40%), com destaque para os cidadãos brasileiros e nepaleses.

Um relatório sobre o sector publicado em Julho pela OCDE, conforme já noticiou o PÚBLICO, constatou que o turismo "é um sector de mão-de-obra intensiva e a escassez de mão-de-obra e falta de competências têm limitado a actividade do sector".

Em 2023, avançou a OCDE, as vagas de emprego por preencher foram mais elevadas do que em outras áreas de actividade económica. Para esta organização internacional, "é preciso fazer mais no sentido de perceber as necessidades dos trabalhadores, de modo a fazer com que o trabalho no turismo seja atractivo e uma opção viável".

Aqui estão incluídos factores complementares ao trabalho em si (em que se inclui o salário e perspectivas de evolução de carreira), como o alojamento, transporte e serviços de apoio aos filhos.

No caso de Portugal, o Governo apresentou no passado mês de Junho alterações à linha de apoio à qualificação da oferta, contemplando a "elegibilidade das despesas com investimento em alojamento para os trabalhadores da empresa".



Segundo dados do INE, a remuneração média bruta mensal no sector do tu

PAULO PIMENTA



urismo era de 1004 euros em Março deste ano

Os mercados de eleição

Austrália, México e Coreia do Sul: as novas apostas do turismo português

Luís Villalobos

Com os dez maiores mercados emissores de turistas a pesarem 74% do total, dos quais apenas três não são europeus (EUA, Brasil e Canadá), Portugal quer atrair mais visitantes de outros destinos, com as grandes apostas a incidirem na Austrália, México e Coreia do Sul.

A intenção, já anunciada pelo Governo no programa Acelerar a Economia, é a de alargar a rede de equipas do Turismo de Portugal de modo a assegurar "uma maior cobertura de mercados, em particular dos que apresentam maior potencial de crescimento", refere fonte oficial do Ministério da Economia.

"A Austrália, a Coreia do Sul e o México são grandes economias que, particularmente as duas primeiras, têm vindo a registar crescimentos expressivos na emissão de turistas para Portugal", acrescenta a mesma fonte.

No caso da Austrália, o mercado mais distante, o Ministério da Economia, que tutela o Turismo de Portugal, diz que este "representa 463 mil dormidas por ano e demonstra um crescente interesse: em 2023 a procura cresceu 33% face a 2019, que tinha sido até então o melhor ano". "Este mercado beneficia do reforço das ligações aéreas da Ásia para Portugal", realça.

De acordo com os dados do Banco de Portugal, os turistas australianos gastaram 198 milhões de euros no mercado nacional no ano passado, o dobro do valor do ano anterior em termos nominais e acima do montante de 2019, pré-pandemia.

Embora seja necessário ter em conta o factor de subida de preços, as informações do INE demonstram que o número de hóspedes nos estabelecimentos turísticos (sem contar com as unidades de alojamento local com menos de dez camas) chegou aos 196.112, o maior de sempre.

Uma análise do Turismo de Portugal publicada em Março mostra que a Austrália foi o 14.º mercado em número de hóspedes, com destaque para a Área Metropolitana de Lisboa, responsável por 50% das dormidas (segue-se o Norte, com 22,5%). Tendo como principais pontos de partida Sydney e Melbourne, "50% chegam através dos Emirados Árabes Unidos".

Coreia com ligação directa

"No caso da Coreia do Sul, que representa cerca de 265 mil dormidas por ano, o crescimento em 2023 foi de 130% face a 2022, tendo quase recuperado os valores de 2019", explica fonte oficial do Ministério da Economia. "O potencial deste mercado é reforçado pelo anúncio de uma ligação aérea directa Lisboa-Seul, a segunda no mercado asiático", sublinha.

Em Maio, conforme noticiou o PÚBLICO, a Korean Air anunciou o lançamento de voos directos, em operação *charter*, entre Lisboa e Incheon, em Setembro e Outubro, com três frequências semanais, com a possibilidade de "estender as operações da rota para o Inverno".

Na verdade, a aposta na Coreia do Sul (11.º maior mercado emissor a nível global) já vem do passado, nomeadamente no âmbito do turismo religioso, com Fátima em primeiro plano.

Isso ajuda a explicar que haja ainda uma diminuição de 19% no número de turistas no ano passado face a 2019, tendo 2023 registado a entrada em Portugal de 166.783 visitantes sul-coreanos.

Já as receitas subiram 8% para 68,7 milhões de euros entre estes dois anos. Neste caso, também a área de Lisboa é o principal destino, mas com uma menor dimensão face à Austrália no indicador de dormidas: 32,7% optam pela capital e outros 29,1% pelo Norte.

Sobre o México, fonte oficial do Ministério da Economia defende que este é "particularmente relevante, nomeadamente para o turismo de negócios". "O crescente aumento do interesse em Portugal e o grande potencial de crescimento são demonstrados pela presença portuguesa na feira do livro de Guadalajara, na ILTM Norte América [evento de negócios ligado ao mercado de luxo] e através do contacto com os operadores turísticos do mercado", sublinha.



O Ministério da Economia é liderado por Pedro Reis

Dos três novos mercados na mira do Turismo de Portugal, o México é o que regista menor número de turistas, com 82.175 visitantes em 2023 (mesmo assim, um crescimento de 73% face a 2019 e de 49% em relação ao ano anterior).

No caso de Espanha, que tem relações históricas com o México, aquela que é segunda maior economia da América Latina e o terceiro país mais populoso (cerca de 128 milhões de habitantes) foi responsável por 992.000 turistas, de acordo com o instituto espanhol de turismo, quase mais 40% face a 2022 e 70% acima de 2019.

Os turistas mexicanos, de acordo com os dados oficiais espanhóis, gastaram 2355 milhões de euros no país vizinho depois de aterrarem nos aeroportos de Madrid e de Barcelona, com uma estadia média de sete dias.

Mais turistas estrangeiros

Numa análise sobre o turismo publicada em Maio, o departamento de estudos económicos do BPI afirmou esperar uma "ligeira redução da sazonalidade" devido a factores como "o aumento da diversificação de mercados emissores, com turistas que viajam noutras alturas do ano" (outro dado é o facto de a época alta, "especialmente no Algarve", estar "relativamente mais cara face ao poder de compra dos portugueses", levando ao "desvio de turistas nacionais para o exterior e para outras alturas do ano").

Depois de terem sido batidos novos recordes de turistas e receitas em 2023, este ano continua a registar-se um crescimento, embora com um ritmo mais moderado.

Do aumento de 612.690 turistas estrangeiros que se registou nos primeiros seis meses deste ano face ao mesmo período de 2023, o maior contributo veio dos EUA, com 136.973 hóspedes (equivalente a 22% do total do crescimento), de acordo com os dados do INE (que não contabiliza as unidades de alojamento local com menos de dez camas).

Seguem-se o Reino Unido (que tem liderado a tabela geral), com mais 61.981 (equivalente a 10% do total do crescimento), a Alemanha, com mais 60.792 (9,9%), o Canadá, com mais 59.568 (9,7%), e a Polónia, com mais 40.774 (6,6%). O INE contabiliza apenas 15 países nos dados que divulga mensalmente, cabendo à rubrica "Outros" um aumento de 200.893 novos turistas estrangeiros (33%).

CLASSIFICADOS

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. **21 011 10 10/20** Fax **21 011 10 30**
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE BRAGA

Processo Simplificado para Recrutamento de Técnicos/as Auxiliares de Saúde, Unidade Local de Saúde de Braga, E.P.E. - Contrato a termo incerto.

A Unidade Local de Saúde de Braga, E.P.E. está a recrutar Técnicos/as Auxiliares de Saúde.

As candidaturas decorrem em 5 dias úteis.

Todas as informações sobre este processo encontram-se disponíveis em https://recrutamento.hospitaldebraga.pt/processos-ativos.

Braga, 05 de agosto de 2024

Universidade do Minho
Unidade de Serviços de Recursos Humanos

ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de um Técnico de Ciência e Tecnologia, na modalidade de Contrato de Trabalho a Termo Resolutivo Incerto, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTTRI-PTAG-110/24-CIEC(1).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir Doutoramento; b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 06/08/2024 a 08/08/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*

REPÚBLICA PORTUGUESA · SNS · UNIDADE LOCAL DE SAÚDE ARCO RIBEIRINHO

AVISO

Torna-se público, que foi publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 149 de 02/08/2024, Aviso 16193/2024/2, procedimento concursal comum para provimento de um lugar na categoria de Assistente Graduado Sénior de Psiquiatria da carreira médica e carreira especial médica, o qual se encontra disponível para consulta na pagina eletrónica desta Unidade Local de Saúde.

Unidade Local de Saúde Arco Ribeirinho, 2 de agosto de 2024

A Presidente do Conselho de Administração
Teresa Carneiro

NOVA MEDICAL SCHOOL

Dá-se conhecimento de que se encontra aberto os seguintes recrutamentos para a NOVA Medical School da Universidade Nova de Lisboa:

- 1 vaga de Assessor de Segurança para Apoio ao Projeto PRR C5 – Agenda Transformar Turismo (Ref.ª: **ASS/6/PRR/2024**);
- 1 vaga de Assistente Técnico para o Projeto UIDN/04923/2020 – CHRC BASE (Ref.ª **AT/3/CHRC/2024**).

Podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no endereço: www.nms.unl.pt *(Junte-se à nms/Recrutamento/ Colaboradores)*.

O prazo limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

NOVA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de pessoal em regime de comissão de serviço para a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para:

2 vagas de Técnico Superior, com a seguinte referência:

CT-ND-066-2024-DALM

ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

https://www.fct.unl.pt/faculdade/concursos/nao-docentes

O prazo limite para submissão das candidaturas é de 10 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

PÓVOA DE LANHOSO

MUNICÍPIO DA PÓVOA DE LANHOSO

AVISO

Abertura de procedimento concursal para o provimento do cargo de direção intermédia 1.º grau

Nos termos do disposto dos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na sua atual redação, aplicada à administração local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, torna-se público que, por deliberação da Câmara Municipal de 17 de junho de 2024 e por sessão da Assembleia Municipal, de 24 de junho de 2024, com continuação no dia 25 de junho de 2024, e por despacho do Presidente da Câmara Municipal de 15 de julho de 2024, que a Câmara Municipal da Lanhoso, pretende proceder à seleção de candidatos para o provimento do seguinte cargo:

Direção intermédia de 1.º grau do Departamento de Gestão Autárquica – 1 lugar.

A publicitação do procedimento concursal na Bolsa de Emprego Público (www.bep.gov.pt), com indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil pretendido, a forma de formalização de candidaturas, da composição do júri e dos métodos de seleção, efetuar-se-á até ao 3.º dia útil após a publicação do presente aviso no *Diário da República*, data a partir da qual decorrerá o período de 10 dias úteis para apresentar candidatura.

5 de agosto 2024. Município da Póvoa de Lanhoso

O Presidente da Câmara, *Frederico de Oliveira Castro*, Dr.

---

alzheimer PORTUGAL

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos:

Sede: **Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3 Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa**
Telefones: 213 610 460 - Fax : 21 361 04 69 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Doutor Carlos Garcia: **Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Telefone: 213 609 300 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org**
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário **«Casa do Alecrim», Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia**
2765-029 Estoril - Telefone: 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Horário de Atendimento: Quartas e sextas, entre as 9h e as 13h
Núcleo do Ribatejo da Alzheimer Portugal: **R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31 «A, 2080-114 Almeirim**
- Telefone: 243 000 087 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Delegação Norte da Alzheimer Portugal**: Centro de Dia «Memória de Mim», Rua do Farol Nascente**
n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Telefone: 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro da Alzheimer Portugal**: Centro de Dia do Marquês, Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal**
- Telefone: 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: **Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão**
- Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira da Alzheimer Portugal**: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional**
da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 Funchal, Telefone: 291 772 021 - Fax: 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

Estreia do novo centro de lançamentos espaciais nos Açores adiada para Setembro

Lançamento de teste com equipa de estudantes do Instituto Superior Técnico deverá decorrer nos primeiros dias de Setembro. Voos suborbitais passam a estar planeados para o início do próximo ano

Tiago Ramalho

Os planos para o centro de lançamentos espaciais do Atlantic Space Consortium (ASC) na ilha de Santa Maria, nos Açores, sofreram um atraso de dois meses, atirando agora o primeiro teste para Setembro – algo que pode ser considerado como um clássico no sector do espaço. Este centro de lançamentos, localizado na Malbusca, no Sul daquela ilha açoriana, pretende ser o ponto de partida para os primeiros voos suborbitais em território português. Isto caso tudo corra como previsto pelos seus responsáveis.

A estreia deste centro de lançamentos está agora agendada para a primeira semana de Setembro, onde a missão Gama servirá como mestre-de-cerimónias. Esta missão foi desenvolvida pela equipa RED (Rocket Experiment Division), formada por estudantes do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, que construíram um foguetão para atingir os dez quilómetros de altitude. Ainda não é suborbital, mas será a experiência inicial do local que muitos vêem (e há muitos anos) como futuro do acesso ao espaço desde Portugal.

As primeiras datas tinham sido inicialmente avançadas em Maio deste ano: o primeiro teste estava marcado para Julho e o primeiro voo suborbital aconteceria até ao final do ano . Só que no espaço nada é certo, sobretudo as datas, e também o primeiro voo suborbital só deverá acontecer no próximo ano.

"O atraso deveu-se à produção das placas electrónicas do foguetão", explica Bruno Carvalho, responsável do ASC, um consórcio entre a consultora Ilex Space e a empresa de construção aeronáutica e aeroespacial Optimal (ambas portuguesas).

Este é, afinal, também um desafio para os estudantes do Instituto Superior Técnico, uma vez que vão lançar um foguetão bem mais alto do que o habitual. A equipa RED participa geralmente no concurso europeu de lançamento de foguetões universitários (Euroc) com lançamentos até três quilómetros de altitude, avançando agora com um desafio diferente face ao habitual.

"Estamos a fechar algumas questões com as autoridades, mas não vemos obstáculos a que [o lançamento] seja na primeira semana de Setembro", reforça Bruno Carvalho em declarações ao PÚBLICO.



DR

Os voos suborbitais em Santa Maria, nos Açores, já só devem decorrer no próximo ano, a partir da Malbusca

Suborbitais só para 2025

A estreia com a missão Gama é "um exercício de desmistificação do porto espacial", definia Bruno Carvalho ao PÚBLICO, em Maio deste ano. Nessa altura, antecipava que os voos suborbitais poderiam acontecer até ao final do ano. Dois meses, há mudanças: já só deverão acontecer no início do próximo ano.

"Continuamos a aguardar a regulamentação que deverá ser colocada em consulta pública em breve, para depois podermos iniciar o processo de licenciamento formal dos lançamentos suborbitais que espero conseguir fazer no início do próximo ano", dizia Bruno Carvalho esta segunda-feira. Curiosamente, também esta segunda-feira foi colocada em consulta pública essa revisão do regulamento pela Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom). O processo de consulta pública termina a 6 de Setembro.

Depois da aprovação da lei do espaço, em Fevereiro deste ano, a publicação do regulamento é um outro passo necessário para definir o que constitui um centro de lançamentos e quais são os requisitos necessários para o construir.

Um centro de lançamentos não é mais do que um conjunto de terrenos utilizados para descolar foguetões. Se uma empresa quiser ter actividades espaciais em Santa Maria (ou noutra zona do país), pode pedir o licenciamento para um centro de lançamentos espacial e, se respeitar todas as condições de segurança e de impacto ambiental, por exemplo, pode ver o seu pedido aprovado pelas entidades competentes.

Sem o regulamento pronto, ainda não é possível pedir o licenciamento. O voo da missão Gama, como não chega a ser suborbital, não precisa desta autorização para lançamentos espaciais numa área de trabalho de cerca de seis mil metros quadrados – com zona de lançamento, área para manobras de veículos e espaço para todos os contentores com material a utilizar. As estruturas não são, pelo menos para já, fixas. Mesmo em futuros voos suborbitais, as estruturas serão amovíveis, permitindo que a "erva volte a crescer", como enaltece Bruno Carvalho.

"Não podemos mesmo fazer os voos suborbitais sem o regulamento. Sem conhecer o regulamento não me posso comprometer com datas. E se for publicado no início de Outubro, começa a ser apertado ter logo os lançamentos em Dezembro", antecipava Bruno Carvalho. Com o término da consulta pública a 6 de Setembro, prevê-se que entre final de Setembro e início de Outubro este regulamento seja aprovado, após serem avaliadas as sugestões enviadas, e entre em vigor.

Além disso, no regulamento agora em consulta, a "autoridade espacial", ou seja a Anacom, tem 90 dias para dar resposta a um pedido de atribuição de licença para operações, como lançamentos. Esse período de três meses poderá ditar que só no final do ano ou no primeiro mês de 2025 surja a licença para os lançamentos.

Apesar dos atrasos, o consórcio ASC não prevê qualquer mudança nos seus planos para o próximo ano, mantendo a intenção de fazer dois lançamentos suborbitais a partir de Santa Maria com dois fabricantes diferentes em 2025 – e, com isso, alargar o leque de clientes para o futuro.



Julho estancou a sangria nos cinemas, com o regresso de 1,6 milhões de espectadores

Abril, Maio e Junho foram os piores meses da década, à excepção dos anos críticos da pandemia. Bom arranque do novo semestre deve quase tudo ao filme de animação *Divertida-Mente 2*

Joana Amaral Cardoso

Na Primavera soaram os alarmes, que se estenderam Verão adentro: Abril, Maio e Junho foram os piores meses dos cinemas portugueses na última década, descontando os anos mais agudos da pandemia (2020 e 2021). Agora que Julho terminou, a sangria estancou e um vislumbre de retoma desenha-se com números acima de 10,5 milhões de euros em receitas de bilheteira e de 1,6 milhões de espectadores, em linha com os anos anteriores e até em alta face a anos pré-covid, como o de 2018. A cura foi sobretudo a estreia de *Divertida-Mente 2*, responsável por metade das idas ao cinema no mês passado, mas também *Gru – O Maldisposto 4* e *Deadpool & Wolverine* contribuíram para a convalescença. Animação, sequelas e super-heróis, portanto.

Segundo dados do Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) a que o PÚBLICO teve acesso, e relativos ao panorama da exibição em Julho, o mês saldou-se por 10,5 milhões de euros de receitas brutas de bilheteira e 1,69 milhões de espectadores em sala. A lista dos filmes exibidos no mês passado inclui reposições de estreias do início do ano, na animação, por exemplo, ou de clássicos de Wim Wenders ou Francis Ford Coppola, mas dela constam (e para ela contam) sobretudo filmes que se estrearam poucos dias antes de Julho, como *Gru – O Maldisposto 4*, o terror de *Um Lugar Silencioso: Dia Um*, ambos nas salas desde 27 de Junho, e mesmo títulos com vida mais longa nos cinemas como *Bad Boys: Tudo ou Nada* ou *Garfield: O Filme*, que chegaram entre o fim de Maio e o início de Junho ao cinema e continuam a chamar público.

As contas feitas pelo PÚBLICO a partir das tabelas semanais do ICA apontam para números ligeiramente acima dos que o instituto forneceu. Concluiu-se que o total de receitas pode ascender aos 10,8 milhões de euros e que o número de espectadores sobe para 1,74 milhões – indicadores que poderão ter de ser revistos à luz dos dados oficiais finais do mês, a divulgar por estes dias. Isto porque as contas do ICA dependem da data de envio (obrigatório) dos dados pelos exibidores nacionais e por vezes sofrem acertos *a posteriori* face às tabelas semanais, de carácter provisório.

Seja como for, o apanhado final do mês de Julho não mudará num ponto fulcral: é ainda cedo para perceber se as quebras do segundo trimestre vão ser compensadas pelo Verão cinematográfico e como terminará o ano de 2024 para o mercado da distribuição e da exibição de cinema.

Depois do "Barbenheimer"

Se o primeiro semestre de 2023 fechou com 5,4 milhões de espectadores, o período homólogo deste ano ficou comprovadamente abaixo dessa marca, com 4,7 milhões de idas ao cinema, o que equivale a receitas de 32,1 milhões e 29 milhões, respectivamente. Para já, certo é que os estúdios Disney, com a Pixar e a Marvel sob a sua alçada, assim como a gigante Universal, podem ficar contentes com o mês de Julho e com o que ainda lhes renderão as sessões de Agosto de *Divertida-Mente 2*, do recém-estreado *Deadpool & Wolverine* e do remanescente público para os Mínimos de *Gru – O Maldisposto 4*.

Divertida-Mente 2 é, aliás, o campeão. Produção da Pixar para miúdos e graúdos que se vira agora para a adolescência, arrecadou metade do volume de entradas nas salas do mês, com 5,2 milhões de euros em caixa e 858 mil espectadores. É o filme que salvou Julho e, quem sabe, o Verão.

Olhando para os 12 meses dos últimos anos (excluindo mais uma vez o biénio negro de 2020 e 2021, com cinemas encerrados ou em regime de lotação limitada pelas medidas de distanciamento social), a tendência que se revela, havendo excepções que se destacam pela positiva (Julho ou Agosto, Dezembro por vezes), é para uma certa homogeneização dos números, com menos oscilações sazonais. Desde 2018, ou seja, comparando dois anos pré-pandémicos (2018 e 2019) e dois anos pós-covid-19 (2022 e 2023), tanto as receitas quanto o número de espectadores mostram uma espécie de estabilidade ao longo do ano, mês após mês, as primeiras tendencialmente acima dos quatro milhões de euros/mês, as segundas em média a rondar ou acima do milhão de pessoas.

Não foi, porém, o caso no primeiro semestre deste ano, nem no período homólogo de 2023. Mas só em 2024 é que não se ultrapassou num único mês a fasquia dos 960 mil espectadores. Quanto a Julho, o caso já muda de figura entre 2018 e 2024 (excluindo, de novo, os anos de 2020 e 21): nesse mês, 1,3 milhões de pessoas foram ao



DR

Divertida-Mente 2 foi um dos grandes chamarizes do mês de Julho: mais de 850 mil entradas

Em 2024 não se ultrapassou num único mês em Portugal a fasquia dos 960 mil espectadores

cinema em 2018, número que subiu para 1,7 milhões em 2019, recuou a um milhão em 2022 e subiu espectacularmente no ano passado, quando 1,7 milhões de bilhetes foram vendidos no sétimo mês do ano. Sim, foi o mês em que se estrearam *Barbie*, o filme mais visto de 2023 em Portugal, e *Oppenheimer*. A estreia simultânea dos dois *blockbusters* gerou o fenómeno "Barbenheimer" e abocanhou a fatia de leão do *box office* do ano.

Em receitas, estes números equivalem, sempre com base nos dados do ICA, a 7,3 milhões de euros (2018), 9,7 milhões (2019), seis milhões (2022) e 10,5 milhões de

Dez filmes mais vistos de 2024 em Portugal

Número de espectadores entre Janeiro e Julho (inclusive)

	Filme	Espectadores
1.º	*Divertida-Mente 2*	858.216
2.º	*Gru — O Maldisposto 4*	365.400
3.º	*Todos Menos Tu*	317.329
4.º	*Dune — Duna: Parte Dois*	317.329
5.º	*O Panda do Kung Fu 4*	313.936
6.º	*Bad Boys: Tudo ou Nada*	239.567
7.º	*Garfield: O Filme*	217.883
8.º	*Deadpool & Wolverine*	191.575
9.º	*Bob Marley: One Love*	179.644
10.º	*Pobres Criaturas*	149.146

Fonte: ICA PÚBLICO

euros (2023). O último mês de Julho surge assim perfeitamente alinhado no crescendo. Não fossem os primeiros meses do ano.

Altos e baixos

Os motivos para esta quebra são múltiplos: as crescentes alternativas que disputam a atenção do espectador de cinema, a inflação, e ainda, seguramente, as consequências da greve dos argumentistas e actores de Hollywood que paralisou a indústria norte-americana no Verão passado e cujo efeito-dominó, reflectido no adiamento de filmagens e na reorganização do calendário de estreias, começou a fazer-se sentir já no final de 2023.

Nos últimos anos, o tema foi a recuperação após a covid-19. Em 2023, atingiram-se finalmente números de assistência e receita nas bilheteiras nacionais ao nível dos de 2014 e 2015, por exemplo, e o balanço final saldou-se em 12,3 milhões de espectadores: mais 27,8%, ou 2,6 milhões de pessoas, do que em 2022. Note-se, porém, que 2014, o ano tomado como termo de comparação, também não se mostrou muito animador à época: foi aliás o pior da década anterior em receitas e afluência. Venderam-se na altura 12 milhões de bilhetes. Nesses dez anos, cinco milhões de espectadores desapareceram dos cinemas portugueses.

Os anos seguintes seriam de retoma, com as salas nacionais a receberem 14,6 (2015), 14,9 (2016) e 15,6 milhões de pessoas (2017); em 2018, contudo, perdeu-se cerca de um milhão de espectadores. Em 2019, parte dessa audiência perdida voltou, muito graças aos títulos da Disney – onde é que já vimos este filme? Com trunfos na animação, da Marvel e, na altura, *Star Wars*, a gigante do entretenimento salvava o ano.

O tempo andará para trás ou é um círculo plano em que até os percursos irregulares se repetem? Apesar da mudança radical dos hábitos de consumo (com plataformas de *streaming* ou videojogos a chamarem uma fatia importante de velhas e novas gerações), será que basta um bom cartaz para voltar a ter salas cheias?

Para a frente, no grande ecrã de 2024, haverá, ainda este mês, *Borderlands*, de Eli Roth e com Cate Blanchett, ou *Super Wings O Filme: Velocidade Máxima*, a fazer render mais um *franchise* infantil, bem como o novo *Alien*, *Alien: Romulus*, e nova derivação de um dos grandes êxitos do cinema português dos últimos anos, *Balas & Bolinhos*, desta feita *Balas & Bolinhos – Só Mais Uma Coisa*.

Em Setembro, *Beetlejuice Beetlejuice*, de Tim Burton, o *Grand Tour* de Miguel Gomes, coroado em Cannes, *ou Transformers: O Início* marcarão a *rentrée*, ao passo que Outubro arranca com a sequela *Joker: Loucura a Dois*. Novembro tem *Gladiador II*, pela mão de Ridley Scott e com Paul Mescal e Denzel Washington, e *Vaiana 2*, da Disney. Dezembro trará o novo Almodóvar, com Tilda Swinton, Julianne Moore e John Turturro, *The Room Next Door*, e para as bilheteiras de Natal estão garantidos o *spin-off Mufasa: O Rei Leão* e *Sonic 3: O Filme*.

Jovem Orquestra Portuguesa abre festival Young Euro Classic

A Jovem Orquestra Portuguesa vai assegurar o concerto de abertura do Young Euro Classic, em Berlim, o "maior festival de jovens orquestras do mundo", avançou à Lusa o maestro Pedro Carneiro.

"Estivemos presentes nas edições de 2015, 2017, 2019 e 2022. Levámos sempre uma obra de um jovem compositor português. Por duas vezes ganhámos o prémio de composição com a obra que levámos. Os concertos da Jovem Orquestra Portuguesa têm sempre gerado críticas muitíssimo positivas e muitas ovações do público", garantiu o maestro.

A edição de 2024 do festival começa sexta-feira e estende-se por 17 dias. "É a primeira vez que temos a honra de fazer o concerto de abertura, ainda por cima na 25.ª edição do festival, celebrando igualmente os 50 anos do 25 de Abril. É um momento muito especial abrir este certame importantíssimo, que é sobejamente conhecido como o maior festival de orquestras jovens de todo o mundo", sublinhou Pedro Carneiro.

Nesta quinta participação, a Jovem Orquestra Portuguesa leva a concurso a obra *Apneia*, de João Caldas, vencedora da décima edição do Prémio de Composição SPA/Antena 2.

"Para mim é sempre uma honra subir ao palco com estes jovens, pelo trabalho que desenvolvemos com eles, pelo que representa para mim como português. Entrar numa sala mítica como a Konzerthaus é uma actuação especial, tenha o músico 90 anos ou 15 anos", disse o maestro.

O Young Euro Classic inspirou a fundação de inúmeras orquestras e ajuda a mantê-las activas.

"Este festival foi criado há 25 anos por uma série de entusiastas, mecenas, melómanos que decidiram celebrar o gigantesco legado da música, e a enorme ligação que tem entre a democracia e as causas humanistas permite que estes músicos pré-profissionais tenham um momento de exposição ao público numa das capitais musicais do mundo, se não a maior, lado a lado com orquestras que vêm dos Estados Unidos ou da União Europeia", realçou.

Pedro Carneiro acredita que o público alemão é "ávido de cultura". "Neste festival em especial, quando pisamos o palco notamos de imediato que há uma avidez e um prazer enorme nesta antecipação da escuta."

O concerto de sexta-feira na Konzerthaus de Berlim está inserido no Encontro de Verão da Jovem Orquestra Portuguesa, um dos eventos mais importantes da programação anual desta orquestra, que começou a 30 de Julho.

Durante duas semanas, os jovens músicos reúnem-se na sede da Orquestra de Câmara Portuguesa, para ensaios, tertúlias, sessões de consciência corporal e concertos.

Além da presença no festival Young Euro Classic, a Jovem Orquestra Portuguesa estará, no próximo dia 10, no festival Kultursommer Nordhessen, em Kassel, também na Alemanha, com o pianista português Raul da Costa como solista. **Lusa**



A Jovem Orquestra Portuguesa

Russo Artem Nych é o novo rei da Volta a Portugal

Ciclista tinha destronado Afonso Eulálio na Senhora da Graça e ontem venceu o contra-relógio final. O melhor português foi Gonçalo Leaça, com o quarto lugar na classificação geral

NUNO VEIGA/LUSA



Artem Nych é o segundo ciclista russo a ganhar a Volta a Portugal, depois de Vladimir Efimkin, em 2005

Paulo Curado

Assumido opositor da guerra na Ucrânia, o russo Artem Nych encontrou em Portugal um porto seguro para prosseguir a carreira nas duas rodas, na equipa Sabgal/Anicolor. Chegou em 2023 e alcançou ontem, com 29 anos, o ponto mais alto da carreira, ao vencer a 85.ª edição da Volta a Portugal em bicicleta. Um triunfo confirmado com o primeiro lugar do contra-relógio final, em Viseu.

A mais de oito mil quilómetros da sua cidade natal, Kemerovo, na Sibéria, Nych é o ciclista do momento nas estradas nacionais. Quarto classificado na edição da Volta do ano passado, o russo destronou o suíço Colin Stussi (Team Vorarlberg), que acabou com o segundo lugar da geral. Depois da vitória de Vladimir Efimkin, em 2005, esta é a segunda vez que um corredor russo vence a maior prova portuguesa.

"Sempre fui mais ou menos bom no contra-relógio, mas hoje corri com a camisola amarela, que me deu mais força", sintetizou no final Artem Nych, num português já bastante trabalhado e com um enorme sorriso que contrastava com o rosto absolutamente fechado nos instantes que antecederam a sua participação nos derradeiros 26,6 quilómetros da competição, sob escaldantes 35 graus. "É a primeira vez que ganho um contra-relógio em Portugal", congratulou-se.

Um triunfo tão mais saboroso pela forma inesperada como ocorreu. Depois de um início pouco auspicioso da Volta, com o russo a andar abaixo do top 10 da classificação, tudo mudaria a partir da sexta etapa. Chegou isolado a Boticas, após ter integrado uma fuga, subindo para o 14.º lugar e reduzindo 2m49s à diferença para o português Afonso Eulálio, que liderou a prova até sábado.

Artem Nych chegou à penúltima etapa, entre a Maia e o alto da Senhora da Graça, na 12.ª posição, antes de revolucionar a corrida e chegar à amarela. Foi segundo na mítica jornada, mas recuperou a desvantagem para todos os adversários à sua frente na geral. A um dia do desfecho, os protagonistas mudavam.

"Senti-me muito mal nas duas primeiras etapas de montanha, mas fiquei melhor, melhor, melhor e agora estava em forma", explicou o corredor, que tem contrato com a Sabgal/Anicolor, que tem sede em Águeda, até 2025.

Classificações

10.ª ETAPA	
1.º A. Nych (Sabgal/Anicolor)	34m36s
2.º J. Johansen (Sabgal/Anicolor)	a 3s
3.º Colin Stüssi (Vorarlberg)	a 30s
4.º R. Reis (Sabgal/Anicolor)	a 38s
5.º A. Grigorev (Efapel)	a 43s
GERAL	
1.º A. Nych (Sabgal/Anicolor)	38h03m45s
2.º Colin Stüssi (Vorarlberg)	a 1m23s
3.º A. González (Efapel)	a 2m38s
4.º G. Leaça (Credibom)	a 3m07s
5.º M. Bizkarra (Euskatel)	a 4m11s

Com uma altura pouco discreta de 1,95m – o mais alto do pelotão nesta prova –, Artem Nych foi considerado um dos ciclistas russos mais promissores nos primeiros anos como profissional. Em 2016 e 2017 foi 12.º classificado na Volta à França do Futuro, ao serviço da Gazprom-RusVelo, mas nunca conseguiu subir a um patamar internacional mais elevado, tendo obtido os melhores resultados nas provas internas do seu país, onde foi campeão nacional de fundo em 2021.

Nesse mesmo ano, tinha alcançado o melhor resultado fora de portas, com o oitavo lugar na geral da Volta à Turquia.

Com a extinção da equipa russa, em Março de 2022, o corredor teve de procurar soluções e acabou por receber o convite da então denominada Glassdrive/Q8/Anicolor, no final desse ano. Apontado como um corredor muito completo, bom trepador e experiente contra-relogista, Artem vinha trazer experiência e qualidade à equipa.

O ano de 2024 foi o da confirmação. Venceu com grande vantagem o Grande Prémio Abimota – uma prova de ciclismo de estrada, por etapas, para atletas das categorias Elites e sub-23, que decorreu entre 31 de Maio e 2 de Junho – e conquistou o GP Internacional Beiras e Serra da Estrela, pelo segundo ano consecutivo.

Artem Nych corre sob bandeira neutra, depois de a União Ciclista Internacional (UCI) ter recusado a autorização para competir à equipa Gazprom-RusVelo, face às sanções aplicadas às formações desportivas russas, na sequência da invasão da Ucrânia.

Se Artem festejou efusivamente em Viseu, o português Afonso Eulálio era o rosto do desalento. Depois de vestir amarelo durante sete dias, acabou por ceder na Senhora da Graça e encerrou a maratona no 10.º lugar da geral.

No último lugar do pódio, acabou por ficar Abner González (Sabgal-Anicolor), de Porto Rico, que havia vencido na Senhora da Graça. Gonçalo Leaça (Efapel Cycling), com a quarta posição, foi o melhor português, a 3m07s do vencedor.

O corredor nacional tinha sido quinto no sábado, tendo subido ao segundo posto da geral (a 37 segundos de Artem), mas uma penalização de 20 segundos, por abastecimento indevido de água, atirou-o para a quarta posição, que manteve ontem.

Breves

Futebol

Supertaça: adepta ferida por vidro leva 30 pontos na cabeça

Uma adepta ficou ferida no final da Supertaça, disputada pelo Sporting e FC Porto no Estádio Municipal de Aveiro, e teve de ser transportada para o hospital, onde levou 30 pontos na cabeça, e tem um hematoma. Ontem, ainda estava internada no hospital da cidade e continuava em observação. A adepta foi atingida por estilhaços de vidro proveniente do camarote do Sporting, onde estavam os jogadores que não foram convocados para a primeira partida oficial da época. Segundo o jornal *Record*, terá sido um movimento brusco de Nuno Santos que terá dado origem ao incidente, tendo os estilhaços atingido a jovem adepta que estava na bancada.

Mundial de ralis

Ogier aproveita despiste de Rovanperä e ganha na Finlândia

O francês Sébastien Ogier (Toyota Yaris) venceu ontem o Rali da Finlândia, nona prova do Campeonato do Mundo, depois de o bicampeão mundial Kalle Rovanperä (Toyota Yaris) se ter despistado no penúltimo troço, quando liderava confortavelmente. O belga Thierry Neuville (Hyundai i20) foi segundo, a 40,1 segundos, e o francês Adrien Fourmaux (Ford Puma) terceiro, a 1m14,1s. Esta foi a segunda vitória de Ogier no Mundial, depois de ter vencido o Rali de Portugal em Maio, apesar de estar a participar no Mundial a tempo parcial. Ogier é agora segundo no campeonato, com 138 pontos, menos 28 que o líder Neuville.



TIM KEETON/EPA



Oliveira foi ao chão logo na primeira volta do GP da Grã-Bretanha

Miguel Oliveira cai e desiste e Mundial de MotoGP tem novo líder

O português não chegou a completar a volta inicial do Grande Prémio da Grã-Bretanha, derrubado pelo colega de equipa

O piloto espanhol Jorge Martín (Ducati) é o novo líder do Mundial de MotoGP depois de ontem ter terminado em segundo o Grande Prémio da Grã-Bretanha, em que Miguel Oliveira (Aprilia) desistiu devido a queda na primeira volta.

Esta 10.ª ronda da temporada foi ganha pelo italiano Enea Bastianini (Ducati), que largou da terceira posição da grelha, com Martín na segunda posição, a 1,931 segundos, e o italiano Francesco Bagnaia (Ducati) em terceiro, a 5,866.

A prova ficou marcada pela queda de Miguel Oliveira logo nas primeiras curvas, arrastado pelo companheiro de equipa na norte-americana Trackhouse, o espanhol Raul Fernández (Aprilia).

O piloto luso partiu do 15.º posto da grelha, mas ganhou duas posições antes da primeira curva. Contudo, ainda antes do final da primeira volta, Raul Fernández não controlou a sua moto e apanhou a Aprilia do português, acabando ambos na gravilha e fora de prova.

Esta foi a primeira desistência por queda do piloto português nesta temporada, que já tinha abandonado a corrida principal do GP de França mas devido a problemas mecânicos (sobreaquecimento).

No final, Miguel Oliveira ilibou o seu colega de equipa de responsabilidades: "Não há culpa a atribuir, foi uma pena porque acabou com as nossas corridas e a realidade é que vamos voltar para casa sem pontos, mesmo que esta fosse uma boa oportunidade para marcar pontos. Estava no sítio errado à hora errada", disse o português.

O bicampeão Francesco Bagnaia foi aquele que arrancou melhor, colocando-se na cabeça da corrida, seguido de perto por Jorge Martín. O piloto espanhol chegaria à liderança na 12.ª das 20 voltas previstas, que se disputaram sob ameaça de chuva.

Martín tentou disparar na frente, mas Enea Bastianini, que habitualmente começa mal e ganha posições nas voltas finais, não baixou a guarda. Ultrapassou o companheiro na equipa oficial da Ducati (Bagnaia) na volta 14 e partiu no encalço de "*Martinator*". "*La Bestia*" chegaria ao primeiro lugar a duas voltas do final, superando em ritmo um resignado Martín.

"Ele vinha muito mais forte. Ainda tentei afastar-me, mas não deu. A dada altura, decidi não arriscar perder tudo", explicou o espanhol, que na ronda anterior, na Alemanha, caiu quando liderava.

Com o segundo lugar conseguido ontem, Jorge Martín recuperou a liderança do campeonato, com 241 pontos, tendo, agora, mais três do que "Pecco" Bagnaia, que baixou ao segundo lugar. Miguel Oliveira mantém o 13.º lugar, com 51.

A próxima ronda será o GP da Áustria, a 18 de Agosto. **Lusa**

Diário de Um Cientista



Pequenas plantas e grandes questões num bosque perto de si

Munida de uma lupa de bolso e canivete sem serrilha, colhi musgos de diferentes florestas e ambientes rochosos expostos em Portugal. Acabei por encontrar um musgo novo para a ciência e resgatei um musgo para o nível de espécie. Tenho agora em mãos um projecto de investigação à escala europeia e uma bolsa da National Geographic

Página 4

Helena Hespanhol Texto
André Carrilho Ilustração

Quem diria que, após ter colhido várias espécies de musgo em 2004, no carvalhal de Pontido, em Pena de Aguiar, iria voltar a este sítio, 20 anos depois? Em 2022 obtive financiamento através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia para liderar o projecto de investigação BryoMicroClim e em 2023 fui premiada com uma bolsa de investigação National Geographic. Foram boas surpresas.

No âmbito do projeto BryoMicroClim estamos a monitorizar o microclima que se faz sentir à escala do musgo *Hedwigia striata*, avaliado como quase ameaçado na Europa. O nosso principal objectivo é compreender melhor a vulnerabilidade desta espécie às alterações climáticas.

Talvez a maior parte das pessoas associe o musgo ao presépio, como principal material de adorno. Também é usado nas cascatas são-joaninas ou mesmo em vasos de orquídeas. Mas o musgo é mais do que um adorno. Existem cerca de 704 espécies de briófitas no continente português e 200 espécies com estatuto de ameaça, segundo a última avaliação em 2013.

Para mim, musgos são aquelas plantas pequenas verdes, e não só, que se destacam particularmente no Outono e Inverno, após algumas chuvas. Os troncos, os muros e as pedras ficam revestidos de um verde-vibrante e não passam despercebidos ao olhar dos poetas (*...à sombra dos plátanos, estavam velhos bancos de pedra cobertos de musgo*, Sophia de Mello Breyner Andresen, no livro O Rapaz de Bronze) e até de músicos (*I sat on the roof and kicked off the moss*, Elton John).

Uma das coisas curiosas nestas pequenas plantas é que, ao contrário das árvores, as briófitas ou musgos são como esponjas, absorvendo água através dos seus tecidos, por capilaridade. São, portanto, muito sensíveis ao ambiente que as rodeia. Estão dependentes da água para a fotossíntese acontecer, ou seja,

azul. BIOPOLIS

A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Façam todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

quando húmidas, crescem e realizam a fotossíntese e, na ausência de água, desidratam-se lentamente, recuperando novamente com a disponibilidade de água. Repetem este ciclo vezes sem conta, crescendo muito lentamente. Por serem reservatórios de água, são casa e refúgio para pequenos animais e podem ajudar a regular o microclima numa floresta.

Após vários anos a escrever propostas de projectos para liderar uma equipa, sem resultado positivo, eis que surge uma proposta vencedora, o projecto BryoMicroClim. Penso que foi tal o entusiasmo que, após obter financiamento por parte da Fundação para a Ciência e a Tecnologia para este projecto, decidi também concorrer a uma bolsa da National Geographic. Porque não?, pensei. Às vezes, é preciso ousar.

A espécie-alvo que estudamos, o musgo *Hedwigia striata*, cresce em rochas, sobretudo em florestas. Focados na vulnerabilidade deste musgo às alterações climáticas, queremos saber mais sobre a distribuição, tendências e possíveis ameaças à conservação desta espécie. Para isso, instalamos sensores de campo para medir a temperatura e a humidade perto destas populações de musgo. E é a primeira vez que se está a instalar uma rede de monitorização com base em sensores de temperatura e humidade, à escala europeia, dirigida a uma espécie de briófita.

Em Portugal, os sensores de temperatura e humidade estão instalados em oito localidades, desde o carvalhal de Corno do Bico, em Paredes de Coura, até Marvão. Na Europa, contamos com sete briólogos que aceitaram colaborar neste projecto e que são responsáveis pela recolha de dados microclimáticos em Espanha, França, Bélgica, País de Gales, Escócia e Suécia.

E, para aguçar a curiosidade, aqui fica um convite para assistir a um vídeo, produzido por mim, no âmbito de uma formação promovida pela National Geographic. O desafio era criar um vídeo de dois minutos sobre o projecto e, como gosto de desafios, embarquei nesta aventura.

Uma das coisas que me fascinam neste projecto é a obtenção de uma série temporal de dados de temperatura e humidade. Precisamos mais deste tipo de estudos de monitorização ao longo do tempo. Com este tipo de dados pretendemos compreender melhor o nicho ecológico desta espécie de musgo, tendo em conta a sua distribuição actual na Europa.

Queremos perceber os limites e tolerâncias desta espécie relativamente à temperatura e à humidade e relacionar com a latitude e o tipo e estrutura de floresta, de modo a identificar microrrefúgios mais vulneráveis às alterações climáticas. Em latitudes mais a sul, espera-se que as florestas com copas mais densas proporcionem microclimas com condições mais frescas, criando microrrefúgios mais estáveis e capazes de suportar flutuações de temperatura.

Como fui parar aos musgos?

Mas como é que acabei por vir a ser brióloga, estudiosa de briófitas, vulgarmente designadas por musgos? Costumo dizer: "Sou bióloga e brióloga e não há qualquer erro ortográfico aqui!"

Lembro-me de usar o meu primeiro diário não para escrever, mas para coleccionar folhas de árvores. Os meus pais faziam algumas caminhadas na natureza e levavam-me a mim e ao meu irmão nessas deambulações e eu aproveitava para observar e colher material vegetal.

Mais tarde, não perdia os documentários do David Attenborough, aos domingos, antes do almoço. Lembro-me do entusiasmo com que eram transmitidos todos os factos sobre animais e plantas e como me fascinavam aqueles vídeos de poucos segundos com flores a desabrochar ou plântulas a crescer.

Acabei por entrar no curso de Biologia em 1998 na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Num dia aberto aos estudantes, conheci alguns investigadores que faziam investigação em botânica e que trabalhavam na cave da Casa Andresen, no Jardim Botânico do Porto, espaço agora conhecido como Galeria da Biodiversidade. Ainda hoje faço parte de um grupo do WhatsApp que inclui colegas que se conheceram naquela cave – o "*gang* da cave".

Quando foi necessário escolher um tema de estágio, não tive dúvida em escolher um tema relacionado com plantas. Em 2002, comecei oficialmente o estágio sobre comunidades de musgos e fetos em florestas. Ainda tenho um pequeno diário sobre o meu trabalho durante esse estágio, com nomes de musgos em latim, plantas prensadas e outras observações. Após a licenciatura, comecei o meu primeiro trabalho remunerado – o inventário das briófitas ou musgos do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Durante um ano, integrada numa equipa de botânicos, visitei locais incríveis e observei diferentes habitats e bastante diversidade briológica.

A lupa de bolso passou a ser um objecto imprescindível para observar os pequenos detalhes dos musgos, assim como também um canivete sem serrilha, para ajudar a recolher os musgos do substrato.

Outro material que não podia faltar eram jornais, para fazer pequenos pacotes onde são colocadas as amostras de musgo e, assim, ajudar a manter as amostras bem secas.

Por fim, para se chegar ao nome de uma espécie de briófita passam-se longas horas, dias ou semanas, à lupa e ao microscópio e há que consultar diferentes livros e chaves dicotómicas. Às vezes parece o jogo da glória – parece que chegamos acertadamente a uma espécie, mais eis que, ao ler a descrição da espécie, percebemos que nos enganámos; volta ao início... há que ter paciência e persistência.

Em 2004, consegui uma bolsa de doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e passei a integrar o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (Cibio). Comecei a estudar as comunidades de briófitas de afloramentos rochosos expostos no Norte e Centro de Portugal e avaliei a influência de parâmetros ecológicos e ambientais na distribuição de espécies de briófitas.

Lembro-me bem das viagens de comboio que fazia, rumo a Lisboa, com uma mala cheia de amostras de briófitas, para tirar as minhas dúvidas de identificação com a primeira brióloga em Portugal, Cecília Sérgio. Voltava sempre um pouco mais confiante.

Lembro-me também de ter colhido um musgo na serra do Marão e do Gerês, em 2005 e 2006, que simplesmente me pareceu diferente ao observar no campo. Ao tentar identificar, nada parecia encaixar. Acabei por contactar um dos especialistas do género *Grimmia*, Jesús Muñoz, e rumei ao Jardim Botânico de Madrid. Juntos, percebemos que se podia tratar de uma espécie nova para a ciência.

Em 2009, publicámos a descrição de uma nova espécie na revista *The Bryologist* e atribuímos o nome de *Grimmia horrida*. O segundo nome, epíteto específico, faz jus à principal característica da espécie, com pêlos hialinos espinhosos nas pontas das pequenas folhas. Será que isto intimida pequenos animais que por lá passam? Pensamos que sim.

Mais tarde, em 2018, outros briólogos propuseram a transferência desta espécie para outro género, pois descobriram novas populações desta espécie em França, mas com estruturas reprodutoras típicas de outro género.

Quando se descreveu pela primeira vez esta espécie, com base nas colheitas de Portugal e Espanha, não foi possível descrever a parte reprodutora, que são cápsulas que dão origem a esporos e, com base na parte vegetativa, tudo indicava ser do género *Grimmia*. Mas, como nas plantas a parte reprodutora é que tem mais peso para diferir entre géneros, a nova espécie foi transferida de género e passou a ter outro nome – *Coscinodon horridus*. Será que vai ficar por aqui?

Dar voz ao musgo

Uma espécie de musgo que me intrigou bastante foi a *Hedwigia striata*. Em 1933, já tinha sido reconhecida como uma espécie diferente, mas anos mais tarde considerou-se uma variedade, que é um nível abaixo de espécie. Este musgo levou-me até à Suécia, em 2007, ao Museu de História Natural de Estocolmo, em que fui recebida por um briólogo especialista do género *Hedwigia*, Lars Hedenäs.

Passei esta minha estada à lupa, a observar inúmeros exemplares de herbário. Pensei que não ia chegar a nenhuma conclusão, mas no penúltimo dia da estada consegui sistematizar as características morfológicas que poderiam ajudar à diferenciação desta espécie relativamente a outras espécies do mesmo género.

As amostras de *Hedwigia striata* que tinha colhido nas serras do Gerês, Alvão e Caramulo, entre 2003 e 2006, foram depois usadas num estudo filogenético sobre as diferentes espécies do género *Hedwigia* na Europa. Este foi o artigo que mais demorou a ser publicado, sete anos depois desta estada. O artigo foi publicado em 2014, na revista *Bryophyte Diversity and Evolution*, mas finalmente conseguimos resgatar este musgo para o nível de espécie, com base em evidências morfológicas e moleculares.

Até ao final do ano de 2024 iremos reunir os principais resultados do projeto BryoMicroClim, mas os sensores de temperatura e humidade já instalados continuarão a registar e poderão ser úteis numa monitorização a longo prazo.

Será que o musgo *Hedwigia striata* poderá ser uma espécie-sentinela e será útil para compreender os impactos das alterações climáticas? Esta espécie é bastante sensível ao ambiente circundante, apresenta uma amplitude ecológica bem definida e possivelmente poderá reagir mais rapidamente a alterações do meio ambiente do que outras plantas, daí o seu potencial como espécie-sentinela.

Não percam os próximos episódios desta história! Para isso, basta visitar a página do projecto (www.cibio.up.pt/en) e seguir nas redes sociais.

Após praticamente 20 anos de especialização, o fascínio por estas pequenas plantas que levantam grandes questões ainda persiste e gostaria de continuar a investigação em briologia. Como especialista, cumpre-me dar voz ao musgo e passar a mensagem de que, apesar de pequenos, têm um papel importante na natureza – esta é a minha missão.

Helena Hespanhol

Investigadora doutorada

Sou licenciada e doutorada em Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Desde 2017 sou



investigadora contratada no Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (Biopolis-Cibio). Os meus principais interesses de investigação centram-se na diversidade, ecologia e conservação das briófitas de Portugal. Colaboro activamente em actividades de divulgação científica.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio

Previsão e gestão de alterações ecológicas (Ecochange)

Entrevista de vida



Aurora Dantier

"Quem manda aqui sou eu. Não gostam? Tenho pena. Sou polícia, sou mulher e sou preta"

No Comando Metropolitano da Polícia de Segurança Pública (PSP) de Lisboa, a comissária Maria Aurora Dantier coordena as equipas de uma dezena de divisões que têm policiamento de proximidade

Entrevista

Ana Dias Cordeiro Texto
Daniel Rocha Fotografia

Aurora ou Maria? "Isso depende. Sou Maria Aurora. Maria vem no meu cartão-de-visita. Habitualmente não me chamam Maria. Sou Aurora ou sou Dantier." No seu local de trabalho ou nos eventos em que é convidada a participar como oradora, a comissária que coordena o Policiamento de Proximidade do Comando Metropolitano de Lisboa (Cometlis) da PSP destaca-se – pela postura e o passo seguro, os olhos grandes e o sorriso largo, a tez escura contrastando com o cabelo louro, apanhado num frisado fino e encrespado, sob a boina a condizer com a farda que lhe assenta sempre bem. Aurora Dantier completa 60 anos neste Verão e reforma-se, em princípio, em Fevereiro.

Cedo foi chamada a assumir responsabilidades no policiamento de proximidade, área menos visível da actividade policial à qual dedicou grande parte da sua carreira, e que passa por contactar, proteger e encaminhar os mais vulneráveis ou excluídos e sem respostas sociais, e as vítimas de crimes. Aurora Dantier esteve envolvida na génese do Espaço Júlia, que ela própria dirigiu (o primeiro de atendimento especializado às vítimas de violência doméstica aberto em Lisboa), trabalhou de forma directa junto das comissões de protecção de crianças e jovens (CPCJ) e no âmbito do programa Escola Segura (que já existia quando chegou). Antes disso, fez de tudo aquilo que é o trabalho da polícia. Dá e continuará a dar formação nas áreas do policiamento mais próximo das pessoas, e em direitos humanos. "Eu saio com muita satisfação e alguma tristeza", diz. "Nós temos adrenalina todos os dias. E de repente ficamos sem ela. Como é que fazemos essa passagem de 'somos polícia' num dia e 'não somos' no outro?"

Está a poucos meses de se reformar. Como vê isso de deixar de ser polícia?

Como uma luz ao fundo do túnel. Significa que estou a terminar o meu mandato. Quero deixar tudo arrumado, dossiers fechados, e tudo programado para quem me vier suceder, encontrar tudo e poder continuar o trabalho que fiz. Este é o primeiro passo. O segundo passo é sair. Eu tenho uma família grande, pais, netos, filhos, irmãos, sobrinhos. Agora, tenho a oportunidade de os colocar em primeiro plano e dar-lhes tudo aquilo que eu, na altura certa, não consegui dar.

O que é importante passar às novas gerações?

Fazer o trabalho bem feito e saber como podemos tratar bem as pessoas, mesmo quando estamos perante alguém que fez alguma coisa mal, e temos de proceder a uma detenção. Quando é um suspeito de violência doméstica, de maus tratos a uma criança, ficamos com muita raiva dele, mas temos de saber que somos, acima de tudo, profissionais. Temos de saber separar muito bem as águas. Ele está detido, temos ali um possível criminoso, mas é, acima de tudo, uma pessoa.

Essa é a regra no policiamento de proximidade?

Nem sempre é fácil, mas é preciso transmitir isto às equipas do policiamento de proximidade. Quando interpelamos alguém ou a detemos, não sabemos aquilo por que passou no seu passado. Com as crianças delinquentes também. Nós encontramos muitas crianças de 12 ou 13 anos cujo percurso de vida já é, nessas idades, horrível. Temos de ter isso presente. Não sabemos se ele tomou o pequeno-almoço, o que aconteceu na casa dele. Sabemos que ele fez algo errado, que deve ser responsabilizado, mas temos de nos lembrar que ele é uma pessoa, e uma criança, acima de tudo.

Sempre esteve nas equipas de proximidade?

Sempre, desde 2007, quando passei a chefiar a área operacional da 1.ª Divisão [da Cometlis] e tinha a responsabilidade do policiamento de proximidade de quatro esquadras. Em 2019, vim para aqui e estou responsável por coordenar todo o policiamento de proximidade do comando metropolitano nas 11 divisões de competência genérica com este policiamento de proximidade.

Escolheu esse caminho por vocação ou foi fruto das circunstâncias?

Foi um pouco das duas. Quando entrei para o curso de oficiais em 2001, terminando em 2002, fui comandar a 15.ª esquadra, que era a antiga esquadra Caminhos-de-Ferro, em Santa Apolónia. Depois disso, passei a comandar a esquadra das Olaias, e aí tínhamos muita violência doméstica, muitas pessoas idosas. Foi o meu primeiro contacto com essas realidades, sobretudo a da violência doméstica. Mas 2007 foi o marco importante: fui assumir a chefia do policiamento de proximidade na 1.ª Divisão, e isso aconteceu quando na PSP também estava a começar este novo modelo da proximidade.

Quando interpelamos alguém ou a detemos, não sabemos aquilo por que passou no seu passado. Com as crianças delinquentes também

Eu tenho na memória um caso, do qual nunca mais me esquecerei. Foi num Verão há muitos anos. É de um idoso que deixaram no jardim ali na frente do Cemitério do Alto de S. João. Estava bem vestido, bem arranjado, cheirava bem. Ele chegou de manhã, alguém o viu lá. Ao final do dia, ninguém vinha buscar o idoso

O que é mais importante para si neste trabalho?

Para mim, há em especial três grupos que me dizem muito: as crianças, as pessoas com deficiência e as vítimas de violência doméstica. E, entre as vítimas de violência doméstica, temos os idosos, que me dizem muito, porque ficam muitas vezes esquecidos. As crianças, as pessoas dão conta delas. As vítimas de violência doméstica, as pessoas dão conta delas. As pessoas com deficiência, as pessoas não se livram delas. Já os idosos, ficam esquecidos. O que custa muito é chegarmos ao Natal e sabermos que ficam lá despejados, nos hospitais. Ninguém os vai buscar.

Conheceu pessoas nessa situação?

Eu tenho na memória um caso, do qual nunca mais me esquecerei. Foi num Verão há muitos anos. É de um idoso que deixaram no jardim ali na frente do Cemitério do Alto de S. João. Estava bem vestido, bem arranjado, cheirava bem. Ele chegou de manhã, alguém o viu lá. Ao final do dia, ninguém vinha buscar o idoso, e ele continuava ali sentado no mesmo banco. Não se mexeu. Chamaram a polícia. E claro que a polícia o levou ao hospital.

Não descobriram a sua identidade?

Não. Quando se fazem as diligências, e não se localiza a família, passa a ser um caso social. O senhor não tinha documentos. Não tinha nada, nada, nada. Como é que alguém deixou ficar o seu familiar, que não tem orientação nenhuma, o dia inteiro num jardim? Não viu se o sol lhe bateu na cara, se bebeu água, se não bebeu água, se comeu, se não comeu. Não comeu nada. Depois vai para o hospital, fica lá e ninguém o vai buscar. Ninguém é chamado porque não se sabe quem ele é.

Há outras histórias de que não se esquece?

Com crianças, também tive casos muito horríveis que me custaram. Este talvez o que me custou mais. Duas crianças. Véspera de Natal. Estava eu na esquadra, de serviço, e trouxeram-me duas crianças. Uma de quatro, e outra de 11 anos. O que aconteceu? A mãe estava emigrada e deixou-as com uma ama. Antigamente, acontecia muito isso. Sucede que a ama ficou doente e deu entrada no hospital. Os familiares da ama não queriam ficar com as crianças. Deixaram-nas na esquadra. Queriam ir passar o Natal com a família e não queriam levar as crianças. Rejeitaram-nas. A criança de quatro, cinco anitos, nem estava a perceber o que estava a acontecer. Mas a menina de 11 anos percebia tudo, sabia que estava a ser rejeitada, e era a segunda vez para ela porque a mãe tinha-a deixado ficar aqui. As crianças ficaram naquela noite. No outro dia, dia 25, fiz as diligências com a Santa Casa [da Misericórdia] para acolher aquelas crianças.

Foram acolhidas numa instituição?

Mais tarde. Mas passaram a noite connosco na esquadra. Tivemos de arranjar uma cama para elas dormirem, dar-lhes de comer. Era a véspera de Natal. Véspera de Natal! Aqui não havia outra solução senão serem acolhidas. E há outras situações de emergência por outros motivos. Por violência. Em todos os casos em que participei de retiradas da família de emergência houve uma situação de fundo grave para a qual não havia outra solução. O tribunal depois tem tempo para ver e rever e, se calhar, reverter a situação, porque às vezes aquela situação modifica-se. Mas naquele momento nós não temos capacidade de ver tudo. Normalmente, isto acontece à noite ou ao fim-de-semana.

O que determina uma decisão da retirada da família?

Aqui a decisão é só nossa, porque são situações urgentes que ocorrem à noite, ao fim-de-semana. De manhã, a CPCJ assume o processo. Ou o tribunal, se não houver consentimento dos pais. O que determina tem mesmo que ver com o superior interesse da criança, o seu bem-estar. Há aqueles casos em que não fizemos a retirada, e ficámos com o coração nas mãos, sem saber o que de mau poderia acontecer à criança.

Devem ser momentos de grande sofrimento para as crianças.

Não é só o sofrimento. É a insegurança. Eu tenho de ter a garantia de que a →

Entrevista de vida

pessoa que está com ela a trata bem. Independentemente de ser mãe, pai, tia, avó. Se eu apanho um ambiente tóxico, se é uma situação de violência doméstica, por exemplo, e há perigo para a mãe e, consequentemente, para a criança, mas a mãe insiste em querer ficar naquela casa, eu retiro a criança. Não tenho dúvidas. Custa-me imenso, porque aquela mãe também é vítima de violência doméstica, mas é adulta. Pode escolher. A criança, não. Ela vai por opção da mãe.

Como conciliava essa vivência profissional tão exigente com a vida em família?

Eu vou dizer uma coisa: se fosse actualmente, tiravam-me os filhos *[risos]*. Quando me separei, a minha filha tinha seis anitos, e o meu menino tinha dez. Então, ele é que tomava conta da irmã. Era assim. Eu trabalhava por turnos. Havia o turno da noite. Havia o turno da manhã. E havia o turno da tarde. Quando eu entrava à meia-noite, deixava o jantar feito e a roupa pronta para o dia a seguir. Eles acordavam. Eu ligava para casa ou eles ligavam-me. Tínhamos sempre de falar antes de irem para a escola.

Na altura, fui obrigada a comprar um microondas para eles não utilizarem o fogão. Aqueciam o pequeno-almoço, comiam, iam. Ele ia levar a irmã. Eu ia buscá-la e, ao final do dia, estávamos os três em casa. Quando eu entrava às 8h, eu dormia com eles. Saía pelas seis e pouco da manhã. Mal eu chegasse à esquadra, telefonava: "A mamã já chegou no trabalho", e eles diziam: "Nós também já comemos e vamos para a escola." Quando eu entrava às 16h é que era mais complicado. Deixava o jantar preparado em casa. Ele ia buscar a irmã. Vinham os dois para casa. Ele dava-lhe o comer. Tinha o pijama pronto e deitava-a. Eu chegava por volta da 1h da manhã. Ele tinha jantado, mas não dormia enquanto eu não chegasse.

Tinha de ser assim para poder trabalhar e prosseguir a sua carreira.

Tinha de ser assim. Isto foi há 27 anos, nada comparado ao que é hoje. Mas se fosse hoje em dia, eu não podia fazer isto. Teria de ter sempre alguém em casa com os meus filhos. A minha cunhada vivia na mesma rua, e se fosse preciso ia lá. Mas ,de qualquer maneira, o meu filho tinha 10 anos quando eu o deixei com a irmã pequenina.

Sempre quis ser polícia?



Eu não quis ser polícia.

Então como aconteceu isso?

O marido de uma tia minha tinha sido polícia em Angola, e foi ela quem um dia me disse para eu concorrer. Um dia fui passar férias a casa dela, em Castelo Branco. Ela era cabeleireira e disse-me: "Olha lá, não queres concorrer para a polícia?" Eu tinha 19 anos, tinha acabado o 12.º ano. "Eu? Polícia?", respondi. "Vai já ao comando-geral preencher aquela folha de 25 linhas a dizer que queres ir para a polícia", disse-me ela. Ela sabia que estava a decorrer um concurso. Foi exactamente assim.

Como foi a sua vinda de Angola?

Nasci lá e vim para Portugal com 10 anos. Éramos oito irmãos e viemos para Sever do Vouga, terra do meu pai. A minha mãe dizia que, se nós ficássemos lá, não íamos ter futuro. Ela estava determinada a vir para a capital, para nos dar condições. E conseguiu. Investiu na compra de uma casa. Uma casa não, uma barraca. Na verdade, comprou as chaves, era como se fazia na altura.

E o seu pai?

O meu pai trabalhava na segurança. E a minha mãe fazia limpezas. A barraca não tinha nem água canalizada nem electricidade. Tínhamos de ter a banheira cheia de água, e encher a bilha para deitar na sanita, para tomar banho e para cozinhar, para tudo. Fizemos uma mangueira que ligámos ao chafariz. Nós e todos os vizinhos. No meio disto, a minha mãe dizia que a única coisa que nos podia salvar eram os estudos. Então, tínhamos de estudar. Sem herança, dizia ela, a única forma de ter segurança era estudar e arranjar um emprego no Estado.

> **Fui obrigada a comprar um microondas para eles [os filhos] não utilizarem o fogão. Aqueciam o pequeno-almoço, comiam, iam**

> **Foi no trânsito que aprendi a lidar com públicos difíceis. Eu tive chefes que me ensinaram como lidar com essas pessoas, fiscalizar o condutor, dar-lhe a multa nas mãos, e ainda agradecer-lhes**

Gostou logo de ser polícia?

Sim. Logo no início, estive no trânsito, gostei muito de trabalhar no trânsito. E sempre pensei em terminar a minha carreira no trânsito. Foi no trânsito que aprendi a lidar com públicos difíceis. Eu tive chefes que me ensinaram como lidar com essas pessoas, fiscalizar o condutor, dar-lhe a multa nas mãos, e ainda agradecer-lhes. Nem sempre era fácil. Ou quando, por exemplo, estive a regularizar trânsito como polícia sinaleira, diziam: "O que estás aí a fazer, vai para casa, vai coser as meias ao teu marido, vai fazer a sopa." Isto era nas Avenidas Novas, Avenida da Liberdade, Avenida Fontes Pereira de Melo, Avenida da República. Não havia tantos semáforos, por isso, no final do turno de autuarmos os carros mal-estacionados, tínhamos um cruzamento, onde regularizávamos o trânsito.

Mas, afinal, não terminou a carreira no trânsito nem voltou para lá.

Não, porque logo a seguir estive dez anos como chefe, a atender público na esquadra, a receber queixas. Aí aprendi a fazer um pouco de tudo. Desde os cheques carecas, furtos de carros, furtos no interior do veículo. A violência doméstica não era como é tratada agora. Era uma queixa como outra qualquer. No balcão, as pessoas estavam de pé. Felizmente que isso mudou. Quanto ao resto, era tudo feito com máquina de escrever e com os químicos. Se nos enganássemos a colocar o químico, tínhamos de começar tudo de novo *[risos]*. E o texto, fazíamos de carreirinha. Não havia como voltar atrás e apagar. Tinha de sair bem à primeira. Também não havia fotocopiadoras. Quando apareceram, tínhamos de ir à junta de freguesia para tirar as fotocópias. Era tudo tão diferente. A comunicação interna agora é por *email*, é imediato. Antigamente não, era através de circulares, que no fundo eram comunicações internas para sabermos das ocorrências nas nossas zonas. E chamavam: "Circular, circular", toda a gente estava ao telefone ao mesmo tempo com alguém do outro lado na sede a dizer, "circular, desapareceu fulano tal, furtaram carro assim assim..." para cada uma das esquadras. E nós tínhamos de apontar aquilo tudo.

Como foi ser mulher na polícia?

Não foi fácil. Eu, por exemplo, e por ser mulher, ia a ocorrências no carro de patrulha, e tinha de ouvir: "Mandam as mulheres agora? Já não há homens para vir aqui?" Eu já era chefe na altura e mesmo assim, para receber uma ordem, a pessoa dirigia-se ao motorista, e este respondia: "Tem de falar com aquela senhora, que ela é que manda, ela é que é a chefe." Eu tive esse problema nas Olaias, com a comunidade roma, porque entenderam que não recebiam ordens de uma mulher. E ainda por cima de uma mulher "preta". Nem pensar! Eu só lhes disse: "Quem manda aqui sou eu. E vocês não gostam? Tenho pena. Sou polícia, sou mulher e sou preta."

Isso incomodou-a?

Não. Eu nem lhes dava oportunidade de me sentir ofendida por isso. Havia pessoas racistas, mas eu nunca senti o racismo como se sente actualmente. Eu sabia que havia pessoas que tinham esse preconceito. Dizia-lhes: "Quando vocês não têm argumentos, usam a cor. Isso não é argumento. Vocês têm de estar comigo de igual para igual. Não usem a cor."

ecrãs

publico.pt/streaming

Yellow, a nova série "*no bullshit*" vinda do México – que, sim, é para si

Portugal verá primeiro, com a estreia mundial no TVCine Emotion amanhã, esta produção fresca, divertida e dramática. Crime, amor, episódios curtos. É deixar-se ir

Joana Amaral Cardoso

Uma estreia mundial em Portugal, de uma série mexicana tão especial quanto divertida, visualmente cativante, cheia de coração e ao mesmo tempo despreocupada, é de assinalar. É isto que traz aqui *Yellow*, que o canal TVCine Emotion estreia amanhã, às 22h10. Criação da jovem autora Sofía Auza, é uma *road trip* jovem, criminosa, um produto da geração Z para todas as gerações com fome de objectos culturais de consumo rápido mas de libertação indie prolongada.

Sofía Auza já passou a barreira dos 30 anos, mas por uma nesga, e a sua curta-metragem, que depois se tornou longa-metragem, *Adolfo* (é o nome de um cacto, claro), recebeu o Urso de Cristal no Festival de Berlim em 2023. Na janela do Zoom é um sorriso jovial constante, acompanhada noutra janela pela produtora Camilla Jiménez Villa, da The Immigrant. Estão felizes com esta série que, pergunta o PÚBLICO, apesar dos seus económicos 15 a 20 minutos por episódio, tem uma largueza de horizontes que, juntando tudo, comporia uma média-metragem.

"A ideia era que talvez pudesse funcionar das duas formas, como se fosse um programa de televisão, mas também com uma estrutura muito cinemática. Sim, podia juntar os episódios, mas queria mesmo fazer uma série na linha de *The End of the Fucking World* [Netflix] e afins, em que identifico essa estrutura."

Yellow é a história de duas raparigas, ou de um rapaz que se cruza na árida paisagem raiana mexicana, num momento crítico da sua vida, com essas duas raparigas. Que são do mais raparigas de hoje que se pode encontrar: seguras, engraçadas, não levam as coisas demasiado a sério e falam de forma encantatória, têm os seus problemas e... lidam. A atravessar a dura realidade está ainda uma força policial e uma investigadora de nome "*rojo*" (vermelho) que persegue a dupla que se torna trio.

Podíamos explicar mais, mas digamos que elas roubam e que ele não está emocionalmente bem, e que há uma *road trip* e, portanto, um aroma a *road movie* nesta história de amizade e amor. Elas são Dan (Tessa Ía, de *Narcos*) e Nico (Lizeth Selene), os motores de tudo, ele é Richie (Martín Saracho), aparentemente impotente perante a vitalidade das duas amigas. O *casting* é certeiro.

Sofía Auza, realizadora, argumentista e co-*showrunner* da série com Silvana Aguirre, ajuda a explicar uma das características distintivas de *Yellow*: pelo meio dessa história há quadros (ou *inserts*, em linguagem técnica) estilizados em modo paisagem onírica sardónica, de cores bem fortes. "É como se Dan e Nico estivessem sempre a mentir e a inventar coisas, e finalmente dissessem a verdade nesses quadros, mas de uma forma que também é fantasiosa. É como quando o som e a imagem às vezes estão dessincronizados", sorri. "Para não ter verdadeiros *flashbacks*, são como uma janela para as suas mentiras e a forma como vêem as coisas." O mesmo é válido para o drama combustível de Richie.

VICENTE POUSO/THE IMMIGRANT



Lizeth Selene é uma das duas raparigas (mais um rapaz...) que acompanharemos nesta série que se desenrola como uma *road trip* pela árida paisagem da fronteira mexicana

A série é uma comédia, mas "um tipo estranho ou não típico de comédia" em que há situações de crise, mas também banhos de mar, música e beleza. O tom é precisamente o de um humor subtil, leve e jovem, muito geracional (na história que conta e na mente dos contadores de histórias mais jovens que as oferecem hoje). Uma forma de contar histórias "*no bullshit*", sem tretas, expressão que faz sorrir as entrevistadas, em que não interessa mesmo saber os motivos para certos actos mais ou menos centrais do enredo. É deixar-se ir.

Para que pessoas como Sofía Auza possam trabalhar, são precisas pessoas como Camilla Jiménez Villa e a sua produtora The Immigrant. "Este não é o tom habitual para um programa de televisão mexicano", reconhece Villa, cuja produtora se foca mais no cinema. "Conhecemos a Sofia através do nosso programa para argumentistas e daí saiu *Adolfo*. Apaixonámo-nos por ela e pelo seu tom."

Mas as séries *premium* são irresistíveis, o *streaming* é uma porta escancarada e aqui está *Yellow*. The Immigrant nasceu em 2019 com o objectivo de reflectir o mundo na sua diversidade, nomeadamente no que toca à imigração e à identidade. *Narcos: México* ou *Señorita 89*, para citar exemplos recentes, são muito mais séries típicas mexicanas do que *Yellow*, mas com ela fazem parte da constelação cada vez mais visível a olho nu de histórias que não nos chegam a partir de Hollywood.

Ainda assim, The Immigrant tem o apoio da Fremantle e *Yellow* vai circular pelo mundo na Lionsgate+. Portugal vê primeiro, amanhã no TVCine, e a partir de quarta-feira *on demand* no TVCine+. *Yellow* é a cor do carro em que o trio viaja, e surge em inglês porque Sofía Auza morava no Canadá quando escreveu a série, e é também "a cor do sol e da esperança". Mas não só: "Descobri que também é [calão para] 'cobarde' em inglês, coisas que parecem contraditórias, mas que também encaixam muito bem no tema da série", remata a autora.

Estreias da semana

TV CINE

Milky Way
Hoje, 22h10
De Vasilis Kekatos, vencedor da Palma de Ouro e da Palma Queer no Festival de Cinema de Cannes de 2019 com a curta *The Distance Between Us and the Sky*, esta é a história de Maria, de 17 anos, cujo sonho de ser bailarina fica em suspenso quando engravida.... Oito episódios.

RTP2

Sangue em Viena
Amanhã, 00h30
Drama policial austríaco de seis episódios sobre a Viena de 1900, inspirado nos policiais *Os Casos de Liebermann*, do escritor e psicólogo clínico britânico Frank Tallis (em Portugal, foram publicados pela Civilização). O titular Max Liebermann é um prodígio inglês, aluno de Sigmund Freud. Aceita ajudar um inspector na investigação de um estranho caso, o primeiro de vários.

NETFLIX

Umbrella Academy
Quinta-feira
Quarta e última temporada da série baseada na saga de banda desenhada da Dark Horse. "Os irmãos Hargreeves separam-se, após o confronto épico no Hotel Oblivion os levar a um reinício da sua linha do tempo. Sem os poderes, cada um dos irmãos fica entregue à sua sorte e encontra uma nova normalidade", diz a Netflix à laia de introdução. Reginald está vivo, uma misteriosa associação, chamada os Guardiões, acredita que a realidade em que vivem é uma mentira e só dão trabalho à Umbrella Academy.

24 KITCHEN

Jamie Oliver: Cada Estação, Sua Receita
Domingo, 18h
Serão três episódios de seguida da nova série do *chef* britânico Jamie Oliver, sempre a reinventar formas de filmar, abordar e vender comida – e de a confeccionar. O conceito deste programa é uma viagem por todas as estações do ano com receitas que permitem preservar o planeta respeitando o ciclo natural dos alimentos.

Cinema



Armadilha

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Estreias

Geração Low-cost
De Emmanuel Marre, Julie Lecoustre. BEL/FRA. 2021. 115m. Drama, Comédia. M14.
Uma comissária de bordo de uma companhia aérea "low cost" vai vivendo sem grande entusiasmo, evitando criar ligações profundas com aqueles que a rodeiam. Está, na realidade, a lidar com a morte da mãe num trágico acidente de viação.

Crossing - A Travessia
De Levan Akin. Com Mzia Arabuli, Lucas Kankava. SUE/DIN/FRA/Turquia/Geórgia. 2024. 106m. Drama. M14.
Lia, uma professora reformada, viaja da Geórgia até Istambul, na Turquia, em busca da sobrinha. Lá, mergulha no submundo da cidade e trava conhecimento com uma advogada que luta pelos direitos de pessoas trans.

Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você
De Roberto de Oliveira. BRA. 2022. 100m. Documentário, Musical. M12.
No início de 1974, Elis Regina e António Carlos Jobim, ou Tom Jobim, juntaram-se nos MGM Studios em Los Angeles, na Califórnia, para gravar "Elis & Tom", um marco da MPB com dois dos seus grandes nomes.

A Sereia da Noite
De Tereza Nvotová. Com Natalia Germani. Eslováquia/República Checa. 2022. 106m. Terror. M14.
Agora adulta, Šarlota volta à aldeia de montanha onde nasceu e onde deixou segredos terríveis. Vai viver para uma cabana onde, dizem os habitantes locais, já morou uma bruxa.

Armadilha
De M. Night Shyamalan. GB/EUA/Iémen. 2024. 105m. Terror, Thriller. M12.
Um pai leva a filha a um megaconcerto de uma estrela pop. Só que, na realidade, ele é um assassino em série e todo o concerto é uma operação policial para o tentar apanhar.

Mais Que Nunca
De Emily Atef. ALE/LUX/NOR/FRA. 2022. 123m. Drama. M14.
Um diagnóstico de uma doença rara de pulmões muda a vida de uma mulher de 33 anos que decide sair de Bordéus, deixar o marido para trás e ir para a Noruega procurar um "blogger".

Oh Lá Lá!
De Julien Hervé. Com Christian Clavier. FRA/BEL. 2024. 92m. Comédia. M12.
Uma família aristocrata e uma família mais modesta vão juntar-se através do casamento dos filhos. Decidem fazer testes de ADN e descobrem coisas inesperadas sobre o passado.

Pacto de Redenção
De Michael Keaton. EUA. 2023. 114m. Thriller. M12.
Protagonizado e realizado por Michael Keaton na segunda vez que está atrás das câmaras de um filme, um "thriller" de crime cheio de reviravoltas e drama.

A Abelha Maia e o Ovo Dourado
De Noel Cleary. ALE/Austrália. 2021. 88m. Animação. M6.
A Abelha Maia, o célebre insecto criado para a literatura por Waldemar Bonsels em 1912, que foi alvo de várias adaptações, incluindo um "anime" dos anos 1970, está de volta.

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Cidade Portuária	—	★★★☆☆	★★★☆☆
O Colecionador de Almas	★★☆☆☆	—	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Um Domingo Interminável	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Memória	★★☆☆☆	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
A Minha Avó Trelotótó	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Podia Ter Esperado por Agosto	—	●	●
Tornados	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
A Sede	—	★★★★☆	★★★★☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Patti Smith, Poeta do Rock M12. 20h10; **Onde Está o Pessoa?** M12. 13h35; **A Última Sessão de Freud** M12. 15h15, 21h40; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h30; **Divertida-Mente 2** M6. 13h25, 15h40, 17h55 (VP), 19h45 (VO); **Memória** M14. 17h25; **Podia Ter Esperado por Agosto** 17h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h, 21h45; **Crossing - A Travessia** M14. 19h30; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 17h50, 21h25; **Oh Lá Lá!** M12. 15h55, 21h30; **Yupumá** M12. 19h55; **A Sereia da Noite** M14. 13h45

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
A Última Sessão de Freud M12. 13h10, 17h40; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h35, 15h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h50, 15h15, 16h10, 17h30, 18h30, 19h45, 21h45 (VP), 13h10, 17h15, 19h25, 21h35 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h25; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h15, 15h20, 16h, 17h45, 18h40, 19h10, 21h30, 21h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h15, 15h50 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h45, 15h10, 17h50, 19h40, 21h40; **Armadilha** M12. 13h30, 15h35, 19h50, 21h55;

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
One From The Heart - Do Fundo do Coração M12. 19h15; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 15h15, 17h15, 21h

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h40, 16h10, 18h45 (VP), 21h15 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** 21h20; **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 16h, 18h30 (VP/2D), 13h50, 16h30 (VP/3D), 14h10, 16h40, 19h20, 21h40 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h50, 18h50, 21h25; **Tornados** M12. 13h25, 16h05, 18h40; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h10, 21h; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h30, 16h50, 19h10, 21h35; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h20, 15h30 (VP); 13h20; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h35, 15h55, 18h20, 20h40; **Armadilha** M12. 13h15, 15h40, 18h10, 21h30; **Pacto de Redenção** M12. 15h45, 18h25; **Geração Low-cost** M14. 21h10; **A Sereia da Noite** M14. 18h, 20h45; **Deadpool & Wolverine** M12. 19h, 21h50 (3D)

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
A Última Sessão de Freud M12. 20h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h15, 18h40 (VP), 21h10 (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 13h25, 15h50, 18h20 (VP), 19h, 21h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h40, 16h25, 19h10, 21h50; **Completamente Passado!** 13h50, 16h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 16h10, 18h55, 21h40; **Crossing - A Travessia** M14. 13h20, 15h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h10, 15h20, 17h30, 20h30; **Mais Que Nunca** M14. 18h10, 20h50

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusiada.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h20, 16h10, 18h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 14h30, 15h45, 17h30, 18h15, 20h (VP/2D), 13h40, 16h30 (VP/3D), 19h10, 21h, 23h30 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h30, 16h, 18h40, 21h10, 24h; **Tornados** M12. 22h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h, 20h40, 23h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h50, 00h20; **Oh Lá Lá!** M12. 12h50, 15h15, 17h45, 20h20; **Armadilha** M12. 13h50, 16h20, 19h, 21h40, 00h10; **Pacto de Redenção** M12. 21h20, 00h05; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Imax - 12h20, 15h30, 18h30, 21h30, 00h25

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
Um Lugar Silencioso: Dia Um M14. 18h45, 21h10; **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 13h40, 15h50, 16h20, 18h30 (VP), 21h, 23h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h15, 15h55, 18h40, 21h20; **Tornados** M12. 13h25, 16h15, 19h, 21h45; **Armadilha** M12. 13h05, 15h45, 18h25, 21h05, 23h50; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h10, 16h10, 19h05, 22h, 23h40

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
Underground - Era Uma Vez um País... M14. 17h; **A Fonte da Virgem** 15h; **Lágrimas e Suspiros** 20h; **A Doce Costa Leste** M14. 13h; **Mais Que Nunca** M14. 19h;

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Underground - Era Uma Vez um País... M14. 18h20, 21h45; **Patti Smith, Poeta do Rock** M12. 14h20, 19h20; **A Última Sessão de Freud** M12. 13h40, 16h20, 18h55, 21h35; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h25, 15h45 (VP); **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 13h15, 21h25; **Divertida-Mente 2** M6. 13h35, 14h10, 16h05, 16h40, 19h10 (VP), 21h40 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 16h, 21h10; **Memória** M14. 16h50, 19h10; **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h05, 16h35, 19h05, 21h40; **Tornados** M12. 18h45, 21h35; **Clube Zero** 13h30, 18h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 13h55, 16h10, 16h45, 19h, 21h20, 21h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h55, 16h45, 21h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 13h30, 16h55, 19h25, 22h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 13h50, 16h25, 19h15, 21h55; **Oh Lá Lá!** M12. 14h15, 16h30, 19h, 21h30; **Armadilha** M12. 14h, 16h30, 19h05, 21h30; **Mais Que Nunca** M14. 15h55, 21h15

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum
R. Sérgio Malpique 2. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h50, 15h10, 17h30, 19h50 (VP), 22h10 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 22h40; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 12h30, 16h20; **Divertida-Mente 2** M6. 13h05, 15h30, 17h50, 20h15 (VP/2D), 13h40, 16h (VP/3D), 13h20, 15h50, 18h10, 20h35, 23h10 (VO/2D); **Leva-me Para a Lua** M12. 12h25, 15h25; **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h55, 15h40, 18h20, 21h, 23h35; **Tornados** M12. 12h50, 15h20, 17h55, 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h, 15h55, 18h40, 21h30; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h, 22h20; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h15, 16h30 (VP); **Crossing - A Travessia** M14. 19h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 13h10, 15h35; **Oh Lá Lá!** M12. 13h15, 15h45, 17h55, 20h30, 23h; **Armadilha** M12. Sala Atmos - 13h30, 16h05, 18h30, 21h15, 23h40; **Pacto de Redenção** M12. 18h50, 21h40; **Mais Que Nunca** M14. 18h, 21h10; **A Sereia da Noite** M14. 21h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 18h20, 21h05, 23h45; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala 4DX - 12h10, 14h50, 17h35, 20h10, 22h50

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide
C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030
A Última Sessão de Freud M12. 15h25, 21h20; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 15h40, 17h45 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 22h10; **Divertida-Mente 2** M6. 15h15, 17h30, 15h55, 18h30, 19h45, 21h40 (VP), 15h40, 17h55, 19h55, 22h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h20, 21h35; **Tornados** M12. 19h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h30, 17h35, 18h40, 19h10, 21h30, 21h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 15h15, 21h45; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 15h45, 17h50 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 15h50, 17h20, 21h55; **Armadilha** 15h20, 17h25, 19h30, 21h35;

UCI Cinemas - Ubbo
Estrada Nacional 249/1, Venteira.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h35, 16h, 18h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h55, 14h10, 16h20, 16h50, 18h40, 19h15, 21h15 (VP), 21h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h40, 18h55; **Tornados** M12. 16h25, 21h25; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 13h50, 15h50, 16h10, 16h45, 18h45, 19h, 21h10, 21h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 13h45, 19h05, 21h35; **Oh Lá Lá!** M12. 14h15, 16h35, 21h30; **Armadilha** M12. 13h25, 16h15, 18h50, 21h20, 21h45

Barreiro

Castello Lopes - Fórum Barreiro
Campo das Cordoarias. T. 212069440
Gru - O Maldisposto 4 M6. 16h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45 (VP), 21h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30; **Armadilha** 13h45, 21h30

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Estrada Nacional nº. 7 - Alcabideche.
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 21h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h30, 15h, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 16h30, 19h (VP), 18h, 20h20, 22h45 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h50, 18h45, 21h40; **Tornados** M12. 12h45, 15h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h10, 22h35; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h15, 19h15, 22h; **Armadilha** M12. 14h15, 17h15, 21h; **Deadpool & Wolverine** Sala Imax - 14h, 17h, 20h, 23h

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352
Gru - O Maldisposto 4 M6. 14h40, 16h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP), 17h20, 19h25, 21h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h55, 19h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 15h35, 16h10, 18h10, 18h45, 20h50, 21h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h35; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h10, 15h15 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30; **Armadilha** M12. 17h20, 19h30, 21h40;

Lazer

CINEMA

Cine Eco — Curtas-Metragens
LEIRIA Mercado Municipal da Praia do Pedrógão. Dia 5/8, às 21h30. M/6. Grátis
Com curadoria do CineEco – Festival Internacional de Cinema Ambiental da Serra da Estrela, cuja 30.ª edição acontece entre 10 e 18 de Outubro, esta sessão exibe meia dúzia de curtas-metragens que expressam preocupações ecológicas e que passaram na última edição do festival de Seia. São elas: *Partículas sin masa*, *Plastik*, *Conte sauvage*, *Joko & Putra*, *Troada* e *Brava, meu bem*.

EXPOSIÇÃO

Nicolas Floc'h — Mar Aberto
LISBOA MAAT - Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia. De 27/3 a 26/8. Todos os dias, excepto terça, das 10h às 19h. 11€
A exposição do fotógrafo francês Nicolas Floc'h (n.1970) tem o mar português como tema central, fruto do trabalho que desenvolveu no Estuário do Tejo e nos Açores. Entre fotografias, vídeos e peças escultóricas, destaca-se *A Cor da Água – Rio Tejo*, um mural de grande escala composto por 408 fotografias das cores da água deste rio, "mais propriamente do troço entre Castanheira do Ribatejo e Bugio", salienta a folha de sala. Os fundos marinhos "desertificados pela acidificação das águas sulfurosas" do arquipélago açoreano e as molduras subaquáticas da Bretanha e do Mississípi são outros dos registos expostos. A curadoria é de João Pinharanda.

FEIRA

Feira do Livro de Lagos
LAGOS Praça do Infante. De 3/8 a 15/8. Todos os dias, das 19h às 24h. Grátis
Uma exposição dedicada à colecção *Uma Aventura*. Estátuas Vivas com Natália Correia. A apresentação de *Mais Pesado do Que o Céu: A Biografia Definitiva de Kurt Cobain*. E muitos livros para folhear e comprar. São apenas exemplos do que se pode fazer hoje na feira algarvia. Até meio de Agosto, tem muito para oferecer: contos, jogos tradicionais, música, oficinas e até um torneio de xadrez. O programa detalhado está em www.cm-lagos.pt.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Cruzadas 12.513

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1 - (...) Djokovic, conquistou em Paris o ouro que faltava à sua carreira. Porção de líquido bebido de uma só vez. **2** - Presença em lugar diferente ao do crime na ocasião em que foi cometido. Não deixar sair. **3** - Entre nós. (...) Baerbock, ministra dos Negócios Estrangeiros da Alemanha. **4** - Onde ficam guardadas algumas ideias. **5** - Escassa. Põe só. **6** - Fecham urgências de obstetrícia e pediatria. **7** - Prefixo (duas vezes). Norma de transmissão em vídeo com cores, tendo como base as cores primárias vermelha, verde e azul. Vestuário talar de magistrado. **8** - Não poder andar para diante. Artigo antigo. **9** - Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de igual. Coluna. **10** - Deslocaram navios de guerra e caças em preparação para ataque iraniano. Acordo internacional. **11** - Lento. Mulher forte.

VERTICAIS: 1 - Madrepérola. Empregado universitário encarregado de marcar as faltas dos estudantes e dos professores. **2** - Interjeição que serve para chamar ou saudar. Semelhante. União Europeia. **3** - Observei. Salário de soldado. Queixar-se (gíria). **4** - Falda. Penhor. **5** - Certo jogo de cartas. Desconhecido. **6** - Sódio (s. q.). Abecedário. **7** - (...) Scott, nome artístico do rapper texano Jacques Bermon Webster II. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **8** - Muito ordinário. Material obtido por trituração de rochas e utilizado na preparação de betões e na pavimentação de estradas. **9** - Perturbação que origina movimentos involuntários dos dedos. Família. **10** - Relativo às faces. Que ceou. **11** - "Quem bem (...), bem vive". Choca com.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1						■					
2						■					
3			■								
4		■		■							■
5					■	■					
6	■							■		■	
7			■				■				
8									■		
9		■				■					
10				■							
11						■					

Solução do problema anterior
HORIZONTAIS: 1 - Almada. Caos. **2** - Mia. Osmandi. **3** - Adil. Argel. **4** - PR. Mostar. **5** - Rã. Cava. **6** - Lho. Arco. Ir. **7** - Hábito. Lari. **8** - Evo. Ria. **9** - Francisca. **10** - Net. Arreata. **11** - Azoar. Arroz.
VERTICAIS: 1 - AM. Pulha. Na. **2** - Liar. Há. Fez. **3** - Mad. Roberto. **4** - Imã. IVA. **5** - Dolo. Atonar. **6** - As. Soro. Cr. **7** - Mat. Vira. **8** - Caracol. Ser. **9** - Angra. Arcar. **10** - Ode. Viriato. **11** - Silharia. Az.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Norte
Vul: Todos

NORTE
♠A73
♥QJ64
♦K853
♣K8

OESTE
♠KJ92
♥3
♦J962
♣QJ93

ESTE
♠Q10654
♥10987
♦10
♣1072

SUL
♠8
♥AK52
♦AQ74
♣A654

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♦	passo	1♥
passo	2♥	passo	3♠[1]
passo	4♠	passo	4ST
passo	5♦	passo	6♥
Todos passam			

Leilão: Qualquer forma de Bridge.
1 — *Splinter*: curto a espadas e tentativa de cheleme; 2 — "Aceito o desafio!"
Carteio: Saída: Q♣. Qual a melhor linha de jogo?
Solução: Para se organizar bem o seu plano de jogo, é importante começar por contar as perdentes da mão base. A mão-base é a que tem mais trunfos, mas quando existe uma simetria então considera-se a mão mais forte em pontos de honra, Sul neste caso. A espadas e trunfo não existem perdentes, a ouros se houver uma distribuição 4-1 e mais duas perdentes a paus. No naipe de ouros estaremos dependentes da sorte, mas o naipe de paus pode ser tratado de maneira especial: dois cortes no morto resolver o problema. Mas, na quarta volta de paus, estaremos sob a possibilidade de um recorte, dado que um dos adversários já não terá para assistir, o que nos obriga a usar uma das figuras e a partir daí passamos a estar dependentes também de uma distribuição amigável do naipe de trunfo. É possível fazer melhor. Típico dos contratos com os trunfos 4-4, o maior objectivo é normalmente determinar qual o melhor lado para se efectuar dois cortes, mantendo intactos os quatro trunfos do outro lado. Aqui é fácil perceber que será mais simples cortar duas espadas na mão de Sul do que cortar os paus em Norte. Portanto, faça o Ás de paus (reservando o Rei no morto para mais tarde) e jogue espada para o Ás e espada cortada. Ás e Rei de trunfo permitem perceber que os trunfos estão 4-1, mas isso não nos impede de prosseguir com o plano idealizado: pau para o Rei e a última espada do morto cortada com o 5 de trunfo. 4 de ouros para o Rei do morto e Dama e Valete de copas para eliminar em definitivo os trunfos restantes. Ouro para a Dama e o Ás fará a 12.ª vaza do cheleme. Cheleme cumprido apesar das más distribuições dos naipes de trunfo e de ouros!

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
	1ST	passo	2♣
passo	2♠	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠KQ83 ♥94 ♦AK76 ♣QJ5
Resposta: Evidentemente que esta mão merece um esforço de cheleme. Após o Stayman a voz de 3♥, artificial, exprime o fit e as suas aspirações a cheleme. Se a resposta tivesse sido 2♥, então a voz indicada para o mesmo efeito seria 3♠.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.790 (Fácil)

	2			4	7			
			3	8				7
				2	6			
1		8		5			9	
6	4	7	2		9	3	8	5
	9			7		4		6
			5	3				
5				9	8			
			4	6			2	

Solução 12.788

9	4	5	8	3	2	7	1	6
7	1	8	5	9	6	3	2	4
2	3	6	1	7	4	9	5	8
6	2	9	4	8	7	5	3	1
5	8	4	2	1	3	6	9	7
3	7	1	6	5	9	4	8	2
1	5	7	3	6	8	2	4	9
4	9	3	7	2	1	8	6	5
8	6	2	9	4	5	1	7	3

Problema 12.791 (Média)

				8				3
5	1	6			7			4
						9	7	
					1		8	
9	2						1	7
	5		6					
	4	5						
2			9			3	4	8
1				3				

Solução 12.789

2	1	3	8	6	5	9	4	7
8	4	6	7	3	9	1	2	5
7	9	5	1	2	4	8	6	3
9	5	1	2	4	8	3	7	6
6	7	4	5	9	3	2	1	8
3	8	2	6	7	1	4	5	9
4	2	8	9	5	6	7	3	1
5	3	9	4	1	7	6	8	2
1	6	7	3	8	2	5	9	4

P2 Verão

CINEMA

O Tigre e o Dragão
AMC, 21h10
Filme épico sobre artes marciais chinesas que marca o regresso de um estilo de acção lendário e heróico. O realizador Ang Lee equilibra kung-fu e uma componente dramática e sentimental, transformando este filme numa fábula sumptuosa e mágica que nos transporta a um mundo quase onírico. Numa China imaginária, que terá existido apenas em sonho, o desaparecimento de uma espada legendária leva dois peritos em artes marciais a confrontarem-se com um perigoso assassino e com a sua protegida. Ultrapassando a lei da gravidade, as cenas de duelo, que parecem verdadeiros bailados, foram preparadas por Yuen Woo-ping, o mesmo encenador do kung-fu virtual de *Matrix*. O filme foi um sucesso surpresa em todo o mundo, tendo recebido o Globo de Ouro na categoria de melhor filme e Ang Lee foi premiado como melhor realizador. Nos Óscares, o filme, que contou com dez nomeações, incluindo a de melhor filme, foi galardoado nas categorias de melhor filme estrangeiro, direcção artística, fotografia e banda sonora original. Com Chow Yun-fat, Michelle Yeoh, Zhang Ziyi e Chang Chen.

A Morte Chega de Madrugada
TVCine Action, 2h40
Depois de terem provado o que sabiam fazer no terror com o primeiro *Evil Dead*, de 1981, um grupo de amigos de escola de Detroit, no Michigan, que incluía o realizador Sam Raimi e o actor Bruce Campbell, fez, seis anos depois, esta espécie de sequela, cujo início resume, mudando alguns elementos, o primeiro filme. Continua a ser numa cabana na floresta, com um espírito malévolo que veio de um livro, mas é muito mais cómico, uma comédia de terror com muito humor físico, um tom que continuou na segunda sequela e depois na série de televisão *Ash vs. Evil Dead*, que durou entre 2015 e 2018. Uma boa oportunidade para ver o talento em bruto de Sam Raimi, que seguiria para voos e orçamentos mais altos nas décadas seguintes.

SÉRIE

Salto de Fé
RTP1, 21h
Estreia. O padre de Castelo Novo, aldeia no Fundão, morre. É escolhido um novo detentor do cargo, o jovem padre Tiago (Diogo Valsassina), que anda de mota e toca guitarra e tem um trauma que o impede de mentir. Tudo isso vai chocar um pouco com a mentalidade conservadora da terra e, ao mesmo tempo, envolvê-lo em escândalos. Esta série de 13 episódios é a nova aposta cómica da RTP para o Verão. O elenco inclui nomes como Luísa Cruz, Frederico Amaral, João Didelet, Heitor Lourenço, Joaquim Nicolau, Jorge Mourato ou Beatriz Godinho. A escrita está a cargo de Ana Casaca, Gonçalo Pereira, José Pinto Carneiro, Susana Romana e Inês Gomes, enquanto a realização é de Jorge Queiroga.

Crimes nos Trópicos
Star Crime 22h
Estreia da quarta temporada. Novos episódios da série francesa de investigação de crimes de homicídio na ilha de Martinica, centrada em Melissa (Sonia Rolland), uma mãe solteira que nasceu na ilha mas passou bastante tempo em França, tendo só voltado quando a mãe morreu, e Gaëlle (Béatrice de la Boulaye), que conhece cada recanto da zona. No primeiro de oito episódios, há um homem de negócios que cria cavalos e é suspeito de ter matado o ex-padrasto, sendo que já era antes acusado de ter matado a ex-mulher.

Hotel do Rio
RTP1, 22h45
Último episódio. Chega ao fim a versão televisiva de *Mal Viver* e *Viver Mal*, o premiado filme de João Canijo passado num hotel familiar em decadência perto da costa no norte do país onde vivem várias gerações de mulheres. Com Anabela Moreira, Rita Blanco, Beatriz Batarda, Madalena Almeida, Cleia Almeida e Nuno Lopes, a minissérie mostra outras perspectivas e histórias de um fim-de-semana com três grupos diferentes de hóspedes.

DOCUMENTÁRIO

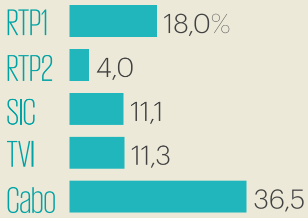
Piratas: Por trás das Lendas
National Geographic, 22h10
Os verdadeiros piratas das Caraíbas são o foco desta série documental de oito episódios, que olha para lá dos mitos e conta as histórias reais de vários nomes ainda hoje conhecidos. São eles Francis Drake, que circum-navegou o mundo, Grace O'Malley, rainha pirata da Irlanda, John Ward, que se tornou corsário do império Otomano e foi uma das inspirações para a personagem Jack Sparrow, Henry Morgan, William Kidd, o Barba Negra ou Anne Bonny e Mary Read.

Televisão

Os mais vistos da TV
Sábado, 3

	%	Aud.	Share
Supertaça: Jogo	RTP1	17,6	40,4
Supertaça: Entrega do T...	RTP1	9,2	24,6
Primeiro Jornal	SIC	7,0	21,5
TVI Jornal	TVI	5,8	17,6
O Nosso Mundo	SIC	5,7	21,9

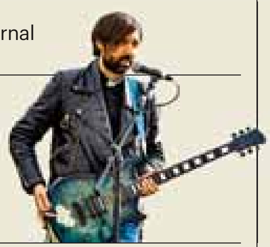
FONTE: CAEM



RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Hora da Sorte - Lotaria Clássica **14.30** Escrava Mãe **15.30** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.06** O Preço Certo

19.59 Telejornal



21.00 Salto de Fé

21.45 Joker

22.45 Hotel do Rio

23.45 Portugal Fenomenal

0.30 S.W.A.T.: Força de Intervenção

2.00 A Essência
2.15 Escrava Mãe

RTP2

6.26 A Fé dos Homens **7.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Triatlo) **9.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Atletismo) **10.40** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Ginástica) **13.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Equestre) **14.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Saltos para a Água) **17.30** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Atletismo) **21.00** Jogos Olímpicos de Verão - Paris (Canoagem Slalom) **21.30** Jornal 2 **22.01** Hotel à Beira-Mar

22.51 Folha de Sala

22.58 Mãe Fora, Dia Santo em Casa



0.35 Sangue em Viena **1.52** Excursões Air Lino **2.37** Prova Oral **3.53** Folha de Sala **3.59** Luís de Matos - Impossível **5.01** Afazeres do Mês **5.07** Raízes e Frutos **5.53** Folha de Sala

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.35** Querida Filha **16.00** Linha Aberta

16.45 Júlia

18.50 Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.00 A Promessa

22.45 Senhora do Mar

23.55 Papel Principal

0.50 Papel Principal

1.05 Travessia **1.50** Passadeira Vermelha **3.00** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **15.40** A Herdeira **16.20** Goucha

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.15 Dilema

21.55 Cacau

22.50 Morangos com Açúcar



23.55 Dilema **2.00** O Beijo do Escorpião **2.15** Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

18.30 Retaliação **20.00** O Engenheiro **21.30** Ela Disse **23.35** The Forgiven (2020) **1.30** Casa do Prazer

STAR MOVIES

18.04 O Mercenário **19.40** Desaparecido em Combate **21.15** O Regresso do Ninja Americano **22.43** O Massacre **0.22** Força Delta

HOLLYWOOD

17.30 King Richard: Para Além do Jogo **19.55** Skyfire **21.30** Nico - À Margem da Lei **23.15** Máquina Zero **1.15** Conspiração Terrorista

AXN

17.42 The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **22.54** A Rapariga do Capuz Vermelho **0.40** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas

STAR CHANNEL

17.11 Investigação Criminal: Los Angeles **18.52** Magnum P.I. **20.29** Hawai Força Especial **22.15** CSI: Vegas **23.03** Chicago P.D. **0.47** Magnum P.I. **2.13** Viúva Negra

DISNEY CHANNEL

16.30 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **17.15** Gravity Falls **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY

16.28 Mestres do Restauro **19.11** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Os Monstros do Triângulo das Bermudas **21.57** Assassino em Série: Ataques no Mar Vermelho **22.54** Tubarão da Florida

HISTÓRIA

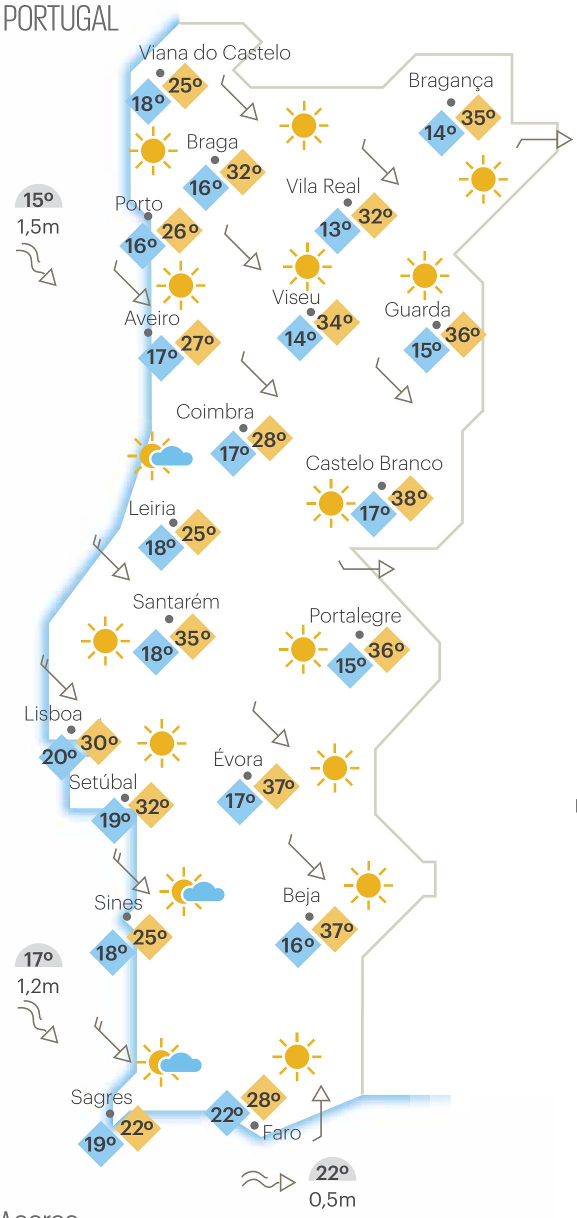
17.55 A Guerra Mundial: 1914-1945 **19.35** 25 de Abril: A Revolução dos Cravos **20.31** Tácticas de Guerra **22.15** As Serviçais de Hitler **23.53** Pablo Escobar: Operação Narco **1.18** As Serviçais de Hitler

ODISSEIA

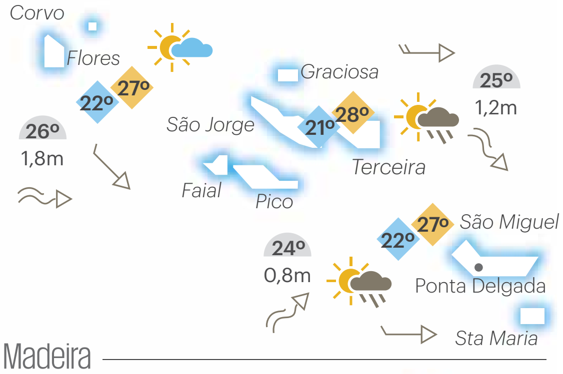
16.01 Planeta Predador **16.52** Planeta Terra **18.37** Clima Letal **20.20** Bangladesh **20.49** Viagens de Comboio Pelas Costas Britânicas

Meteorologia

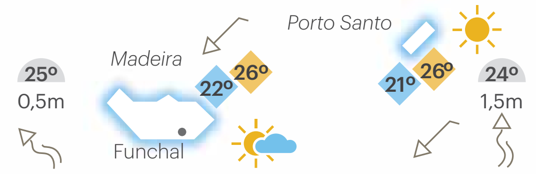
PORTUGAL



Açores



Madeira



MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 10h20	0,8	Baixa-mar 09h53	0,9	Baixa-mar 09h52	0,8
Preia-mar 16h37	3,4	Preia-mar 16h12	3,4	Preia-mar 16h19	3,3
Baixa-mar 22h52	0,7	Baixa-mar 22h25	0,8	Baixa-mar 22h21	0,7
Preia-mar 04h58*	3,1	Preia-mar 04h33*	3,2	Preia-mar 04h35*	3,0

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

	Terça-feira, 6	Quarta-feira, 7	Quinta-feira, 8
Mín. / Máx.	18º / 29º	17º / 28º	18º / 30º
Índice UV	M. alto	M. alto	M. alto
Vento	Moderado	Moderado	Fraco
Humidade	65%	61%	62%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

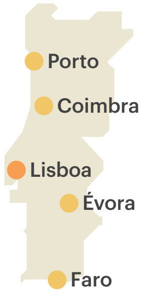
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 28 Jul.	424,93
Há um ano	420,83
Há dez anos	397,65
Semana de 21 Jul.	424,80
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso



SOL

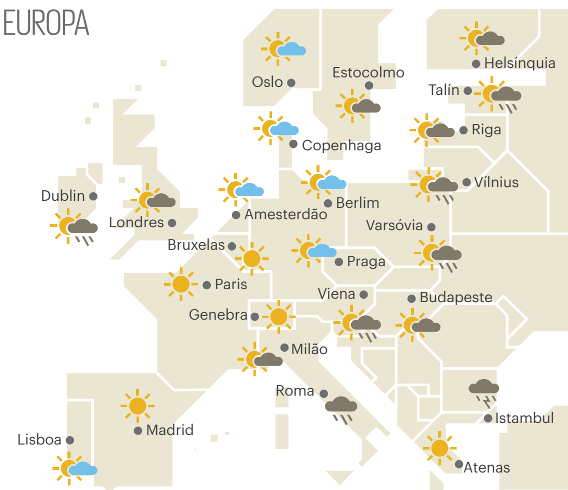
Nascente 06h42 · Poente 20h42

LUA

12 Ago.	16h19
19 Ago.	19h26
26 Ago.	10h28
3 Set.	02h55

Nascente 07h26 · Poente 21h36

EUROPA



TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	16	23	Roma	22	34
Atenas	24	34	Viena	13	24
Berlim	13	24	Bissau	25	29
Bruxelas	17	25	Buenos Aires	14	16
Bucareste	20	31	Cairo	26	37
Budapeste	14	26	Caracas	20	30
Copenhaga	13	21	Cid. do Cabo	10	15
Dublin	11	23	Cid. do México	14	24
Estocolmo	14	24	Dili	22	31
Frankfurt	15	25	Hong Kong	28	36
Genebra	16	29	Jerusalém	19	31
Istambul	21	31	Los Angeles	20	34
Kiev	17	27	Luanda	20	25
Londres	17	25	Nova Deli	26	33
Madrid	23	38	Nova Iorque	23	33
Milão	24	33	Pequim	24	34
Moscovo	15	24	Praia	25	29
Oslo	14	25	Rio de Janeiro	19	30
Paris	16	30	Riga	15	23
Praga	11	23	Singapura	27	33

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

BARTOON LUÍS AFONSO



Mais de dois mil manifestantes detidos na Venezuela

António Rodrigues

Procurador-geral garante que não há ordem de captura para a líder da oposição e para o candidato presidencial opositor

Pelo menos vinte mortos depois e mais de dois mil detidos, "para os quais não haverá qualquer perdão", garantiu o Presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, e está dado por terminado aquilo a que o chefe de Estado denominou como "surto fascista" e que os opositores e muitos países chamam "manifestações pacíficas" para repor a verdade dos resultados das presidenciais de 28 de Julho.

O procurador-geral venezuelano, Tarek William Saab, defendeu ontem a actuação das forças de segurança, apesar dos mortos e dos muitos detidos, e negou que haja qualquer ordem para prender a líder da oposição, María Corina Machado, e o candidato que enfrentou Maduro nas urnas, Edmundo González Urrutia.

"Eu quero ver essas ordens, quero vê-las, porque não existem", disse Saab à emissora colombiana Radio Caracol, citada pela Europa Press, sobre a informação posta a circular de que haveria mandados de captura em nome dos dois políticos da oposição. No entanto, como "há pessoas a incendiar edifícios públicos com pessoas lá dentro", o procurador fez saber que "qualquer dirigente que faça um apelo a actos relacionados com terrorismo" será, com certeza, "detido".

O procurador, embora reconhecendo que, "no passado", houve casos de "excessos" na repressão violenta de manifestações por parte de membros dos serviços de segurança, disse que desta vez isso não aconteceu. "Não há membros dos serviços de segurança envolvidos" nos actos violentos contra os manifestantes, mesmo com 20 mortos e cerca de mil feridos, disse Saab.

Para o procurador, a responsabilidade dos 20 mortos, número divulgado pela Human Rights Watch (HRW), é dos próprios manifestantes. "[São] 20 mortos produzidos pela própria violência dos manifestantes. Tentaram queimar a Câmara de Puerto Veracruz, no estado de Anzoátegui, e aí estavam dez pessoas. Tentaram queimar a sede do partido do Governo em El Tigre, e ali havia 20 pessoas dentro. E isso foi feito por manifestantes opositores violentos."

"Pergunto-lhes: será isso que está a dizer a HRW? É como se fossem eles os ajudantes de [Luís] Almagro", disse Saab, referindo-se ao secretário-geral da Organização dos Estados Americanos, que "pediu literalmente", segundo o procurador, que "a Venezuela fosse invadida".

MAXWELL BRICENO/REUTERS



O Presidente Nicolás Maduro falando aos seus apoiantes

Apesar de não se ter registado qualquer atentado em Caracas, que estaria a ser preparado por membros da oposição, como Maduro vaticinou na sexta-feira, o Ministério das Relações Exteriores, Justiça e Paz venezuelano informou, na rede social X, que foram apreendidas 156 armas de guerra destinadas a ser usadas em "acções violentas contra o povo".

De acordo com o vice-presidente para a área da Segurança Cidadã e a Paz, Remigio Ceballos Ichaso, a operação, uma "perfeita união cívico-militar-policial", evitou "todas as pretensões e intentos de golpe de Estado contra o Presidente Nicolás Maduro". Este é o segundo arsenal que as autoridades afirmam ter apreendido, depois da informação divulgada na quinta-feira de mais de 200 armas e partes de armas provenientes dos EUA terem sido descobertas. Entretanto, o Presidente Maduro está convencido de que os protestos da oposição estão "resolvidos" ou, como lhe chamou na sua retórica, o "surto fascista" foi superado, depois de 2000 pessoas terem sido detidas.

"Resolvemos com a Constituição e em paz o surto fascista. Temos 2000 presos capturados e de aí vão para [as prisões de] Tocorón e Tocuyito. Castigo máximo. Justiça", afirmou no seu discurso durante a manifestação de apoio ao Governo realizada frente ao Palácio de Miraflores, a sede presidencial em Caracas.

"Desta vez não haverá perdão. Desta vez será Tocorón. [Porque] é muito grave o que fizeram", garantiu. O Centro Penitenciário de Aragua, conhecido como Tocorón, é uma das prisões mais violentas da Venezuela.

Entre os crimes graves que terão cometido os manifestantes detidos, de acordo com Maduro, estão "todos os que derrubaram estátuas", em referência às estátuas do ex-Presidente Hugo Chávez, de Simón Bolívar, do cacique Coromoto e de José Gregorio Hernández, derrubadas durante os protestos.

Maduro falou de um filme que já todos viram na Venezuela e até se permitiu dizer que, no final, "ganham os bons", e, quando falava em bons, referia-se ao seu Governo e aos que o apoiam. Só que desta vez esses bons não iriam ser tão benevolentes com os maus, seria mais à Steven Seagal (o actor de filmes de acção que visitou a Venezuela em 2021 como enviado do Presidente russo, Vladimir Putin).

"Mas nesta terceira temporada vamos ganhar da melhor maneira e com mais força", disse Maduro, porque "ninguém poderá impor um clima de violência, ninguém nos levará para cenários golpistas", sublinhou o Presidente venezuelano, citado pela Europa Press.